



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS-PB**

ANTÔNIA ALEXANDRE BARBOSA

**METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS
E ESTRATÉGIAS GRÁFICAS NO *WHATSAPP* PARA A REDAÇÃO
ESCOLAR**

CAJAZEIRAS

2018

ANTÔNIA ALEXANDRE BARBOSA

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E
ESTRATÉGIAS GRÁFICAS NO *WHATSAPP* PARA A REDAÇÃO ESCOLAR

Dissertação apresentada à Coordenação do
Mestrado Profissional em Letras –PROFLETRAS,
UFCG/CFP, como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Luz Olegário

CAJAZEIRAS

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S238s Barbosa, Antônia Alexandre.
 Metamorfoseando a escrita: transposição de marcas e estratégias gráficas no WhatsApp para a redação escolar / Antônia Alexandre Barbosa. - Cajazeiras, 2018.
 172f.; il.
 Bibliografia.

 Orientadora: Profa. Dra. Maria da Luz Olegário.
 Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Proletras) UFCG/CFP, 2018.

 1. Língua portuguesa - ensino. 2. Escrita. 3. Produção textual. 4. WhatApp. I. Olegário, Maria da Luz. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'42(043.3)

ANTÔNIA ALEXANDRE BARBOSA

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras –PROFLETRAS, UFCG/CFP, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Luz Olegário

Aprovada em 22/02/2018.

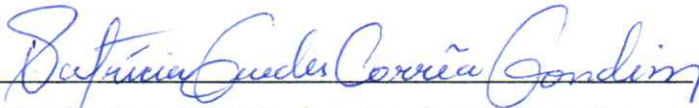
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria da Luz Olegário
UFPB/UFCG (Orientadora)



Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
UFCG/CFP (Examinadora 1)



Profa. Dra. Patrícia Guedes Corrêa Gondim
UVA (Examinadora 2)

Ao companheiro de todas as horas, Roseno Neto; aos colegas professores de Língua Portuguesa, com quem compartilho este doce desafio, que é ensinar a língua; e aos meus alunos, inspiração de toda a minha vida,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Vencidas tantas etapas, superados tantos obstáculos, é hora de parar e reconhecer o quão somos carentes do outro, o quão pouco faríamos sem partilhas, o quão pequenos seríamos sem aqueles que estão à nossa volta. O percurso desse trabalho foi marcado ora pela solidão e silêncio que exige de nós o processo de escrita, ora pela presença reconfortante de muitos que contribuíram para sua realização. Nessas linhas deixarei expresso o meu sentimento de gratidão.

Em primeiro lugar, ao Criador da Vida e da linguagem, ao Verbo que se fez carne, ao Espírito que ilumina todas as nossas ações. Dele recebi a força, a luz e a esperança para não desistir em face de tantos obstáculos.

Aos meus amados pais, que depositaram em mim tantas esperanças, tantos sonhos e amorosamente souberam ensinar os valorosos princípios que construíram minha personalidade.

Aos meus irmãos e sobrinhos, amigos leais, a quem sempre recorro para encontrar o apoio de que preciso para enfrentar as lutas do caminho.

À minha orientadora, professora Maria da Luz Olegário, ou mais afetuosamente Daluz, de quem recebi orientação e apoio, e, sobretudo, de quem recebi o estímulo para não fraquejar. Sua competência contrabalanceou minha inexperiência como pesquisadora e possibilitou a continuidade da pesquisa. Sua ternura e compreensão foram vitais para me fazer seguir adiante. Tal qual a orientação do mestre dos mestres, ensinou-me a lançar as redes e me deu liberdade para navegar pelos mares do conhecimento. Foi uma experiência desafiadora, mas inesquecível. Muito obrigada, professora.

À Coordenação do Profletras da UFCG/CFP, na pessoa da Professora Dr^a Rose Leite, que competentemente zela para oferecer aos mestrandos uma formação de qualidade, o que representa um ganho incalculável para os alunos das escolas públicas desse país. E ao Professor Onireves que nos encaminhou inicialmente nessa empreitada, que cuidou de cada mestrando como um pai que ama e compartilhou conosco tantos saberes. Toda a minha gratidão.

Aos colegas da terceira turma do Profletras Cajazeiras. Maior presente não poderia ter recebido que encontrar almas tão doces, profissionais tão competentes e

peessoas tão generosas. Com vocês aprendi e sorri. Tornaram-se preciosos para mim.

A toda equipe da EEFM Antônio Mota, na cidade de Antonina do Norte-CE, local em que atuo como professora e na qual desenvolvi minha pesquisa, o meu muito obrigada. Minha gratidão especialmente ao diretor Oscar Braga, secretária Carina Rodrigues, Coordenadora Rita de Cássia e às colegas Quelma Santos, Maria da Paz, Aila Cordeiro e Janiclei Alves, pela colaboração contínua ao longo do mestrado. Todos vocês fazem parte dessa pesquisa, pois muito do que aprendi foi através das discussões e experiências vividas nessa instituição.

Aos professores Elenilza Lima, Fabiana Sousa, Maria Alcântara, Fernandes, Esmeralda Braga e Joana Braga pelas contribuições importantes para a realização de minha pesquisa.

Aos meus alunos do nono ano que contribuíram amavelmente como sujeitos em minha pesquisa, sempre com um sorriso no rosto; para mim, uma mensagem de carinho e generosidade. Foi um gesto de cidadania. Muito grata.

Às professoras Clara Magda e Nádia Pinho. Duas meninas dotadas de determinação e sabedoria. Vocês foram a força de que precisava para realizar esse sonho.

A Edgar Alves pelos serviços prestados a esse trabalho.

Um agradecimento especial a minha Banca de Qualificação, nas pessoas da professora Dr^a Maria Nazareth de Lima Arrais e do Professor Dr. Jorgevaldo de Souza Silva, profissionais de extrema competência que trouxeram importantes contribuições para a conclusão desse trabalho. Esse agradecimento é extensivo à banca da defesa, pela disponibilidade em contribuir como examinadora de nossa dissertação.

Por fim, ao meu companheiro de vida, esposo e amigo, Roseno Neto. Sua bondade, compreensão e carinho nos momentos de ausência e nas horas de maior tensão foram os necessários suportes para essa conquista. Lembrarei do mestrado como o tempo em que decidimos ficar juntos para sempre. Dois sonhos adiados, hoje plenamente realizados. Todo o meu amor.

Escrever é necessário para aprender a escrever, mas não é suficiente. As atividades de ler e escrever consistem em participar na comunicação verbal humana. Para aprender a ler e a escrever, os alunos têm que participar de atividades diversas de leitura e escrita, com finalidades, interlocutores e modos de interação diversos. Mas, para aprender a complexidade dos usos escritos, é preciso haver atividades de ensino e aprendizagem que prevejam a existência de conhecimentos específicos relacionados com as particularidades dos gêneros escritos a ensinar.

Anna Camps (2000)

RESUMO

Muito se têm problematizado sobre os desafios do ensino da língua portuguesa, especialmente aqueles aspectos relacionados à produção escrita dos estudantes, visto que a modalidade escrita da língua é de extrema importância para a vida em sociedade. As contribuições teóricas nesta pesquisa centra-se nos seguintes autores Antunes (2010), Koch (2002), Koch e Elias (2012) e Marcuschi (2004), (2007), (2008), (2010) e (2011), com embasamento na Linguística textual. Para problematizar as transformações ocasionadas pela evolução tecnológica, com foco para o desenvolvimento da *internet*, apoamo-nos em pesquisadores interessados pela linguagem digital, estão no rol teórico Araújo e Biasi Rodrigues (2005), Araújo (2016), Caiado (2017), Crystal (2004), Galli (2010), Leffa (2012), (2016), Levy (1993), (1999) e Xavier (2011), visto que a escrita produzida nos espaços digitais apresenta características próprias com as quais a maioria dos estudantes estão em contato e uso diário. Mediante essa realidade, essa pesquisa teve como objetivo comparar as marcas linguísticas nos textos produzidos em sala de aula do nono ano do ensino fundamental com aquelas identificadas em sua escrita digital, mais especificamente nas conversas do *WhatsApp*, observando possíveis transposição de marcas e estratégias utilizadas na produção de mensagens nesse aplicativo para a produção textual escolar. Para a realização da pesquisa, foi escolhido como *corpus* a produção escrita escolar dos alunos de uma turma de nono ano do ensino fundamental e as mensagens de *WhatsApp*, sua preferência na *internet* e foi criado um grupo, estabeleceu-se uma interação e motivação dos estudantes pesquisados, o que qualificou nossa pesquisa como pesquisa netnográfica. Assim sendo, foi proposta a escrita de textos opinativos sobre o mesmo tema nas duas formas de escrita, texto escolar (escrita formal) e escrita digital (mensagem de *WhatsApp*) e procedeu-se às análises de acordo com as proposições de Koch e Elias (2012) e Antunes (2010), observando sobretudo as marcas de oralidade, as relações estabelecidas nos textos e nas mensagens, a obediência às convenções ortográficas, o uso de outras notações gráficas. Os resultados confirmaram o que já preconizava o referencial teórico: primeiro: a língua materna está totalmente segura quanto à sua estrutura; segundo, que os jovens desenvolvem estratégias como a brevidade e a informalidade de tal ordem que, sem um ensino qualificado, essa prática pode distanciar os estudantes cada vez mais das convenções da escrita, e, finalmente, que as mensagens de *WhatsApp* são materiais significativos e o uso adequado das mesmos pode contribuir para o aprimoramento da escrita formal. Esses resultados impulsionaram a concepção de uma proposta didática que nasce como fruto de nossas reflexões e se torna uma contribuição para a utilização das mensagens digitais como recurso pedagógico a ser utilizado no ensino da escrita e está organizada numa cartilha pedagógica contendo sugestões de atividades e o passo-a-passo de uma sequência didática.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino da Escrita. WhatsApp.

ABSTRACT

Much has been problematized about the challenges of teaching Portuguese, especially those aspects related to the written production of students, because the written form of the language is extremely important for life in society. The theoretical contributions in this research are centered on the following authors Antunes (2010), Koch (2002), Koch and Elias (2012) and Marcuschi (2004), (2007), (2008), (2010) and (2011) with a foundation in textual linguistics. In order to problematize the transformations caused by the technological evolution, with a focus on the development of the Internet, we rely on researchers interested in the digital language, are in the theoretical role Araújo and Biasi Rodrigues (2005), Araújo (2016), Caiado (2004), Galli (2010), Leffa (2012), (2016), Levy (1993), (1999) and Xavier (2011), since writing produced in digital spaces has its own characteristics with which most students are in contact and daily use. Through this reality, this research aimed to compare the linguistic marks in texts produced in the classroom of the ninth grade of elementary school with those identified in their digital writing, specifically in WhatsApp conversations, observing possible transposition of marks and strategies used in the production of messages in this application for school text production. In order to carry out the research, the written production of the students of a ninth grade class and the messages of WhatsApp, their preference in the Internet, was chosen as corpus and a group was created, an interaction and motivation of the students was established. students, which qualified our research as netnographic research. Thus, it was proposed to write opinion texts on the same subject in the two forms of writing, school text (formal writing) and digital writing (WhatsApp message) and proceeded to the analysis according to the propositions of Koch and Elias (2012) and Antunes (2010), mainly observing orality marks, relations established in texts and messages, obedience to orthographic conventions, use of other graphic notations. The results confirmed what was already the theoretical reference: first: the mother tongue is totally sure about its structure; secondly, that young people develop strategies such as brevity and informality of such order that, without a qualified teaching, this practice may distract students more and more from writing conventions, and finally that WhatsApp messages are meaningful materials and the proper use of them may contribute to the improvement of formal writing. These results stimulated the conception of a didactic proposal that emerges as the fruit of our reflections and becomes a contribution to the use of digital messages as a pedagogical resource to be used in the teaching of writing and is organized in a pedagogical booklet containing suggestions of activities and the step -to-step of a didactic sequence.

Key words: Portuguese language. Writing teaching. WhatsApp.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	18
3 LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE: INFLUÊNCIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS	21
3.1 Um novo tempo, novas formas de comunicação: cruzamento de linguagens.....	23
3.2 Gêneros digitais	29
3.3 Conversas no celular, a conexão 24 horas via WhatsApp.....	35
4 ESCRITA: REGISTROS PARA A POSTERIDADE	40
4.1 Escrita, para que te quero?.....	43
4.2 Concepções de escrita	47
4.3 A escrita na Web: nova forma de linguagem	52
5. ANÁLISE DOS DADOS: Apreciando as conversas no WhatsApp.....	63
5. 1. Escrita escolar: compromisso com a formalidade?.....	75
5.2.1 Marcas de oralidade.....	76
5.2.2 Explicitação de referentes.....	84
6.2.3 Estabelecimento de relações entre as partes dos textos	87
7.2.4 Obediência à norma.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS... ..	106
APÊNDICES.....	130

INTRODUÇÃO

À escola cabe sempre um questionamento sobre o que ensinar e como trabalhar com os conteúdos e instrumentos novos que se apresentam na sociedade, tendo em vista o cumprimento de sua função social. Dentre os conteúdos tradicionais trabalhados pela escola e ainda muito exigidos pela sociedade contemporânea, está o domínio da escrita formal. Considerando o ensino brasileiro como um todo, não se pode esquecer que sua eficácia está bastante questionada, à medida que se ampliam as exigências de capacitação dos cidadãos para viver num mundo repleto de informações, conteúdos e componentes tecnológicos cada vez mais complexos. A temática em questão torna-se mais pertinente quando nos deparamos com os resultados apresentados pelos alunos da escola pública, de modo específico, através de dados obtidos em avaliações institucionais. Tais resultados demonstram que a aprendizagem está muito abaixo do desejável, ou seja, a proficiência esperada em leitura e escrita. Segundo matrizes do Sistema de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE), dados de 2015, numa escala de 0 a 500, espera-se que os alunos atinjam 325 pontos para serem classificados no nível adequado (CAED, 2015). Apesar de uma pequena evolução apresentada nas últimas décadas e dos pontuais avanços recentes nas séries iniciais no ensino fundamental, essas metas estão longe de serem alcançadas.

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Mota, pertencente à rede estadual do Estado do Ceará, localizada no município de Antonina do Norte, pode ser um exemplo da realidade apresentada acima. Mais de 30% dos alunos encontra-se em níveis crítico e muito crítico na disciplina de Língua Portuguesa e somente 12% atingiu, nessa mesma coleta, o nível adequado, segundos dados obtidos no ano de 2015, pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) (CAED, 2015). Olhando para os resultados obtidos pelos alunos, quando avaliados no 5º ano, por exemplo, observamos uma queda vertiginosa no desempenho em comparação com os resultados obtidos no 9º Ano.

Enquanto isso, também na avaliação de 2015, dos alunos avaliados na 1ª série do Ensino Médio, por volta de 68% dos estudantes estavam nos níveis crítico e muito crítico e somente 1,4% atingiu nível adequado (CAED, 2015). E ainda, quando se contempla resultados da Avaliação de Redação do Exame Nacional do Ensino

Médio (ENEM), tem-se uma dimensão do quanto o ensino está aquém do que dele se espera. Em princípio, questionamos se há, no decorrer da vida escolar, uma involução do ensino, em razão dessa disparidade na avaliação, pois a cada elevação do nível detecta-se menor índice de aprendizagem. É nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio que os estudantes apresentam desempenhos mais distantes das metas projetadas. Justamente onde se encontram os adolescentes e jovens que estão mais diretamente sintonizados com as tecnologias emergentes e, portanto, fazendo uso da escrita.

Os dados apresentados abrem um leque de discussões, conjecturas e análises as quais buscam uma compreensão sobre as possíveis causas de tal insucesso. Neste trabalho não serão feitas análises mais gerais, visto que não será objeto de nosso estudo, embora consciente de sua pertinência. Esses dados são tomados como ponto de partida para uma visão geral da problemática do ensino, mas o olhar recairá para um foco mais específico da questão, pois, ao observá-lo, é possível perceber indícios de equívocos e/ou lacunas no ensino de Língua Portuguesa que contribuem para esse quadro e, quem sabe, entender, ao menos em parte, porque o ensino dessa disciplina não tem proporcionado a apropriação dos mecanismos da escrita formal pelos estudantes. Uma constatação quando se aprecia textos de alunos do nono ano do ensino fundamental: ao contrário do que se espera, de modo geral, essa escrita tem se apresentado bastante sucinta, pouco articulada, textos breves, organizados principalmente em períodos simples e, muitas vezes, sem complementação das ideias que o autor tenta expressar. Por outro lado, a maioria desses estudantes faz uso constante de mensagens escritas online, principalmente pelo aplicativo *WhatsApp*. Portanto, esses jovens efetivamente fazem uso da língua em sua modalidade escrita.

Considera-se pertinente como estratégia para os professores de Língua Portuguesa, nessa busca constante pela eficácia do ensino da escrita, trazer para o trabalho pedagógico as diversas produções digitais, presentes nas práticas sociais dos estudantes, e, apropriando-se dessas linguagens, observar se haveria intercâmbio nas estratégias utilizadas, com influência das mesmas sobre a produção textual convencional ou quem sabe propondo ações didáticas a partir dessas produções. Isso não implica desconsiderar que outros fatores sejam muito

relevantes para a pouca eficácia do ensino da escrita, mas tão somente delimitar nosso objeto de pesquisa.

O olhar se voltará inicialmente para os espaços internos da escola, considerando, nesse ambiente, dois momentos como fundamentais para entendermos como se dá o ensino da escrita: o planejamento escolar, responsável pelas escolhas e tomadas de decisão no que diz respeito à seleção de conteúdos, organização do ensino, seleção de materiais, formas de avaliação; e a sala de aula, se considerarmos que, na maioria das escolas públicas brasileiras, é o principal lugar, ainda hoje, onde as ações pedagógicas se efetivam, espaço no qual os estudantes liderados por seus professores empreendem (ou não) esforços e energia em busca do conhecimento. Incluir em nosso trabalho pedagógico as linguagens produzidas nas tecnologias digitais pode ser uma alternativa para melhorar a qualidade do ensino, já que grande parte dos alunos demonstra afinidades com os recursos tecnológicos recentes, a exemplo dos aparelhos celulares, e sentem-se mais motivados em aulas que se utilizam desses recursos do que naquelas aulas que fazem uso somente dos recursos tradicionais como o livro didático. A insistência pela manutenção das mesmas estratégias e dos mesmos recursos pedagógicos pode ser mais um fator que promove a indiferença às aulas, postura com que os profissionais da educação se deparam todos os dias na escola. E, resguardadas as complicações de ordem econômica, a escola precisa dar uma resposta aos apelos da juventude e da sociedade. É preciso que o planejamento escolar considere essas necessidades e que a sala de aula reflita o mundo e as linguagens nele veiculadas.

O ensino precisa ter uma estreita relação com a vida dos educandos. A linguagem, sobretudo, não pode ser separada dos contextos em que são produzidas. O ensino de língua não pode ser dissociado de seu uso efetivo. Hoje o uso da língua passa também pelos mecanismos e formatos produzidos pela tecnologia, assim é impossível dissociar esse contexto de produção da linguagem nos meios digitais do trabalho efetivo com o ensino da língua, em nosso caso específico, do ensino de língua portuguesa.

Tradicionalmente, o ensino de língua portuguesa objetivou a apropriação de sua variante padrão pelos estudantes. Não obstante, apesar de tantas outras formas de linguagem terem se desenvolvido, a aquisição dessa variante ainda é um fator preponderante no ensino de língua materna. Por sua vez, esse é talvez um dos

pontos de maior preocupação, pois a grande maioria dos estudantes não atinge os padrões esperados em nenhuma das etapas da educação básica. Pior ainda: a qualidade dessa escrita tem sido reduzida, apesar de, nos meios digitais, os jovens fazerem uso frequente dessa modalidade.

Parece contraditório, mas quando a escrita tem sido mais acionada, sua qualidade apresenta maior queda. Estaria a escrita digital influenciando a escrita convencional? As formas de expressão utilizadas nos meios digitais em muitos espaços da sociedade tornaram-se um desafio para a escola quando se observa que os limites dos usos das diversas linguagens, não são totalmente respeitados. Esse desafio consiste numa certa *contaminação* da escrita regular que não se restringe ao uso de vocábulos ou inclusão de símbolos próprios da linguagem digital, como os *emoctions*, por exemplo, mas, possivelmente, certa internalização das estratégias utilizadas pelos estudantes nos meios digitais de tal modo que se pode observar um novo modo de realizar a escrita quando esses mesmos usuários fazem uso dessa modalidade da língua. É possível constatar, sobretudo nas conversas online, a realização de uma escrita comprometida com a brevidade, muito marcada por truncamentos e expressões coloquiais mais comuns na modalidade oral. A linguagem do *WhatsApp*, muito utilizada em nossos dias, exemplifica bem essas características.

Interessa entender por que isso acontece e se essa realidade tem repercutido nos enunciados de estudantes em textos escolares. Não parece absurdo supor que os estudantes por estarem utilizando tão intensamente as mídias digitais, especificamente o *WhatsApp*, ao escrever textos escolares sejam levados a realizar rupturas ou outras interferências em seus enunciados. Estar atento a essas questões parece relevante. Assim, a questão norteadora que orientará este estudo será: que marcas linguísticas podem ser identificadas nos textos produzidos em sala de aula e como esta se assemelha às conversas no *WhatsApp*?

A hipótese considerada é que há muitas implicações nos processos de produção textual advindos dos usos frequentes da linguagem digitais, não necessariamente nocivas, mas que precisam ser entendidas e experienciadas na prática pedagógica, pois os estudantes estão convivendo com essas linguagens e, de certa forma, trazem alguns traços das mesmas para a escrita convencional, sem que se saiba como e em que medida isso acontece. Assim, é possível afirmar

hipoteticamente que vestígios da oralidade (como rupturas nos enunciados) presentes nos textos produzidos pelos alunos do nono ano do ensino fundamental ocorrem, em parte, pelo uso cotidiano das linguagens digitais.

Tendo em vista a melhor compreensão da questão levantada, assim como buscando o direcionamento da pesquisa, definimos como objetivo geral desse estudo: comparar as marcas linguísticas nos textos produzidos em sala de aula do nono ano do ensino fundamental com aquelas identificadas em sua escrita digital, mais especificamente nas conversas do *WhatsApp*; e como objetivos específicos: a) identificar nas conversas do *WhatsApp* marcas linguísticas referentes a essa tipologia textual; b) identificar nos textos produzidos em sala de aula do nono ano características dessa linguagem digital; c) propor estratégias pedagógicas para o professor de LP utilizar o *WhatsApp* na produção textual em sala de aula.

Essa proposta está em sintonia com a linha de pesquisa “Leitura e produção textual e práticas docentes”, adotada pelo Mestrado Profissional em Letras – Profletras, uma das linhas de pesquisas ligadas à área mais abrangente: “Linguagens e Letramentos”, justificando e ratificando a importância de sua escolha. Além dessa motivação, um outro fator impulsiona a pesquisa: os estudantes estão cada vez mais ligados aos gêneros digitais, sobretudo às redes sociais, investindo nelas tempo e fazendo delas espaços de comunicação e aprendizagem constantes. Nesses espaços virtuais, os participantes aprendem uns com os outros e esses conhecimentos, “mesmo não sendo necessariamente os escolares, integram-se à bagagem cultural dos alunos, embora não costumem ser valorizados nem pelos professores, nem pela escola” (GOMES, 2016, p. 82). Cabe à escola utilizar essa motivação e essa possibilidade de aprendizagem, das quais nem sempre se dispõe no trabalho em sala de aula, para realizar sua função social.

Outra justificativa para esse estudo está na busca por contribuir para a melhoria da educação básica de modo geral e de Língua Portuguesa de modo especial. A modalidade escrita é muito acionada tanto nos novos espaços de comunicação quanto nos ambientes tradicionais. Sem o seu domínio, o cidadão perde acesso à boa parte dos processos comunicativos. Pode-se viver sem ela, mas há situações em que seu domínio é crucial no sentido de conferir empoderamento sobre muitos dos problemas sociais que estão à volta. Assim, considerando a necessidade do ensino da escrita bem como suas lacunas e dificuldades no trabalho

em sala de aula, é coerente reafirmar a necessidade de se investigar as possíveis interferências da linguagem digital e, principalmente, realizar intervenções pedagógicas capazes de traduzir essas interferências em ferramentas a favor da qualidade. Nessa perspectiva é que o desejo de mudança prevalece para empreender esforços e aprofundarmos o olhar sobre essa temática, esperando contribuir para um uso produtor desses produtos textuais, hoje tidos por alguns como nocivos ao ensino da língua.

Esta pesquisa se iniciará por uma breve descrição da metodologia adotada na pesquisa. Em seguida, será apresentada uma discussão acerca de linguagem e seu uso na contemporaneidade, refletindo sobre as influências das mídias digitais e as estratégias empreendidas em seu uso e possíveis influências sobre a linguagem escrita. Além disso, se situará a escola nesse contexto, como ela tem se posicionado frente às novas linguagens e em que medida tem se apropriado dos recursos tecnológicos disponíveis. Isso porque os alunos estão inseridos numa sociedade digital como propõe Gomes (2016): “as pessoas hoje escrevem, fotografam, filmam, compõem textos com imagens, áudio e vídeo e compartilham produções [...] estão mais interessados na manutenção de relacionamentos”. A escola não pode simplesmente desconsiderar essa realidade ou esperar que essas novas práticas em nada interfiram no ambiente pedagógico. É crucial que as instituições escolares se apropriem e aprendam a gerenciar as diferentes ferramentas tecnológicas, fazendo uso adequado das mesmas e colocando-as a favor do ensino.

O segundo aspecto da discussão, tema do segundo capítulo, apresentará uma leitura sobre a escrita e os mecanismos aplicados em sua evolução, fazendo uma breve incursão pelas abordagens historicamente situadas. Afunilando a reflexão, abordar-se-á sobre a escrita produzida nos bate-papos da internet, dando especial atenção para a linguagem utilizada no *WhatsApp*.

No terceiro capítulo, âmago da pesquisa, serão trazidas as observações e reflexões acerca da análise das mensagens de *WhatsApp* e dos textos dos alunos à luz das contribuições de Koch (2012) e Antunes (2005), e serão apresentadas as reflexões advindas da comparação entre as duas escritas- modo convencional do modo digital - trazendo elementos que possam ser indicativos para um trabalho em sala de aula.

No quarto capítulo, será apresentada a contribuição ao ensino de Língua Portuguesa apontando algumas possibilidades para uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica, e, ao final, uma proposta didática detalhada para ser aplicada aos estudantes do nono ano do ensino fundamental, qual seja uma sequência didática para a produção do gênero artigo de Opinião, trabalhando em seu curso com a retextualização de mensagens do *WhatsApp*.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

A proposta de intervenção, documento complementar desta dissertação, teve como apoio a concepção de Marcuschi (2001) sobre a retextualização incluindo nas atividades as operações de eliminação e inserção, substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. Para sua aplicação, o professor fará uso de materiais digitais que deverão ser construídos online via *WhatsApp* Messenger, com alunos de 9º ano do ensino fundamental. Trata-se de uma sequência didática trabalhando com o gênero artigo de opinião e organizada em torno de sequência textual argumentativa, iniciada no meio digital e trazida para a modalidade escrita impressa. Toma-se por base o esquema de Sequência Didática descrito por Dolz et al. (2004). Espera-se que, através da Sequência Didática, os alunos adquiram e/ou aprimorem as competências e habilidades em escrita de textos argumentativos, desenvolvendo as capacidades linguísticas, principalmente no que diz respeito à melhor articulação de enunciados complexos.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caracteres qualitativos, cujos procedimentos metodológicos são adotados pela etnografia que tem como característica básica a aproximação entre pesquisador e pesquisados. Cabe, pois, ao pesquisador aproximar-se do mundo dos pesquisados não para aprender ou ensinar, mas para compartilhar saberes tendo em vista a elaboração de conhecimentos novos ou a absorção de elementos desconhecidos que possam contribuir para a elaboração de novos conhecimentos. O etnógrafo “não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, e emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados” (HINE, 2000, p.47).

Segundo Montardo e Rocha (2005) a transposição dessa metodologia para o estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador recebe o nome de netnografia, ou etnografia virtual. Adotar-se-á neste estudo o termo netnografia, observando as palavras de Kozinets (2007) para quem o pesquisador, quando vestido de netnógrafo, transforma-se num experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa.

Amaral (2007), apoiada em Kozinets (2007), apresenta quatro procedimentos básicos para o desenvolvimento da netnografia, que são os seguintes: a) Entrada cultural; b) Coleta e análise dos dados; c) Ética de Pesquisa; d) Retorno e checagem de informações com os membros do grupo. Conforme os estudos da autora, esses procedimentos não se dão necessariamente nessa sequência.

Neste estudo, os procedimentos previstos por Amaral (2007) serão contemplados na seguinte perspectiva: o lócus da pesquisa será a EEFM Antônio Mota, escola da rede estadual do estado do Ceará, no município de Antonina do Norte, onde atuamos como professora de efetiva regência em Língua Portuguesa - nessa escola trabalhamos com a última série do ensino fundamental e Ensino Médio; a opção pelo nono ano ocorreu porque, além de ser a única série do ensino fundamental na Unidade Escolar, entende-se que nesse nível de ensino os alunos já deveriam apresentar uma escrita mais elaborada, fazendo uso de mecanismos de coesão mais complexos e produzindo textos mais formais; com os alunos dessa

turma se formou um grupo no WhatsApp que permitiu a interação escrita, incluindo aí os alunos cujas produções constituirão o *corpus* desta pesquisa;

Ao se buscar a viabilidade deste estudo, o planejamento se deu a partir dos seguimos passos que encaminham à consecução dos objetivos, quais sejam:

2.1 Observação sobre o uso das redes sociais, com atenção voltada às estratégias e registros e a possibilidade de utilização desses textos digitais como ferramenta para contribuir na melhoria da qualidade da escrita formal. Para isso, foi realizada inicialmente uma pré-pesquisa com 75 estudantes do nono ano, em três turmas de duas escolas públicas no município de Antonina do Norte - CE, a saber, EEF 08 de maio da rede municipal e EEFM Antônio Mota, pertencente à rede estadual e lócus desta pesquisa, com o objetivo de conhecer: o quantitativo de alunos usuários de redes sociais e qual a rede social preferida entre os pesquisandos; o que costumam fazer na rede e, em termos de uso da escrita, como se sentem ao utilizar a escrita em meios digitais em comparação com a escrita utilizada na escola. Essa pré-pesquisa auxiliou na definição dos instrumentos de trabalho.

2.2 Seleção da rede social. Em enquete realizada, tendo como objetivo a definição da pesquisa, confirmou-se que o aparelho celular supera qualquer outro suporte para o acesso dos jovens estudantes à internet. Dentre as redes sociais em uso, 100% os dos usuários consultados em turmas de nono, 71 alunos no total, no município de Antonina do Norte-CE, em novembro de 2016, revelou a utilização do *WhatsApp* um aplicativo de mensagens instantâneas para *Smartphones*. Os estudantes revelaram que é no celular que acessam seus conteúdos na internet, na maioria das vezes, assim como fazem desse aparelho o seu instrumento de comunicação permanente, e passam boa parte de seu tempo fora da escola conectado com os amigos em grupos criados por esse aplicativo. Foi determinante essa descoberta para a definição do objeto desse estudo. Ficou evidenciado o uso preferencial do aparelho celular e a opção pelo *WhatsApp* como instrumento de comunicação.

2.3 Formação do grupo da turma e compartilhamento de informações em conversas espontâneas, cujos assuntos circulavam em torno de atividades dia a dia, esportes, relacionamentos, comportamentos, comentários sobre lanches, festinhas,

entre outros. Por vezes registravam reclamações sobre assuntos escolares e até pequenos desentendimentos.

2.4 Tendo como objetivo o levantamento de materiais para análise comparativa, propôs-se aos alunos uma discussão sobre o tema Bullying e Cyberbullying utilizando aplicativo *WhatsApp Messenger*. Os alunos aceitaram a proposta e pode-se contar com a participação de toda a turma (9º Ano “A” da EEFM Antônio Mota, Antonina do Norte-CE). Os alunos que não dispunham de aparelho *smartphone* fizeram uso de celulares de outro membro da família. Assim, todos os alunos foram adicionados ao grupo da turma, e, com data e horário ajustado com os mesmos, procede-se a uma discussão online via *WhatsApp*. Para isso, foram apresentadas questões motivadoras sobre as quais os alunos deveriam refletir e apresentar seu posicionamento. Além disso, poderiam contrapor ou reafirmar ideias defendidas pelos colegas durante a discussão.¹

2.5 Captura das mensagens dos alunos através de captura do celular e análise desse material escrito à luz do referencial teórico. Dessas análises, fizeram-se algumas observações sobre as quais se procede a uma breve descrição.

2.6 Análise dos textos escolares² em comparação com os textos de *WhatsApp*. Os textos analisados foram produzidos individualmente, abordando o mesmo tema debatido *no WhatsApp*. Em ambos os casos são textos opinativos sobre a mesma temática. Nos dois momentos de análise foram adotadas as seguintes categorias: I - marcas de oralidade, observando as subcategorias não explicitação de referentes, justaposição de enunciados e truncamentos, conforme as contribuições sobre fala e escrita apontadas por Ingedore Koch (2012); II - relações textuais, nas subcategorias reiteração, associação e conexão, apontadas em Antunes (2005) como mecanismos responsáveis pela coesão textual; e III - obediência à norma, observando o uso de sinais de pontuação, desvios de ortografia e uso de outras notações gráficas.

¹ Essa produção, quando da análise, será reconhecida como Texto do *WhatsApp* (Tw) seguido de sua numeração.

² Por Redação escolar ou texto escolar entende-se como propõe Marcuschi (2005), para quem a redação escolar trata-se de um gênero textual, pois atende a um propósito sociocomunicativo, embora esse propósito tenha como foco uma demanda dentro da própria escola. De acordo com a autora, a redação escolar é uma atividade que, mesmo quando transpõe os muros da escola, mantém a mesma função sociocomunicativa, qual seja, tratamento do texto como objeto de ensino. Dessa forma, a redação escolar serve aos objetivos pedagógicos escolares com a escrita. Escreve-se para aprender a escrever. Será identificado como Texto escolar e suas respectivas numerações.

3 LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE: INFLUÊNCIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS

A ascensão do virtual provoca a do atual, mas a primeira desenvolve-se mais rápido que a segunda.

Lévy, 1999

Em busca de solução para seus problemas, o homem produziu a tecnologia, soluções criativas que o ajudaram desde os mais remotos tempos a vencer as adversidades do ambiente. Da descoberta do fogo, passando pela invenção dos primeiros instrumentos de caça até nossos dias, o homem foi engenhoso e muito bem-sucedido em sua produção tecnológica. A ciência evoluiu tanto que cada vez mais proporcionou o aperfeiçoamento das técnicas e criou meios antes não imaginados. Quanto mais evoluem as técnicas mais produtos sofisticados são criados e rapidamente substituídos por outros mais complexos. O mundo ganhou velocidade e as comunicações tornaram-se cada vez mais eficiente, mas as relações também foram transformadas nesses processos de mudança.

Xavier (2011) afirma que toda tecnologia é um conhecimento criado, desenvolvido e aplicado para resolver os problemas de limitações físicas e intelectuais do homem, isso se confirma quando refletimos com o autor sobre o aumento da velocidade e os ganhos de produtividade assim como de qualidade que se tornam visíveis tanto na realização de atividades quanto na produção de artefatos, quando uma nova tecnologia é desenvolvida. As conquistas tecnológicas, ao longo da história humana, propiciaram mudanças em seu comportamento e facilitaram a realização de muitas atividades complexas, cansativas e por vezes perigosas, assim, na maioria das vezes, a tecnologia facilitou a vida humana.

Na perspectiva de Xavier (2011), observou-se que as tecnologias são promotoras do desenvolvimento social, cultural e econômico, imprimindo à marcha da humanidade suas marcas e construindo a civilização humana em diversos níveis e estágios. Dentre as grandes conquistas tecnológicas da humanidade destaca-se a aquisição da linguagem, habilidade surgida no último estágio da civilização, a do *Homo Sapiens*, diferenciando definitivamente o ser humano das outras espécies. A linguagem é, pois, a tecnologia mais significativa para a concretização da condição humana. Através dela o homem pode articular e planejar o seu fazer, trata-se de

uma tecnologia que potencializou a evolução das demais tecnologias. Mediante essa constatação é que o autor afirma:

Cabe à linguagem a responsabilidade de coordenar o processamento dos dados acessados pela percepção ativada e transmitida pela rede neural (audição, visão, tato, gustação e olfato). Ela orienta o tratamento cognitivo que tais dados receberão seja do raciocínio, seja da memória, seja da imaginação. Em uma palavra, a linguagem gerencia a racionalidade, condição essencial à evolução tecnológica da humanidade (XAVIER, 2011, p. 32).

A perspectiva aqui assumida se associa ao do autor, considerando que a linguagem possibilita a organização, a transmissão e a ampliação do conhecimento, combinados de estratégias que foram fundamentais para a evolução da humanidade. Entretanto, a linguagem não só contribui para os avanços tecnológicos, mas também evolui constantemente a partir dos novos instrumentos e equipamentos criados. Assim foi quando surgiu a escrita e a posterior invenção da imprensa. Entre outras situações de impacto sobre os modos de comunicação, pode-se citar a transmissão radiofônica, a telefonia, a criação da televisão. Todos esses incrementos tecnológicos significaram mudanças, pois criaram novos hábitos que foram internalizados pela cultura humana, e mesmo que a seu tempo tenham provocado muitas e acaloradas discussões sobre seu valor e necessidade, trouxeram também facilidades e algum grau de bem-estar às pessoas, em detrimento de suas desvantagens. Por exemplo, mesmo a televisão trazendo uma cultura de massa que provocou a formação ou aprimoramento de hábitos nefastos como consumo de álcool, tabaco e produtos descartáveis de toda natureza, não se pode negar sua contribuição para a popularização da cultura literária, a oportunidade de educação à distância, superando o problema da falta de professores, entre outras vantagens que se poderia citar.

No último século, a informática trouxe novos costumes e intervenções sobre a vida e a cultura, especialmente com o desenvolvimento da *internet* que se ampliou tão rapidamente a ponto de, em menos de três décadas, ocupar todos os espaços da atividade humana de modo impressionante e irreversível, produzindo transformações significativas sobre as ações, comportamentos e, de modo mais expressivo, sobre a comunicação humana.

Na perspectiva de Xavier (2011), as alterações sobre os processos da linguagem, sobre os recursos utilizados em sua produção e sobre sua estrutura são consequências naturais das inovações tecnológicas. É pertinente uma discussão acerca da linguagem e seu uso na contemporaneidade, refletindo sobre as influências das mídias digitais, as estratégias empreendidas em seu uso e possíveis influências sobre a linguagem escrita. Além disso, situar a escola nesse contexto, como ela tem se posicionado frente às novas linguagens e em que medida tem se apropriado dos recursos tecnológicos disponíveis.

3.1 Um novo tempo, novas formas de comunicação: cruzamento de linguagens

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança
Tomando sempre novas qualidades.

Luiz Vaz de Camões

As palavras proféticas de Camões, já no século XVI, parecem apontar o mundo que se presenciou hoje. Um mundo revolucionado pelas inovações tecnológicas surgidas nos anos 1970 e velozmente ampliadas, transformando a comunicação e seus processos num caldeirão de novidades que produzem novos hábitos e condicionamentos, alterando as interações da atualidade, inclusive do ponto de vista linguístico. O final do século XX ficou marcado pela aceleração do processo de globalização, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico, impulsionados, sobretudo, pelo comércio e pela migração, os quais proporcionaram a disseminação do conhecimento.

Uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia (GALLI, 2010). O mundo mudou e com tal velocidade que produziu efeitos impactantes nas últimas décadas, alterando costumes e comportamentos. Dentre as principais conquistas humanas relativas ao avanço tecnológico, pode-se destacar a *internet* pela alteração provocada no que diz respeito às possibilidades por ela viabilizadas, incluindo aí a agilidade nas comunicações interpessoais, o acesso às informações em tempo real, a facilidade proporcionada para a realização de

compras, pesquisas, contratação de serviços, acesso e controle de transações bancárias, ou seja, a *web* revolucionou a sociedade e, nesse contexto, produziu alterações também na linguagem, pela inclusão das novas tecnologias e seus múltiplos recursos. Além disso, somou-se às linguagens humanas já existentes a linguagem digital, a qual trouxe inovações aos processos de comunicação.

Segundo Crystal (2004), foi a partir dos meados dos anos de 1990, que se intensificaram as perspectivas de análise do ponto de vista social, com ênfase para seu impacto sobre as pessoas em detrimento da tecnologia. A partir daí, os olhares voltaram-se mais para o papel da linguagem no contexto tecnológico. O autor destaca a importância do componente linguístico no contexto da *internet*, alegando que se a *Internet* é uma revolução, é provável que seja uma revolução linguística. Nessa perspectiva, em princípio, essas mudanças se dariam proporcionalmente ao ocorrido mediante as tecnologias anteriores. Observando ainda que muitas das expectativas que se tinha na fala e na escrita em outros contextos sofrem rupturas nesse novo espaço interativo. A linguagem, em si mesma uma tecnologia indispensável ao desenvolvimento dos sujeitos (XAVIER, 2011), toma novas formas e as tecnologias permitem o estabelecimento de novas conexões. Pessoas hoje podem se comunicar mesmo morando em extremos do planeta. Isso implica em interações novas, visto que a língua não será suficiente para estabelecer as novas conexões. Além disso, as limitações de tempo imprimidas pelos contextos sociais contemporâneos interferem sobre os processos comunicativos. Foi preciso criar mecanismos que viessem a suprir as lacunas provocadas pelo não domínio das línguas, pelos novos ritmos e contextos sociais. Dinâmica por natureza, a linguagem ganhou novos desenhos. Assim se associaram ao código convencional já internalizado a apropriação de novos símbolos, novas sintaxes, na tentativa de produzir sentidos de forma mais rápida sem perder a eficiência.

É relevante destacar que, se por um lado a *internet* incentiva ações novas que permitem profundas mudanças sociais, por outro lado ela também permite o surgimento de novos modos de operação cognitiva. Em Crystal (2004), indaga-se em que medida nosso comportamento linguístico foi alterado na *internet* de modo a ser considerado revolucionário. O autor questiona se na internet são produzidos dialetos distintos, dependendo da origem de seus usuários ou ainda se trata de usos idiossincráticos não possíveis de serem classificados. Em sua pesquisa, ele

descreve algumas implicações linguísticas referentes aos usos da linguagem na internet.

De acordo com os estudos de Crystal (2004), há, por um lado, a linguagem da web que traz elementos próprios dos diversos discursos da sociedade (legal, religioso, literário, científico, jornalístico, entre outros. Noutra perspectiva, há a linguagem mais próxima da conversação face a face, tais como as desenvolvidas nos *chats*, *e-mails*, mundos virtuais, especialmente nos ambientes de interação, onde, embora se faça uso da escrita, prevalecem muitos elementos constitutivos da linguagem oral. São essas linguagens produzidas nas mensagens instantâneas, em tempo real, linguagem carregada de marcas da informalidade, muitas vezes despojadas de qualquer “moderação”, mas que servem perfeitamente aos objetivos comunicativos dos usuários as mais produzidas e acessadas pelos jovens e adolescentes diuturnamente. Escreve-se como quem fala, muitas vezes, há uma despreocupação com qualquer censura, criam-se formas de dizer, aceitas pelos usuários que se afastam dos padrões convencionais da escrita. Esta pesquisa caminha na mesma linha de pensamento que esse autor.

Araújo e Biasi Rodrigues (2005), nessa mesma perspectiva, identificam na natureza da escrita que se desenvolve na *internet* certa primazia de estratégias orais sobrepondo-se às estratégias da escrita. Esses autores polemizam quando trazem essa tese, mas sua argumentação procede quando se analisa que as formas de comunicação predominantes hoje nos espaços virtuais são simultâneas, em tempo real, ou seja, há um planejamento, mas esse modo de produção não permite que seja mais elaborado, os interlocutores a constroem simultaneamente ao ato de comunicação. Essas estratégias aproximam-se sobremaneira das estratégias de linguagem oral. O resultado é uma escrita carregada de elementos extralinguísticos, muitos truncamentos, entre outras marcas próprias da escrita utilizada na produção dos textos digitais.

Não obstante tantos ganhos advindos da linguagem nos meios digitais, uma vez que as possibilidades de comunicação se ampliaram, advêm daí muitas preocupações e desafios para a escola. Necessariamente essa linguagem chegou à sala de aula. Porém, não há efetivamente a apreciação dessas produções linguísticas produzidas pelos jovens e adolescentes em ambientes digitais, permanecendo muitas vezes o ensino de conteúdos tradicionais na escola e

negligenciando essa produção que é real e significativa para seus usuários. Inicialmente vista como invasora, ou seja, entendida como um mal à língua, na escrita e na oralidade dos educandos, pôde-se perceber as marcas desse convívio, mas não foi acolhida e trabalhada pelos professores, ao contrário, por parte de muitos educadores houve mais a preocupação em coibir os usos dessa linguagem na produção escolar. Nada condenável; é preciso que se ressalte, uma vez que sempre se colocou para os professores de língua materna a responsabilidade pelo ensino da variedade formal da língua. É, portanto, compreensível que a chegada de expressões com ortografia e léxico nada convencionais causasse certa preocupação.

Posteriormente, a escola impulsionada pelo desenvolvimento da *internet* incluiu em seu currículo alguns gêneros que se desenvolveram no espaço cibernético. Tal inclusão foi apontada como necessária por alguns pesquisadores, dada a necessidade de a escola manter com a sociedade e suas experiências comunicativas um laço mais estreito.

As práticas pedagógicas não podem passar ao largo das práticas discursivas que se atualizam efetivamente na sociedade (...) ao contrário, a escola deve promover, sempre que possível, experiências autênticas dos novos usos da linguagem na Internet e oportunizar aos alunos um reconhecimento dos gêneros (hiper)textuais que circulam na sociedade letrada, muitos dos quais fazem parte do cotidiano deles. (ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 13)

Conhecer e se apropriar e desenvolver na escola as práticas discursivas da sociedade não descarta hoje a necessidade de conhecermos não somente os gêneros, mas a sua linguagem: como essa linguagem é produzida, como ela é armazenada, como se dão os processos de sua produção, em suma faz-se necessário adentrar o universo virtual para compreender a linguagem nele desenvolvida e, principalmente, compreender as influências dessa linguagem no contexto escolar. Para tanto, faz-se necessário estabelecermos um conceito para espaço ciberespaço.

Quando se fala em espaço cibernético, está se referindo a quê? Segundo Lévy (1999), a expressão ciberespaço foi usada inicialmente por William Gibson em 1984, em seu romance *Neuromancer*, para designar o universo das redes digitais.

Essa obra, de acordo com Lévy, apresenta o ciberespaço como palco de grandes disputas multinacionais e nova fronteira cultural e econômica, onde as nações protegem informações secretas que viajam o mundo trocando e se transformando. Somente heróis acessam esse espaço e podem compartilhar desse “oceano” de dados. O termo passou a ser utilizado pelos usuários e produtores de redes digitais compondo um universo virtual que se denominou de cibercultura. No entanto, o próprio Lévy (1999) define ciberespaço “como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”

Refletindo sobre esse conceito, Galli (2010, p. 152) afirma que:

Pode-se dizer que a internet é um meio de comunicação que se enquadra no dispositivo “Todos e Todos”. Ela proporciona a interação entre locutor e interlocutor, uma vez que, na rede, qualquer elemento adquire a possibilidade de interação, havendo interconexões entre pessoas dos mais diferentes lugares do planeta, facilitando, portanto, o contato entre elas, assim como a busca por opiniões e ideias convergentes. Uma prova da eficiência da internet em construir esse ideal de propagação de mensagens e opiniões, está na multiplicidade de temas que podem ser encontrados nela. Além dos sites, as listas de discussões, que agregam pessoas interessadas em um dado assunto, também merecem consideração.

Partindo das afirmativas postas pela autora acima, pode-se pensar que o espaço cibernético é amplo, cheio de possibilidades de propagação dos diversos dizeres, de certa forma democrático, construído num ambiente que não existe fisicamente, mas somente no plano virtual. Ou seja, as informações são virtualizadas e, mediadas por computadores, os indivíduos podem nele estabelecer contatos, desenvolver relacionamentos e ter acesso às informações disponíveis.

Merece menção, pela imagem criada, a afirmação de Gibson (1986) que traduz o ciberespaço, conforme Snyder (2009, p.23) como uma “matriz de sistema brilhante de vigas cruzadas de desdobramento lógico através do vácuo sem cor” e como uma “alucinação consensual”. A imagem forja uma reflexão sobre a lógica das informações e cruzamentos na rede. Parece mesmo uma alucinação toda essa gama de conteúdos disponíveis numa esfera virtual. Entretanto, o adjetivo consensual atenua o caos da imagem, apontando para uma lógica e uma aceitação dessa lógica pelos usuários que aderem e criam pouco a pouco novos conteúdos e estabelecem novas regras para a produção e recepção dos mesmos. Desse modo,

no ciberespaço desenvolvem-se situações de interação das quais emergem gêneros específicos, muitos com formatos similares na oralidade e na escrita, cujos produtores alteraram ou criaram novas estruturas, de acordo com as necessidades do novo portador.

De acordo com Crystal (2004), o mundo virtual, comumente conhecido como *MUDs (MultiUser Dimension)*, originado do mundo dos *games* e que tem por base a interação entre as pessoas, na verdade constitui-se de um banco de dados que permite aos usuários interação em tempo real. Esse espaço virtual representou uma verdadeira revolução provocando as alterações nos processos e produtos da comunicação dos quais se trata neste estudo.

Além desse banco de dados, pode-se também identificar no mundo virtual segundo o mesmo autor, a linguagem dos *e-mails*, cuja marca estrutural é própria e bem definida como tantos outros gêneros o são; a linguagem da *web* que inclui toda a gama de produção escrita, textos dos mais diversos níveis e das mais variáveis estruturas, podem potencialmente ser veiculados na *internet*, e o fato é que já se encontram disponíveis virtualmente muito do que se produziu historicamente e se amplia cotidianamente quando os milhões de usuários alimentam o sistema com conteúdos de toda natureza. Os dados da *internet* estão dispostos horizontal e verticalmente, totalmente conectados através de *links* que permitem uma leitura não linear e muito dinâmica. Destaca-se na *web* a utilização dos hipertextos³, que permitem a interatividade e o acesso a conteúdos afins, possibilitando uma ampliação da leitura dos textos na *web*⁴; e, por fim, com destaque nosso, **a linguagem dos chats**⁴, caracterizada pelo uso de expressões extremamente curtas e compartilhadas por todos os que estão acessando naquele momento, muito marcada pela quebra de sequência, uma vez que se cruzam outras conversas e algumas precisam ser retomadas. Os chats ou conversas informais desenvolveram-

³ Xavier (2005) conceitua hipertexto como uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à superfície formas outras de textualidade.

⁴ A rede mundial de computadores (em inglês: *World Wide Web*), também conhecida pelos termos em inglês *web* e *WWW* é um sistema de documentos em hipermídia (hipermídia) que são interligados e executados na *Internet*. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web>. Acesso em: dez. 2014.

se e pouco a pouco surgiram várias possibilidades na troca de comunicação instantânea.

Dessas linguagens, tratadas por Crystal (2004), associados aos contextos sociais, desenvolveram-se novos gêneros que se incorporaram à vida social, substituindo ou adaptando outros já existentes para atender às novas demandas: os gêneros digitais.

3.2 Gêneros digitais

Antes de falar sobre gêneros digitais, é pertinente refletir sobre o conceito de gêneros textuais/discursivos, visto que a organização dos gêneros digitais não é independente dos demais gêneros existentes na sociedade. Compreender gêneros digitais passa por compreender o conceito de gêneros para, a partir daí, observar a evolução e articulação com os novos gêneros emergentes.

Não se pode dizer que falar de gêneros na escola brasileira é trazer uma novidade. Há pelo menos duas décadas, o trabalho na perspectiva de gêneros predomina nas escolhas dos professores de língua materna, especialmente após a divulgação dos PCN de Língua Portuguesa, em 1998, que estabelece o texto como unidade básica no ensino de línguas.

[...] a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, 1998, p. 23).

Rajo (2000) apresenta alguns dados os quais demonstram a explosão no número de pesquisas voltadas para o tema, após a adoção dos Parâmetros, das quais 65% envolvem o campo da linguagem e educação. Ou seja, o gênero textual/discursivo passou a interessar e fazer parte das escolas brasileiras.

Contudo, ainda se observa uma confusão dos conceitos relacionados à teoria dos gêneros, especialmente no que diz respeito a texto/discurso e gênero textual/gênero discursivo. Na pesquisa supracitada, pode-se identificar, segundo a autora, duas vertentes distintas, a saber, teoria dos gêneros do discurso ou discursivo e teoria do gênero do texto ou textual, a primeira centrada no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos, e a segunda, centrada na descrição da materialidade textual. Ao tratar de uma ou outra vertente, porém, a abordagem em algum ponto se aproxima da outra, o que põe em dúvida a distinção entre os dois conceitos.

Em primeiro lugar, pretende-se conceituar gêneros textuais/discursivos, o que será feito sob a ótica de Marcuschi (2011), ancorado em Bakhtin (1979) e dado como “um enunciado de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística relativamente estável” (MARCUSCHI, 2011, p. 18) assim como em Bazerman (1994) para quem “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo”, de acordo com as ideias defendidas pelo autor essa concepção toma lugar pela denominação, institucionalização ou regularização.

E ainda: são rotinas sociais do dia a dia. O autor caracteriza gênero como categoria fluida dada sua natureza mutante e a abrangência com que é visto hoje. Em outras palavras, Marcuschi (2011) destaca uma visão de gêneros como entidades dinâmicas, ou seja, como elementos constitutivos da cultura, os quais evoluem, adéquam aos novos contextos culturais. Assim, em outros momentos, gêneros já foram considerados pela estrutura, hoje, a concepção de gêneros está mais relacionada aos processos sociais em que se inserem.

Analisando a concepção bakhtiniana, Marcuschi (2011) destaca a preferência de muitos pelo termo *estável* em detrimento do que seria prioridade em Bakhtin, cujo conceito *relativamente* parece ser mais próprio do ponto de vista enunciativo e do enquadre histórico-social da língua. Ou seja, convém ter claro de que os gêneros não são categorias estáticas, mas devem ser compreendidos mais como objeto em franca evolução, adequando-se aos novos espaços e contextos histórico-sociais e menos como objetos acabados e rígidos em sua estrutura. Já sob a inspiração de Bazerman(1994), Marcuschi (2011) traz uma reflexão sobre a impossibilidade de se estabelecer taxonomias e classificação duradouras para os gêneros. Para esse

autor, os gêneros são mutáveis, e sem muita durabilidade, dadas as mudanças que ocorrem social e historicamente. Nessa perspectiva, o autor afirma que:

Os gêneros não são estruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadoras e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. (MARCUSCHI, 2011, p. 29)

Constatada essa maleabilidade dos gêneros, historicamente inscritos, compreende-se a grande diversidade dos gêneros existentes, sobretudo os que emergiram do uso constante das novas tecnologias e que suplantaram muitos dos gêneros escritos alguns dos quais tendem a se estagnar. Ainda conforme Marcuschi (2010), os grandes suportes tecnológicos tais como o rádio, a televisão, a revista, a *internet*, propiciaram e abrigaram novos gêneros. Nesse contexto, surgiram as novas formas discursivas, como o editorial, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate papos virtuais (*chats*), aulas virtuais (*aulas chats*) e assim por diante. Observa-se que um gênero surge de uma nova necessidade, associado a um novo contexto sócio histórico e, muitas vezes ancorados em gêneros já existentes. Interessa, neste trabalho, compreender os contextos em que se organizaram os novos gêneros, os chamados gêneros digitais, surgidos no contexto da cibercultura, e mais precisamente conhecer a natureza da linguagem escrita neles desenvolvida, com foco naquelas que se organizam nas mensagens instantâneas, mas que podem aparecer também nas postagens em redes sociais.

Araújo (2016) utiliza-se do termo reelaboração criadora para se referir aos diferentes padrões experimentados pelos usuários do *Twitter* e *Facebook* nos processos de produção de discursos os quais objetivam a aceitação de seus leitores. Para a confirmação do *status* que o autor intitula de capital social, utiliza-se de informações sobre o número de curtidas, compartilhamentos, comentários, indícios, segundo o autor, de standardização e emergência. Segundo esse estudo, são esses fenômenos que caracterizam a reelaboração criadora de gêneros. As tentativas de alcançar esse *status* por parte dos usuários das redes sociais têm resultado, conforme os estudos de Araújo, na renovação de gêneros, a criação de

novos jeitos de dizer, alguns com tendência à permanência e outros com feições temporárias.

Retomando seus estudos, Araújo (2016) ousa afirmar que não existem gêneros digitais ou esfera digital, expressões já anteriormente usadas pelo próprio autor e ainda bem presente em outros pesquisadores. Baseia-se o pesquisador no que propõe Bakhtin (2000, p. 290) para quem cada esfera de comunicação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que são denominados de gêneros do discurso e esferas são conceitos que se interpenetram, porque os primeiros organizam as necessidades enunciativas dos sujeitos que participam de determinada esfera de atividade. Uma característica significativa de uma esfera da atividade humana é a existência de um discurso próprio. Conforme o que explica o autor, a *web* não constitui esfera de atividade, pois não seria suporte de um discurso próprio, comumente nominado de discurso digital. Na verdade, o autor defende que, aquilo que se reconhece como gêneros digitais, tais como *blog*, *chat*, fóruns virtuais, trazem discursos das diversas esferas já existentes. Retomando ideias que ele próprio já defendera, Araújo afirma que:

A Web não é uma esfera digital, como supus em trabalhos anteriores (ARAÚJO, 2003, 2006), mas um ambiente plural de profundo poder de absorção que transmuta para si diversas esferas da atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos. Na perspectiva bakhtiniana os gêneros não são digitais, mas discursivos. (ARAÚJO, 2016, p. 52)

Aceitando parcialmente a perspectiva apontada por Araújo (2016), uma vez que é possível constatar a presença de discursos já existentes no mundo real, nos diversos ambientes da *internet*, admite-se neste trabalho, como ele, a ideia de reelaboração criadora. Na *Web*, o que se pode constatar é a presença de gêneros das diversas esferas da atividade humana pelos quais, baseado em Manovich (2002), Araújo (2016) explica como se adaptam aos novos meios e suas tecnologias, tomando novos perfis. Não se trata, pois, de um novo gênero. Entretanto, se considerarmos alguns gêneros mais informais, que apresentam semelhanças com as conversas informais, os *chats*, por exemplo, identificamos características ainda não visualizadas nas várias esferas da atividade humana. O discurso pode ser conhecido, mas a linguagem nele utilizada traz muitas novidades. Tampouco, os

ambientes digitais apenas abrigam os gêneros já existentes. Um *e-mail* pode ser uma extensão do gênero carta, mas há de fato alterações impulsionadas pela utilização de uma nova tecnologia, dando a este, como a vários outros gêneros de diversas esferas sociais, um novo desenho, sem desconstruir os antigos discursos nem os desconectar de seus contextos sociais originais.

Na delimitação do espaço dos chamados gêneros emergentes ou do conceito de reelaboração adotado, cabe uma reflexão sobre como a escola tem trabalhado com os mesmos em seus currículos.

Rojo (2000) aponta o PCN de Língua Portuguesa como um avanço nas políticas linguísticas contra o iletrismo e em favor da cidadania crítica e consciente. Ainda de acordo com a autora, pode-se verificar essa mudança que os PCN trazem ao ensino pela organização sugerida, ou seja, pela indicação de dois eixos de práticas de linguagem: o primeiro eixo propõe atividades de caráter enunciativo, considerando assim os aspectos de historicidade da linguagem e da língua, o contexto de sua produção, ou seja, o lugar social dos interlocutores e todas as implicações para a organização dos discursos; no segundo eixo, são contemplados os aspectos relacionados à estruturação dos enunciados, à escolha lexical, à semântica e consequente modo de organização dos discursos e à variação linguística. Portanto, gêneros discursivos passaram a ser tidos, a partir dos PCN, como objeto de ensino e, o texto, tido como materialização desses discursos, passaria a ser a unidade de ensino.

Nessa perspectiva, a autora alerta para a urgente e necessária reforma dos currículos dos cursos de Letras, bem como uma ação formativa consistente e contínua, visto que o enfoque teórico, adotado nos PCN, encontrava-se praticamente ausente, àquela época, dos centros de formação de professores. Passadas quase duas décadas, já é possível observar se as políticas atenderam essa necessidade e se o ensino de língua efetivamente modificou-se frente aos novos referenciais teóricos propostos.

As relevantes preocupações de Rojo (2000) parecem se encaixar hoje em preocupações diárias, no que se refere à utilização e à apropriação dos gêneros emergentes e da linguagem digital no ensino de Língua Portuguesa. É fato que esses gêneros são presentes nas vidas dos adolescentes e jovens que frequentam a educação básica, bem como é correto afirmar que não é dada a devida atenção aos

gêneros digitais pela escola, seja pelas condições estruturais, formativas ou ainda por força de preconceitos ainda vigentes no interior da escola. Nos planos de ensino de Língua Portuguesa dos professores da EEFM Antônio Mota para o ano letivo 2017, consultados no início dessa pesquisa, observou-se uma completa ausência desses gêneros ou qualquer outra menção à análise de materiais produzidos na internet. Além disso, ao serem indagados sobre o uso de gêneros digitais em seu planejamento, os professores da referida escola, em sua maioria declaram-se despreparados para a inclusão desses conteúdos em suas aulas, o que se pode levar a concluir, na linha de pensamento da autora, é que a formação de professores é ainda fator crucial para a efetiva aplicação das proposições dos PCN.

Faraco (2003) chama a atenção para o fato de que os gêneros precisam ser enfocados principalmente a partir de seu caráter dinâmico e histórico. O autor observa que os gêneros, na perspectiva de Bakhtin, estão intrinsecamente correlacionados às situações de interação verbal dentro de uma determinada esfera da comunicação humana. Desse modo, a apreensão da constituição e do funcionamento dos gêneros só pode acontecer na situação de interação, assim, o que realmente constitui o gênero é a sua ligação com dada esfera da comunicação humana e não as suas propriedades formais. A esse respeito permite-se uma observação acerca da inclusão dos gêneros que se reelaboraram nos espaços digitais e de conectividade da *internet* no ensino de língua portuguesa. No que diz respeito à incorporação dos gêneros por sua dinamicidade e historicidade, a escola tem dificuldades em trabalhar esses gêneros, porém não se pode dispensar desse rol de gêneros intrinsecamente ligados às necessidades e vivências dos indivíduos, sobretudo aqueles com os quais se pretende trabalhar.

É bom que se tenha em mente, ao falarmos da adoção de gêneros emergentes e linguagem digital, que não se trata apenas de utilizar os instrumentos e recursos tecnológicos para assim entender a inclusão desses gêneros no currículo escolar. Ao contrário, certas ações superficiais em nada interferirão ou acrescentarão ao ensino, visto que o enfoque deve sair da análise de língua como conteúdo para a abordagem de língua como instrumento de comunicação. Leffa (2016), em seu estudo intitulado *Redes sociais: ensinando língua como antigamente*, no qual analisa o ensino de línguas estrangeiras com o auxílio das redes sociais, chama a atenção para isso e destaca que não são as redes sociais que melhoram o

ensino de línguas, mas o uso que se faz dela. Portanto, não somente se deve utilizar os gêneros digitais como objetos de ensino ou as redes sociais como recursos pedagógicos. Trata-se de, compreender gêneros, conforme já tratado aqui, pela sua natureza histórica, sociointeracional. A *Internet* faz parte da vida nesse tempo histórico, os gêneros digitais estão inscritos nesse momento histórico, fazem parte da vida das pessoas estão intrinsecamente relacionados às necessidades de comunicação e interação entre os indivíduos e devem fazer parte de um currículo que pretende ser vivo e contextualizado. Somente nessa perspectiva é possível fazer de seu uso algo relevante que dê significado ao ensino de língua.

Sobre o uso das redes sociais no ensino de língua materna, já existem algumas pesquisas que apontam possibilidades para um ensino relevante, pode-se citar Crystal (2004), Caiado (2007), Marcuschi (2008), desde que haja por parte do professor a disponibilidade de trabalhar com a produção linguística real ou presente no mundo virtual, visto que os manuais de ensino não apresentam ainda modelos dos textos produzidos pelos usuários nos ambientes digitais interativos ou o fazem de modo pontual. As redes sociais, os *chats*, fóruns virtuais poderão ser ao mesmo tempo espaço de leitura tanto quanto espaço de escrita, além de ser um amplo banco de materiais escritos que poderão servir para pesquisa dos professores e de análise linguística com os estudantes em sala de aula.

Para considerar esses conteúdos, nesse momento histórico, é preciso atentar para o uso do aparelho de telefonia celular, doravante celular, um instrumento tecnológico que se tornou de uso comum para ampla maioria das pessoas, de todas as idades, de todos os níveis sociais e econômicos.

3. 3 Conversas no celular: a conexão 24 horas via *WhatsApp*

Nas filas de banco, nas praças, estações, aeroportos, dentro dos automóveis ou transportes coletivos, escritórios, até mesmo em igrejas, onde quer que haja pessoas, sempre há alguém com os olhos fixados nesse pequeno aparelho. Ele tem se tornado substituto da câmera fotográfica, TV, aparelhos de som e do próprio computador, tão necessário às práticas sociais hoje em dia. Para Alencar et al. (2015, p. 787), “a facilidade vinda junto dos celulares, *tablet* e outros dispositivos

móveis, como agilidade e independência de espaço físico tornaram-nos necessários para a vida profissional e também pessoal”. Na mesma pesquisa, são apresentados os seguintes dados: são 280 milhões de telefones móveis em 2015 no país, aproximadamente 43 milhões de brasileiros com mais de 12 anos acessam a *Internet* por dispositivos móveis.

Na experiência cotidiana, observa-se que, para a maioria dos estudantes adolescentes, o celular, assim como a mochila, a camiseta, o jeans, é um componente básico, necessário à sua vida, já inteiramente ligado à sua rotina e, exceto quando são expressamente proibidos de utilizá-los, esses aparelhos mantêm os jovens sempre conectados. Nos celulares, os usuários podem resolver muitos de seus problemas cotidianos acessando a rede mundial, com maior flexibilidade de tempo e espaço. Muitos têm usado seus aplicativos com intensidade para acessar contas, fazer compras, baixar conteúdos, enviar e-mails ou mensagens instantâneas, mas a utilização do *WhatsApp* destaca-se em termos de quantidade entre os demais usos do aparelho.

O *WhatsApp Messenger* possibilita ao usuário uma sincronia com a sua lista de contatos e identifica as pessoas com o *software* em seus *smartphones*, permitindo ainda que seu status seja atualizado, em função da atividade que está realizando. Se um contato abrir uma conversa ou enviar um arquivo, um marcador do aplicativo aparecerá na tela inicial e assim não será necessário consultar o aplicativo periodicamente. Isso representa praticidade, característica significativa para os internautas que sempre buscam agilidade e flexibilidade ao usar a *internet*. Enquanto outros aplicativos de mensagens instantâneas são restritivos, permitindo a comunicação somente com a mesma operadora de telefonia, o *WhatsApp* permite a comunicação entre qualquer *smartphone*. Acerca disso, Alencar *et al* (2015, p. 789). Assim se manifestam:

O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma que utiliza a internet para envio e recebimento de mensagens instantâneas de maneira gratuita e ilimitada, pelo celular, tablete ou versão web. O grande destaque do aplicativo é a possibilidade de envio de diferentes mídias como imagem, áudio, vídeo, e emojis (figuras prontas que demonstram expressões e sentimentos), além disso, é possível criar grupos com até 100 membros, transmitir diálogos, realizar chamadas, entre outras opções. Uma das vantagens é que o aplicativo sincroniza com a lista de contatos e o número do celular,

assim não é necessário memorizar nome de usuário ou senha, bastando adicionar ou ler os números das outras pessoas salvas nos contatos do celular.

E na escola, como se dá essa relação com os aparelhos celulares e com o *WhatsApp*? Para Alencar et al. (2015), esse aplicativo de uso contínuo refletiu dentro da sala de aula. Em nossa experiência, essa tem sido uma relação de conflito. Efeitos de um decreto estadual, muitas escolas da rede estadual do Ceará proíbem o uso de aparelhos celulares, assim como de outros aparelhos eletrônicos. Isso tem gerado muita polêmica e muita indisciplina, pois os alunos arriscam-se a penalidades para fazer uso do aparelho, especialmente o uso do *WhatsApp*. Contraditoriamente, fora da escola os estudantes têm grupos da turma dos quais fazem parte os professores e constantemente há interação, troca de informações e espaço também de aprendizagem. Entretanto, o assunto continua em discussão.

Na verdade, o uso de tecnologias digitais em sala de aula, mesmo trazendo vantagens, não raro representa desafios, o que faz com que muitos gestores e professores terminem por dispensá-los de sua prática. Recentemente, na EEFM Antônio Mota, lócus dessa pesquisa, os estudantes foram liberados para usar seus aparelhos no intervalo de aulas e houve uma aprovação geral, inclusive com o respeito às regras de desligamento após o sinal de início das aulas atendido em quase sua totalidade. Isso autoriza a dizer que é possível chegar a um bom termo sobre essa questão. Impedir que os estudantes utilizem essas tecnologias é cerceá-los de uma das formas de comunicação para eles muito significativa. Não conhecer essas interações é se desconectar do mundo dos estudantes, pelo menos parcialmente.

Além disso, o educador estará dispensando uma ferramenta que, segundo alguns autores, trazem inúmeras facilidades para o professor, por exemplo, “testar se o texto enviado pelo aluno é de sua autoria [...], ser palco de debates, produção textual e aulas colaborativas” (ALENCAR *et al.*, 2015, p. 789). Em outras palavras, o *WhatsApp* permite uma intensa interatividade, de tal modo que a aula poderá continuar quando encerra o turno escolar, através da troca de experiências entre os estudantes e pela oportunidade que terão de tirar suas dúvidas com o professor onde quer se encontrem e quando assim for pertinente, mediante acordo coletivo, além de que pode proporcionar um estreitamento nas relações interpessoais.

Além de todas essas vantagens do aplicativo já mencionadas, o *WhatsApp*, assim como outros espaços de interação digital, é suporte de textos e discursos que poderão se transformar em excelente material de análise, podendo proporcionar um rico trabalho com a língua em uso. Para isso, é preciso que se investigue o que se escreve e como é praticada a escrita no *WhatsApp* pelos adolescentes. Usam sempre a mesma variante? Levam suas estratégias de escrita para o uso do *WhatsApp*? Trazem dessas práticas vestígios para a escrita convencional? Essas são perguntas relevantes, considerando a intensidade de uso desse aplicativo. No *WhatsApp*, além da possibilidade de usar o teclado com todos os seus recursos, os usuários, como em outras redes sociais utilizam-se de recursos visuais como as *emoctions*, além dos recursos em áudio e vídeo que dá muito dinamismo e flexibilidade.

Não obstante a variedade de recursos, há também escrita no *WhatsApp*. Segundo Squarisi (2014), a escrita está em moda. De acordo com a autora,

as novas tecnologias de comunicação ressuscitaram o valor da escrita. Mas com jeitão próprio. Já não se produzem textos como antigamente, mas concisas mensagens eletrônicas (SQUARISI, 2014, p.34).

Talvez seja mesmo a internet o espaço mais utilizado hoje pelos jovens para escrever, mesmo que muitos desconsiderem essa escrita em razão de suas características e por não atender as regras da variante padrão da língua. Assim, é possível pensar no *WhatsApp* não apenas como uma boa ferramenta interativa, mas também como um suporte de material para o trabalho pedagógico.

Geraldi (2012), refletindo sobre um ensino da língua portuguesa mais eficiente, indica os textos produzidos pelos alunos como rico material para o trabalho pedagógico com a língua escrita. Analisar e reformular textos são indicações importantes também para outros teóricos da Linguística do texto. Alguns fundamentos e práticas para análise de textos são apontados por Antunes (2010, p. 49). A autora afirma que:

analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos.

Para o propósito desta pesquisa, o foco estará sobre os elementos linguísticos, mesmo compreendendo a importância dos elementos extralinguísticos para o estabelecimento de sentidos nas conversas de *WhatsApp*. Entre tantas indicações para análise, selecionou-se as relações entre as partes do texto, as escolhas lexicais, a utilização de recursos sintáticos e adoção ou rejeição da norma para observar a aproximação ou distanciamento da escrita nas conversas de *WhatsApp* com a escrita nos textos escolares.

4 ESCRITA: REGISTROS PARA A POSTERIDADE

Compreender os processos de produção escrita em meios digitais passa também por incorporá-los aos processos de origem e evolução da escrita na história da humanidade. Se hoje a escrita é algo tão comum à maioria das sociedades humanas a ponto de sugerir a alguns tratar-se de algo natural à nossa espécie, em tempos passados não foi sempre assim, pois a escrita é uma produção cultural e surgiu de forma criativa como resposta à necessidade de seus produtores.

Por muito tempo, a humanidade fez uso da linguagem oral, habilidade fundamental em seus processos de organização, necessária para a evolução da espécie, mas ainda insuficiente para atender às necessidades de comunicação e interação, inerentes ao ser humano. Isso posto, já prova que se pode viver sem a escrita, muitas civilizações assim o fizeram, mas o domínio dessa modalidade trouxe maiores possibilidades às sociedades humanas. Comunicar-se não somente com quem está aqui e agora, mas estabelecer contato com aqueles que estão distantes no tempo e no espaço. “Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos” (HIGOUNET, 2003, p. 9). Essa necessidade já estava presente no homem primitivo e se mostra presente nas sociedades contemporâneas. Higounet (2003) ratifica essa ideia quando acrescenta que “em nossos dias, a reprodução em disco ou fita magnética, outro procedimento de fixação da linguagem, mais direto que a escrita, começa a concorrer com ela”.

Quando a sociedade estabeleceu e desenvolveu o sistema de escrita, os indivíduos tiveram de fazer uma opção: ou dominá-la ou ficar à margem de muitas interações sociais. Nos dias atuais, quando a escrita predomina nas relações sociais, presente na maioria dos processos de interação e comunicação, o não domínio dessa modalidade de linguagem cria muitas barreiras e o iletrado⁵ enfrenta muitos obstáculos para conviver e ascender socialmente. Em tempos primitivos, os seres humanos sentiam cada vez mais a necessidade de estabelecer contatos e

⁵ Na obra Letramento e alfabetização: as muitas facetas, a professora Soares (2004) traz à tona dois sentidos para iletrado: um de senso comum, ou seja, aquele indivíduo que não tem conhecimentos literários, analfabeto; outro que se difere do analfabeto, pois seria aquele não usa socialmente a leitura e a escrita.

registrar suas impressões e experiências cujo alcance fosse capaz de vencer a barreira do tempo e do espaço ainda não conseguido pelas experiências de comunicação oral e gestual. Isso os impelia a criar formas para atender àquela necessidade.

Do seu contato com a natureza, o homem primitivo extraiu os primeiros instrumentos e materiais para realizar seus registros, muitos dos quais evidenciam uma vontade de contar seus feitos e organizar suas tarefas. “Outrora, numerosas substâncias serviram de suporte à escrita e são ainda usadas em situações excepcionais” (HIGOUNET, 2003, p. 16) Com o tempo, essa necessidade parece ter se tornado cada vez maior e graças à criatividade e curiosidade humanas, tão logo desenvolveu habilidades necessárias ao manejo dos instrumentos disponíveis, os homens foram pouco a pouco criando símbolos capazes de representar aquilo que lhes parecia necessário para transmitir suas mensagens aos contemporâneos e à posteridade. Dos primeiros rabiscos nas cavernas ao sistema alfabético que se tem hoje, os homens tiveram uma longa jornada.

As primeiras tentativas de se criar sistemas de escrita aconteceram, segundo Higounet (2003), por volta de 4000 a.C. Sistemas mais rudimentares apareceram muito antes de os primeiros alfabetos se desenvolverem, dois milênios depois. Esse processo de desenvolvimento se deu em várias sociedades, o que ratifica a necessidade de registros gráficos como sendo própria do homem. Há ainda por parte dos historiadores discordância sobre a possibilidade de influência de um sistema sobre a origem do outro.

De acordo com Higounet (2003), em épocas bastante próximas, civilizações americanas, os povos egípcios, os chineses e os mesopotâmicos começaram a desenvolver seus sistemas de representação gráfica. Inicialmente, as primeiras inscrições e registros eram feitas por meio de desenhos que visavam reproduzir de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas. Esse tipo de escrita é usualmente conhecido como escrita pictórica ou hieroglífica. Com o passar do tempo, passando pelas etapas transitórias de desenvolvimento, esses símbolos evoluíram e os sistemas de escrita foram ganhando maior complexidade até atingirem o máximo de abstração quando os símbolos passaram a representar sons.

Usualmente, conforme Higounet (2003), a ampliação do uso de sinais fonéticos dava-se a partir do momento em que se notava a semelhança dos sons

empregados para coisas distintas. Na medida em que surgia a necessidade de criar símbolos distintivos para termos semelhantes, a escrita silábica começou a ser vista como uma maneira eficiente de definir a simbologia empregada nas palavras. Paralelamente, a necessidade de simplificação dos signos escritos foi tornando o sistema mais compacto e funcional. Tal necessidade, qual seja de simplificar a escrita para atender às necessidades de comunicação de modo eficaz, parece ter se mantido ao longo da história e hoje e se pode observar essa tentativa de abreviação na escrita digital. As *emoctions* produzidas nos espaços digitais não parecem funcionar muito diferentes tanto na produção de sentido quanto na simplificação de textos.

Foi nesse momento que os primeiros alfabetos apareceram na Antiguidade. Diferentes civilizações começaram a trabalhar com sistemas mais simplificados e, ao mesmo tempo, capazes de identificar distintos conceitos, seres e objetos. Explicitando essa organização do alfabeto, Higounet (2003, p. 68) afirma que é aceita a opinião de que “esses nomes derivam da forma de objetos”. Na civilização fenícia, o desenvolvimento da escrita e do alfabeto teve grande avanço graças à demanda dos comerciantes fenícios. Nesse contexto, um alfabeto com apenas vinte e dois caracteres foi popularizado por aquela civilização oriental.

Posteriormente, as civilizações greco-romanas deram outra importante contribuição para a formação dos alfabetos contemporâneos, foram os povos gregos que introduziram as vogais no sistema de escrita. “[...] foram os gregos os primeiros a ter a ideia da notação integral e rigorosa das vogais” (HIGOUNET, 2003, p. 87). Séculos mais tarde, os povos romanos, influenciados pelos etruscos, deram forma mais precisa e clara ao sistema alfabético utilizado por diversas nações do mundo ocidental contemporâneo. Graças à formação de um vasto império e do contato com os povos germânicos, nominados bárbaros, as línguas latinas predominam em diferentes culturas do mundo atual. Dentre essa herança, tem-se a língua portuguesa.

Nesses contextos históricos, surgidos da necessidade de comunicação e expressão humanas, abstraindo-se sempre e cada vez mais, originaram-se e se desenvolveram paulatinamente os diversos sistemas de escrita, em diferentes lugares. Estabeleceram-se padrões nas representações gráficas que foram se aperfeiçoando e tornando-se mais complexas com o passar do tempo, de tal sorte

que sua aquisição não mais estaria ao alcance imediato por leitura visual, seu domínio demandaria um processo de trabalho intelectual o qual exigia tempo e dedicação. Tal realidade gerou a elitização da escrita. Somente um pequeno grupo de pessoas, as elites clericais e comerciais eram instruídas e tinham acesso à escrita. E assim foi por um longo tempo.

Transformações sociais, ao longo dos séculos e até milênios, permitiram a popularização da escrita. Alguns eventos históricos e descobertas científicas tornaram-se propulsores dessa popularização. Dentre eles, podem ser citados alguns que merecem maior destaque. No século XV, a invenção da imprensa tornou possível a reprodução de livros e ampliou o número de pessoas a terem acesso à leitura, graças à invenção de Gutemberg que garantiu a rapidez necessária à produção de uma grande quantidade de livros em menor tempo, considerada ínfima para os dias de hoje. Conforme Chartier (1945 p. 7), “o custo do livro diminui, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem”.

Mas, a popularização da escrita deu-se mesmo com o surgimento da instituição escola que, propiciando uma alfabetização em massa, torna possível a comunicação pela escrita entre todas as classes sociais. Estava instaurada a era da escrita que reinou absoluta até a chegada do computador e suas consequentes formas de linguagem e comunicação.

Embora sejam significativas para a história da humanidade e traga relevantes informações às indagações, essas questões não serão observadas; serão aperecebidas nesse processo histórico de desenvolvimento da escrita, a motivação e as estratégias utilizadas pelos povos humanos para desenvolverem a comunicação, via linguagem, em diferentes momentos, sempre objetivando trazer uma luz às estratégias de escritas nos dias de hoje para também compreender as mesmas necessidades na sociedade contemporânea.

4.1 Escrita, para que te quero?

Conforme descrito, a escrita foi de domínio de alguns privilegiados por algum tempo. Mas a sua popularização deu-se de tal forma que as pessoas comuns passaram a utilizá-la no cotidiano. Koch e Elias (2012) afirma que a escrita é onipresente em nossa vida, mas problematiza esse conceito na medida em que

aponta a presença de diferentes aspectos envolvidos na atividade de escrita, quais sejam “linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural” (KOCK e ELIAS, 2012, p. 31).

Diferentemente da linguagem oral, cujos interlocutores estão presentes no momento em que se dá o processo de interação, na escrita tem-se um autor distante, o qual se expressa para um leitor, muitas vezes não conhecido, cabendo a quem escreve apresentar o máximo de informações referentes ao contexto, ao tema em questão, ao seu propósito comunicativo, sem desconsiderar o leitor para o qual a escrita se destina.

Segundo Higounet (2003), a escrita deixou de ser “um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia”, para ser, na verdade, “uma nova linguagem”, através da qual, além de garantir a permanência da expressão, o leitor pode acessar o mundo das ideias que se encontram organizadas através do texto escrito. O autor defende que a escrita está diretamente relacionada à civilização, entendendo que a história da humanidade está dividida em duas eras: antes da escrita e depois da escrita. O autor admite que em algum momento poderá haver uma era depois da escrita e se faz a indagação se o mundo digital já não preconiza a chegada desse tempo novo, uma vez que tantas novidades e possibilidades têm sido evidentes no mundo virtual. Mas, na era da escrita, a grande maioria das relações sociais estabeleceram-se através do texto escrito.

É cabível atentar para o risco de que esse pensamento leve à errônea conclusão de que sem escrita não há civilização. Há discussões que põe em questão a primazia da escrita como eixo civilizatório da humanidade. Marcuschi e Hoffnagel (2007), em sua obra *Fala e Escrita*, baseados nos estudos de Havelock (1995), observam que as formas de armazenamento da escrita são, na verdade, originárias da tradição oral que já havia desenvolvido estratégias de textualização diferentes da conversação a qual serviria ao armazenamento das informações. A escrita, teria se apropriado dessas formas de textualização da fala e as desenvolvido, conseguindo eficiência em seu propósito de armazenar as informações e transmiti-la à posteridade. Nos estudos de Marcuschi e Hoffnagell (2007) essas formas estão associadas ao ritmo e à narrativa. Sustentado em Havelock (1995), o autor afirma que a oralidade também apresenta formas de

textualização específicas, diferentes da fala cotidiana. Nessas formas e estratégias, a escrita se fundamentou para estabelecer suas formas específicas que serviram ao armazenamento do conhecimento, cada vez mais ritualizados e padronizados e, em muitas situações, fazendo uso da formalidade. Controvérsias à parte, não se pode deixar de admitir que a escrita fosse muito eficaz quando se pensa em transmissão e armazenamento do conhecimento.

Entretanto, concordando com o autor no que se refere à existência de formas específicas para a transmissão do conhecimento mesmo na oralidade, pensa-se que em muitas situações de escrita no mundo atual, especialmente em alguns gêneros digitais, as estratégias de textualização não seguem essas formas próprias da transmissão nem se propõem a armazenar conhecimento, característica mais evidente do texto escrito. Num processo de organização semelhante à conversação oral, informal por natureza e marcadamente efêmeras, alguns contextos digitais de conversação trazem um jeito novo para a escrita, pois, embora não estando diante do autor, o leitor a recebe em tempo real e se estabelece uma comunicação instantânea. Não se trata da linguagem oral, embora carregue consigo algumas de suas estratégias, pois não se pode utilizar a linguagem corporal ou gestual, e a entonação não se faz possível. E, principalmente, a comunicação se dá pela escrita e não pela fala, mesmo que essa expressão não seja igual à escrita usada convencionalmente. Mais adiante essa reflexão voltará sobre esse modo de escrever.

No estudo supracitado, Marcuschi e Hoffnagel (2007) apontam as contribuições de Carol Feldman (1985) cujo estudo mostra como em culturas orais os povos desenvolveram formas textuais (gêneros textuais) que utilizavam para atividades como cantar, declamar ou realizar cerimoniais. Ou seja, as culturas orais também desenvolveram estratégias mais formais para contextos sociais de transmissão do conhecimento. Portanto, não é a modalidade da língua que determina o nível de formalidade em uso, mas o contexto em que é produzida e seu propósito comunicativo.

De acordo com essa visão, a escrita não é uma tecnologia que se impõe naturalmente como superior à fala, mas ambas são modalidades que se relacionam continuamente em razão das necessidades do cotidiano. A escrita propiciou uma maior sistematização e armazenamento do conhecimento, mas em relação ao

processo de produção tanto a oralidade quanto a escrita podem alcançar níveis diferentes de formalidade.

Fala e escrita exigem planejamento, muito embora suas estratégias necessariamente sejam diferentes graças às diferentes condições de suas produções. O que os autores fizeram refletir é que o nível de formalidade se adéqua à situação comunicativa, independente da modalidade utilizada. “Há textos mais formais e menos formais tanto na fala quanto na escrita” (MARCUSCHI; HOFFNAGEL, 2007, p.89). Há, contudo, uma diferença quando se concebem os textos orais e escritos, ambos têm sua forma própria de descrição, mas a escrita recebeu um caráter mais prescritivo e, assim, exige-se com muito mais veemência na escrita o uso do padrão⁶ da língua, para isso muitas vezes desrespeitando as condições de produção e a atribuição de sentido. É necessário que se perceba os graus de formalidade e sua adequação aos diversos contextos sociais de interação, de modo que se possa admitir a informalidade na escrita em razão desses pressupostos.

Um último, mas não menos importante destaque, na verdade a característica mais significativa da escrita, é o distanciamento que, segundo Marcuschi e Hoffnagel (2007), Ong (1986) faz do conceito de separação ou distanciamento a explicação para a distinção em fala e escrita.

Enquanto a fala se realiza no momento da interação entre os interlocutores, a escrita tem a prerrogativa de vencer o tempo e a distância para encontrar seus leitores dando a possibilidades de muitas leituras ao mesmo texto, dadas as diferenças em cada situação comunicativa de recepção. Esse conceito de distanciamento no tempo se desconstrói quando surge a escrita digital online que permite a recepção simultânea da comunicação escrita. Tal sincronismo entre produção e recepção dos textos escritos no meio digital oportuniza um novo modo de escrever alterando, portanto, a forma de se relacionar com o outro e de produzir textos. Ter uma concepção de escrita, e a partir dessa concepção, estabelecer parâmetros para ensiná-la é necessário, mesmo no contexto atual em que os conceitos estão cada vez mais fluidos e questionáveis.

⁶ Nesse contexto, uso padrão da língua significa opção pela variante (ou língua ou norma) culta formal, a variedade de maior prestígio social, a qual serviu de base para o estabelecimento da norma-padrão. (AMARAL, 2016).

4.2 Concepções de escrita

Muitos são os conceitos de escrita, e o modo de conceituá-la está diretamente relacionado a um modo de conceber a própria linguagem. Para estabelecermos as visões mais comuns, cuja ancoragem está em Koch e Elias (2012), cujos estudos sociocognitivos e interacionistas apontam três focos para se conceituar a modalidade escrita da língua: foco no leitor; foco na língua como estrutura; e foco na interação.

Baseado nas autoras pode-se afirmar que há aqueles que compreendem a escrita como um dom, assim somente aqueles privilegiados seriam capazes de se expressar bem, a linguagem é a expressão do pensamento, portanto, escreve bem quem tem maior capacidade de pensar. Essa concepção parece estar presente em nossos dias, pois há ainda quem justifique a capacidade de escrever como um dom especial e entendam por esse prisma que nem todos são capazes de escrever bem.

Essa visão de escrita pressupõe um sujeito como senhor absoluto daquilo que escreve, um sujeito dotado de qualidades superiores, capaz de elaborar mentalmente o conhecimento e transferir esse pensamento para o papel. Somente, portanto, pessoas muito especiais estariam nesse perfil de escritor. Conforme Koch e Elias (2012, p. 45), “trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental, ‘transpõe’ essa representação para o papel e deseja que esta seja captada pelo leitor da maneira como foi mentalizada”. O leitor e o contexto de produção não são considerados importantes para o processo de produção de sentidos. Essa visão não contribui para o ensino da escrita, pois não se pode ensinar inspiração, o sujeito-autor precisaria estar inspirado e dotado de conhecimentos extraordinários para escrever bem. Infelizmente essa forma de ver a escrita ainda está presente em nossos dias e pode ser fator decisivo na realização de um ensino adequado, capaz de dar a todos os sujeitos a possibilidade de evoluir e avançar na qualidade de seus textos.

Por outro lado, as autoras afirmam que há quem conceba a escrita como codificação, isso porque entende a linguagem como sistema de signos organizados à disposição do usuário que somente precisaria acessar esse sistema “pronto e acabado” (KOCH e ELIAS, 2012, p. 33), ou seja, bastaria dominar o código e suas normas para ser capaz de escrever bem. Muito dessa concepção está em uso e

podem-se perceber traços desse modo de conceber a escrita quando, ao ensinar a escrever, submetem-se os estudantes a atividades de repetição de formas com o intuito de fixá-las para utilizar como referência em suas produções escritas. Quem escreve deve somente apropriar-se do código para reproduzir as formas em seus textos e, portanto, escritor e leitor não são participantes ativos do processo, mas têm somente a necessidade de dominar o sistema que já se encontra acabado, restando aos usuários a apropriação de suas regras.

Ainda uma terceira visão, segundo Koch e Elias (2012), apresenta uma ideia de escrita hoje mais aceita entre os pesquisadores. Nessa perspectiva, a escrita é resultado de trabalho e se consegue uma boa escrita quando se utiliza de diversas estratégias e se submete o texto a etapas de maturação. Quem assim entende, vê a linguagem como interação entre os indivíduos e grupos sociais. Escrita é, nessa concepção, um processo e produção, exigindo do escritor a ativação de conhecimentos e a utilização de estratégias, considerando o leitor para quem o texto se destina e realizando o processo de escrita em etapas de planejamento, escrita e reescrita que darão qualidade ao produto textual. Não se trata, portanto, de apenas se apropriar das regras da língua, nem somente de apelar para o pensamento e inspiração do indivíduo, trata-se de, considerando as condições de produção e recepção do texto, definir as estratégias que darão conta do objetivo do texto produzido, o que não será feito em uma única etapa, mas em várias. Concorde-se com os autores quando estes afirmam:

A escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espacio-temporal (espaço, tempo) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção. (KOCH; ELIAS, 2012, p.36)

A escrita é processo interativo. O modo como se escreve, ou seja, o grau de formalidade depende do contexto da interação, está relacionado com aquele que diz e a quem se dirige, diz respeito ao propósito comunicativo do autor que considera seu possível leitor no momento em que produz seu texto.

Todos esses modos de considerar a linguagem e, mais especificamente, a linguagem escrita repercute sobre o ensino que se tem praticado nas escolas de educação básica. E, embora na atualidade muito se apregoe sobre as possibilidades de valores da sequência didática, proposta didática da qual se abordará no quarto capítulo, assim como se defenda a necessidade de produzir textos a partir de situações de uso da língua, muito do que se faz na escola ao ensinar a escrita ainda se assemelha ao trabalho desenvolvido ao longo de décadas: a preocupação somente com o aspecto formal, ensino baseado na aplicação de técnicas de redação, propostas de escrita desprovidas de qualquer significação no mundo real, especialmente nos contextos em que se inserem os estudantes. Essas e outras iniciativas docentes denunciam uma visão de que conhecendo as regras da língua, observando modelos pré-concebidos, pode-se escrever bem. Por parte de muitos dos estudantes, há um sentimento de que não é capaz de escrever, não tem o dom da escrita, somente alguns colegas são capazes de escrever textos dignos de aplausos.

Partindo dessas perspectivas, nem justificaria o ensino da escrita. Deveria haver somente um ensino das regras da língua – por muito tempo se pensou e agiu assim – para que os estudantes de posse desse conhecimento pudessem escrever bons textos. Ainda assim, para alguns, sempre haveria os estudantes que não têm o dom e, portanto, sua escrita jamais deixaria de ser medíocre.

Entretanto, nem tudo permaneceu estático no que se refere ao ensino de língua. Nas últimas décadas, pensando em termos de Brasil, muitas mudanças têm ocorrido, em razão da divulgação de muitas pesquisas linguísticas que vêm questionando as velhas concepções e propondo um novo modo de conceber e ensinar a escrita. Os PCN, lançados em 1997, foram um divisor de águas para uma significativa mudança no ensino de Língua Portuguesa, muito embora não tenha sido compreendido à época por muitos professores e, possivelmente, ainda não são totalmente compreendidos hoje. Isso em razão da formação deficiente a que teve acesso boa parte dos professores de língua materna e da falta de uma formação contínua, adequada e eficiente. Formações e reflexões docentes contínuas e em serviço poderiam desencadear uma mudança efetiva no ensino e provocar avanços significativos nos resultados da educação.

No contexto dos desafios por que passam o ensino e a aprendizagem na educação básica e da Língua Portuguesa particularmente, pode-se apontar a escrita em sua variedade padrão como uma das dificuldades específicas mais evidentes. É o que se pode observar, ao constataremos as notas obtidas em Redação na Avaliação Nacional do Ensino Médio (MEC, 2016), não obstante se observe pequenos avanços, após doze anos de vida escolar. Contrastando com essa realidade, há uma constante cobrança da sociedade sobre a escola no que tange à melhoria da escrita dos jovens. Essa cobrança está alicerçada na realidade de uma sociedade letrada que tem, na modalidade escrita, um dos maiores instrumentos de comunicação, a escrita é cada vez mais acionada nos novos espaços comunicativos, a despeito de muitos relatos sobre o não uso dessa modalidade pelos mais jovens. O fato é que, sem o domínio da escrita, os sujeitos ainda perdem acesso à boa parte dos processos comunicativos e de vivência cidadã. Pode-se viver sem ela, mas há situações em que o seu domínio é crucial no sentido de conferir empoderamento sobre muitos dos problemas sociais que estão à nossa volta.

Considerando, pois, a necessidade da escrita mesmo nas diversas comunicações digitais, por um lado, e o fracasso observado em seu ensino, num outro ângulo, é coerente reafirmar a necessidade de se investigar os motivos desse fracasso e principalmente realizar interferências sobre esses processos tendo em vista seu aprimoramento.

Muitas são as possibilidades de tomar a escrita como objeto de ensino, de acordo com as concepções abordadas nesse capítulo. Como foi dito, o ensino da escrita pode se tornar numa rotina de exercícios que buscam a fixação das normas e convenções pode ser também uma prática de escrita superficial, descontextualizada tendo como meta a aquisição da técnica, são as famosas aulas de redação. Contudo, o ensino da escrita pode ser tomado como parte de um trabalho produtivo mais amplo que envolve a fala, a escuta e a leitura, buscando práticas que tenham significado para os estudantes que deverão ter acesso a “modelos” que lhes servirão de referência para a construção de seus textos, porém, tendo a possibilidade de perceber e valorizar as variantes da língua, adequando fala e escrita aos suportes e contextos de interação.

No contexto educacional brasileiro, se considerarmos a educação básica, o ensino de língua materna tem a escrita como eixo estruturante, havendo hoje uma

preferência pelo trabalho com gêneros discursivos, fato já abordado no capítulo anterior. No Ensino Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais intitulam esse eixo como Produção de textos orais e escritos.

Quando aborda sobre a produção de textos escritos, os PCN observam o quão são necessárias as muitas intervenções sobre o produto textual em busca de uma versão final que atenda às características, nível de formalidade e propósitos comunicativos do gênero. Os textos de profissionais, segundo o documento, são uma comprovação dessa necessidade, uma vez que os escritores em geral perfazem um caminho de escrita e reescrita, objetivando o aprimoramento de sua escritura. Assim também devem proceder os estudantes, especialmente porque são escritores principiantes e naturalmente em processo de aquisição da escrita formal. Por isso, o ensino da escrita deve ter por base o princípio da processualidade. Em outras palavras, os PCN propõem a realização de um ensino processual de escrita, desenvolvido em etapas que permitam momentos de reflexão e aprimoramento da produção, em vez de atividades de escrita pontuais que se encerram em correções e, muitas vezes, em atribuição de notas. Está expressa nos PCN uma preocupação em que os textos produzidos na escola sigam os princípios da escrita na sociedade, fato que nem sempre ocorre, como menciona o documento:

Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer. Ao escrever profissionalmente, raras vezes o autor realiza tais tarefas sozinho. [...]. Bem desigual é a tarefa do aprendiz. Espera-se que o aluno coordene sozinho todos esses aspectos. Pensar em atividades para ensinar a escrever é, inicialmente, identificar os múltiplos aspectos envolvidos na produção de textos, para propor atividades sequenciadas, que reduzam parte da complexidade da tarefa no que se refere tanto ao processo de redação quanto ao de refacção. (BRASIL, 1998, pp. 75-6)

O que se propõe é um ensino que busque a autonomia dos alunos sobre sua escrita, a partir de uma sequência de atividades que os levem a se apropriarem, paulatinamente, das características do gênero produzido e, ao final do processo, sejam capazes de fazê-los com eficácia. Além de ser processual a produção escrita, deve partir de situações, se não reais, no mínimo com indicativos do mundo real, palpável e significativo aos estudantes, ou seja, o sujeito deve posicionar o seu dizer num projeto textual que tem uma finalidade, atende a uma necessidade prática ou

subjetiva, tendo em vista os seus possíveis leitores para quem ele escreve e, nesse contexto, definindo o formato e o grau de formalidade que será utilizado. Trata-se de planejar a escrita.

Dito assim, parece que já estaria resolvido o problema de ineficácia no ensino da escrita, visto que esse ensino processual e contextualizado está contemplado nos PCN. Entretanto, o que se comprova em avaliações e pesquisas é a permanente ineficácia desse ensino. Erraram os formuladores dos PCN ou suas proposições não foram assimiladas e executadas em sala de aula, poder-se-ia cogitar ao refletir sobre essa realidade.

Da elaboração dos PCN até os dias atuais, surgiram novas reflexões sobre escrita, aprofundando alguns aspectos sem, contudo, anular o que neles estava posto. Isso faz crer que o ensino da escrita ainda não assumiu aquele caráter processual proposto no documento que se considera pertinente e atual e, em muitas situações, ainda precisa passar por um processo de reflexão e reformulação a fim de que alcance os resultados tão almejados e cobrados pela sociedade.

Este breve estudo está devidamente conectado a essa preocupação dos professores de Língua Portuguesa: como trabalhar numa perspectiva interacional, garantindo aos jovens “escritores” uma autonomia sobre o seu dizer e ao mesmo tempo, uma eficiência em sua escrita. Especificamente, o olhar se voltará para a escrita dos estudantes sem desconectá-la dos contextos específicos em que se constroem suas experiências como escritores e como estabelecem suas estratégias, ou seja, de seus contextos de interação. Por esse motivo, elege-se a escrita nos meios digitais como objeto de estudo e, para isso, é necessário compreendê-la mais de perto.

4.3 A escrita na Web: nova forma de linguagem?

Pode-se dizer que o discurso eletrônico ainda se acha em estado meio selvagem e indomado sob o ponto de vista linguístico e organizacional.

Marcuschi, 2008

Na *internet* predomina a linguagem chamada digital, uma linguagem mista que carrega marcas das várias linguagens a que se tem acesso na sociedade, tais como a linguagem oral, imagética, iconográfica, entre outras, mas a linguagem escrita, em diferentes níveis de formalidade, é também muito presente no espaço cibernético.

Além de toda essa diversidade de formas e conteúdos, na tela de um computador a disposição dos textos é feita de modo não linear. A metáfora de pontes ou redes interligadas é bastante pertinente para descrever a internet. Nesse espaço digital, há inúmeras possibilidades tanto de produção como de recepção. Para cada público há conteúdo específico, personalizado, bem como a possibilidade de interação entre os usuários seja por mensagens instantâneas como o *Messenger*⁷, *chats* ou de interação em curto prazo como em fóruns, troca de *e-mails*, sem desconsiderar a imensa capacidade de armazenamento que permite a guarda e o acesso às publicações de modo prático e flexível. Cada vez mais avançada, a técnica, hoje há um mundo de informações e possibilidades de interação ao alcance de quase todos.

Toda essa gama de possibilidades disponíveis na rede representa uma mescla de estruturas integradas que processa simultaneamente informações em áudio, vídeo e texto escrito como pode ser constatado na telefonia celular ou em páginas que apresentam recursos em terceira dimensão. Nesse contexto, emerge uma questão acerca da democratização da *internet*. Será que todos têm acesso e, portanto, a internet propicia a democratização do conhecimento? Vale ressaltar que há pensamentos divergentes sobre o assunto.

É sabido que graças à *internet* muitos anônimos podem publicar suas produções, e, superando os obstáculos impostos pelo sistema econômico que exclui, alcançam sucesso, mas é bom termos em mente que nem todos ainda têm acesso à *internet*. Há uma intensa busca pela popularização, mas muitas pessoas ainda estão

⁷ MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. O programa permitia que um usuário da Internet se relacionasse com outro que tivesse o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger.

desconectadas. Lévy (1999) alerta que “cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos”, pois há questões de ordem econômica, técnica e humana envolvidas e, portanto, o acesso não é igual para todos. O autor faz uma analogia com o sistema de escrita, observando que não havia iletrados antes de sua invenção, assim, conscientes de que também na cibercultura há exclusão, é mais produtivo buscar os meios para a inclusão a desconsiderar as oportunidades que a ela disponibiliza.

No primeiro capítulo deste estudo, indagou-se se a intensificação do uso da escrita exigida na *internet* poderia promover também uma maior alteração dessa modalidade comunicativa. Tendo por base as reflexões de Marcuschi (2011), a hipótese que se apresenta é a de que é possível que haja várias formas de escrita no futuro. Não se trata, nesse contexto, de afirmar que a língua está sendo molestada, alterada ou transformada. Não se trabalha aqui com a ideia de que surgirão novas regras de sintaxe na língua portuguesa, de que o idioma será destruído, mas admitimos que as novas formas de comunicação têm adaptado e promovido tantas variações na utilização do idioma em certos contextos digitais que é possível que o futuro apresente formas novas que atendam às necessidades dos usuários. Esse futuro de que se fala é incerto, faz-se necessário admitirmos, porque o mundo digitalizado guarda a instabilidade como uma de suas características marcantes, assim não há como fazer previsões sem o risco sério de se equivocar.

No entanto, é conveniente e necessário para o ensino de línguas, especialmente o ensino de língua materna, compreender em que medida há intervenções dessa linguagem nova – a linguagem digital – oriunda da internet, sobre a linguagem escrita convencional nesse momento histórico. Ao discutir as relações escrita e fala na busca pela caracterização da escrita Marcuschi e Hoffnagel (2007), citando Olson (1977), admitem que haja sim a transição de uma modalidade para a outra, o que anima a pensar que essa transição também se dá entre as escritas convencional e digital. Trata-se de uma variação linguística influenciada pelo suporte e pelas condições de produção dos enunciados.

Apropriar-se da linguagem digital, aproximá-la da linguagem corrente e manuscrita dos estudantes não implica em realizar a crítica, propor a tradução ou a correção dessa linguagem. Pode ser uma rica experiência de reconhecimento de uso da língua, em diversas variedades e a dinâmica da língua em uso que

historicamente é viva e variável. Por que não admitir que os usuários da linguagem praticada nos meios de comunicação digitais podem estar trazendo influências dessas práticas em suas experiências de escrita? Por que não admitir que essas influências possam ser naturais, benéficas à construção de sentidos, muito embora conscientes da necessidade de se dominar a norma padrão? Por que também não admitir a possibilidade de que as influências das práticas na *internet*, muito mais significativas em termos de quantidade, possam estar influenciando a escrita convencional, inclusive dificultando a expressão esperada em certos gêneros mais formais, sobretudo para os estudantes do ensino fundamental?

Entende-se como natural, pois se observa em textos de escritores iniciantes marcas de oralidade muito presentes, assim como características de um gênero textual em outro gênero. Essas marcas são consideradas naturais e, graças ao trabalho de “polimento” que se faz ao longo do ensino de língua materna, assim como após recorrentes práticas de leituras, entre outros fatores possíveis, elas ficarão cada vez menos presentes até que se atinja a proficiência naquele gênero em questão. E assim, entendendo como possível e natural essas ocorrências, é possível validar a hipótese dessa migração das estratégias e formas dos espaços digitais para os espaços convencionais e se ratifica a necessidade de se conhecer a linguagem dos espaços digitais e considerá-la como mais uma variedade quando, no ensino da escrita, deparamo-nos com a tarefa de analisar os textos dos estudantes de qualquer nível de ensino, sobretudo no ensino fundamental.

Inicia-se por conceituar escrita dos meios digital, doravante escrita digital, para, em seguida, aprofundarmos a discussão já iniciada. Por digital, entende-se o texto escrito que assume diferentes formas na tela do computador bem como no celular, *tablet* e afins. “A digitalização é o fundamento técnico da virtualidade” (LÉVY, 1999, p. 48), assim, para entender o digital é importante que se compreenda o que é virtual. Segundo o pesquisador, o virtual pode ser entendido sob três pontos de vista: o técnico, relativo à informatização; um filosófico, segundo o qual aquilo que é virtual existe em potencial e se concretiza em sua atualização, como exemplo, Lévy (1999) apresenta as árvores que tem no grão sua existência virtual; e um de uso corrente que apresenta o virtual como contrário àquilo que é real, nesse sentido virtualidade refere-se à irrealidade, não existe no plano real. Para o autor, o virtual e o real não se dividem, assim, uma palavra pronunciada num determinado tempo ou

lugar representa atualização daquilo que é virtual, porém cada atualização se diferencia, “o virtual é uma fonte indefinida de atualizações”. Essa proposição leva à compreensão de que na tela do computador ou na telinha do celular se pode atualizar textos e discursos disponibilizados num plano virtual.

No mundo digital ou virtual, as pessoas produzem textos, no dizer de Xavier (2011), construídos numa retórica digital que ele compreende como o “efeito da intensa variação no uso da língua” (XAVIER, 2011, p. 42). Essa nova retórica se dá numa linguagem transgredida, seja em seu aspecto morfológico, seja em seu aspecto ortográfico, assim como há uma aglutinação de semioses que estabelecem uma retórica nova, construída nas interações entre membros de comunidades virtuais que socializam em redes.

Seria algo revolucionário o que está ocorrendo na escrita utilizada nas linguagens ditas digitais? Marcuschi (2010, p. 21) aponta que “é bom ter cautela quando se afirma que algo novo está acontecendo [...] as tecnologias não mudam os objetos, mas nossas relações com eles”. Para o autor, novidades nem sempre trazem algo tão novo como a princípio apregoado, assim como suas influências nem sempre são assim tão devastadoras e espetaculares. Em sua argumentação, ele lembra que nessa era eletrônica não se pode mais postular a assincronia da linguagem escrita do mesmo modo que o telefonema redimensionou a noção de copresença dos interlocutores na produção da linguagem oral. Nos meios digitais há a escrita sincrônica. Concordando com o teórico, acredita-se que as linguagens que se constroem em meios virtuais poderão, num curto espaço de tempo, ser atualizadas, uma vez que a velocidade das mudanças tecnológicas assim o possibilitam. Desse modo, algo que hoje causa alvoroço pela novidade, poderá cair em desuso ou ser substituída por outra novidade. Isso não diminui a necessidade de compreender, nos atuais contextos digitais, como usos concretos e específicos da língua, e a importância de se observar possíveis efeitos sobre as formas do mundo real.

Sobre a escrita nos discursos eletrônicos, Marcuschi (2008, p. 22) resume o dito em Crystal(2004) que destaca aspectos a serem considerados quando se trata da linguagem da Internet e sobre o efeito da Internet na mesma.

- (1) Do ponto de vista dos usos da linguagem: temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- (2) Do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem: integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade;
- (3) Do ponto de vista dos gêneros realizados: a Internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconteste: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua sendo essencial.

Considerando o primeiro e terceiros aspectos apontados por Crystal(2004) relevantes aos propósitos desse trabalho, é conveniente aprofundá-los. Parte-se das afirmações de Marcuschi (2010) que estabelece a relação entre a oralidade e a escrita, nesse contexto específico de escrita. Se na escrita regular, as marcas de oralidade fazem-se presentes muitas vezes, mais ocorre nos contextos digitais. Isso inviabiliza, segundo o autor, a tradicional dicotomia oralidade e escrita ainda presentes nos manuais de ensino de língua. O que se pode observar na escrita digital é certo *hibridismo* (grifo do autor). Além disso, podem ser observados que os gêneros digitais permitem uma integração entre diversas semioses como signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. O autor destaca ainda a plasticidade dos novos gêneros, especialmente da publicidade.

Outro aspecto relevante é o intenso uso da escrita que a internet exige. Essa intensificação do uso da escrita poderia, em hipótese, promover também uma maior alteração dessa modalidade comunicativa? Para Marcuschi (2010), é possível que sim, pois as mudanças que ocorrem na linguagem oral pela intensidade de uso dessa modalidade, poderão tornar-se muito mais velozes a partir do momento em que o uso da escrita se intensifica significativamente. Assim, o autor não descarta a possibilidade de que no futuro coexistam várias formas de escrita, relativamente aos diversos contextos de usos dessas escritas. Estaria aí uma das causas de tantos truncamentos e tanta brevidade na escrita dos adolescentes?

A busca por resposta impulsiona mais uma vez a Crystal (2004). Em suas pesquisas e observações não se encontra uma preocupação do autor com a decadência da língua em razão da ampliação do uso da *internet*. Ele desenha em

longo prazo uma revolução sem precedentes, especialmente sobre os processos comunicativos, graças à evolução da tecnologia, entretanto, há uma tranquilidade do autor em mostrar que nenhuma variedade linguística está se perdendo, tão somente somam-se, segundo sua ótica, novas variedades e possibilidades de uso da língua.

Considerando as contribuições de Crystal (2004) como muito pertinentes e observando que suas reflexões admitem as variações linguísticas no meio digital, assim como a ideia de migração de uma modalidade para outra, reitera-se a dúvida se mediante tantas proposições e novidades que se apresentam com a internet, não seria mesmo possível ou provável que, pelo uso constante da linguagem interativa das redes sociais por parte de dos jovens escritores, haja uma interferência dos usos de um meio sobre o outro.

Não somente na comunicação houve mudanças, mas em outros processos sociais: o imediatismo, a rapidez e a economia de tempo tornaram-se marca dos novos tempos. Os adolescentes, totalmente inseridos nesse contexto de mudanças, ainda em processo de aquisição da variedade formal da linguagem podem estar transmutando algumas das estratégias utilizadas nos meios digitais em suas produções escritas escolares e produzindo textos mais sucintos, alterando os processos coesivos, trazendo estratégias da comunicação em tempo real para a produção escrita convencional, esta sincrônica e, conforme Marcuschi e Hoffnagel (2007, p. 92), nela “é preciso verbalizar tudo, ao passo que na oralidade temos a possibilidade de utilizar a situação física e podemos apontar com o dedo ou outros recursos”.

Essas possibilidades da oralidade permitem a omissão de muitas informações que por vezes são necessárias à produção de sentido no texto escrito. Do mesmo modo, ocorre nas conversas instantâneas realizadas em meios digitais. Nelas, há também recursos que permitem uma comunicação mais econômica, dando aos interlocutores, mais fluidez aos textos produzidos e permitindo aos interlocutores o estabelecimento de sentidos. Os estudantes, imersos nessas práticas comunicativas digitais e pouco adeptos à prática da escrita convencional, podem trazer para esta as marcas daquela.

Muitos são os fatores que podem interferir na produção escrita dos alunos. O primeiro deles é comprovadamente a existência de falhas no processo de aquisição da escrita, ou mesmo a não consolidação desse processo. Não escrevem de uma

determinada forma porque (ainda) não aprenderem a escrever. Mas, é possível identificar também algumas marcas indicativas de uma incorporação daquelas estratégias anteriormente expressas - rupturas, truncamentos, brevidade, entre outros - na escrita dos estudantes. Marcas da oralidade poderiam explicar, em alguns casos, certos registros, contudo, a despeito de Araújo e Biasi-Rodrigues (2005) mostrarem que a língua portuguesa não corre perigo algum nesse contato com as linguagens digitais, atentou-se para outra afirmação desses mesmos pesquisadores que respaldam a preocupação, a saber, é preciso que haja uma atenção redobrada das abordagens teórico-metodológicas voltadas para o ensino em relação aos novos recursos que estão sendo criados para agilizar a troca de informações no ambiente virtual, pois, conforme alerta os autores:

Salta aos olhos o papel que as condições externas (sociais, culturais, históricas, tecnológicas) exercem sobre os usos da língua, sobrepondo-se até mesmo às condições internas (formais ou estruturais) mais facilmente visíveis na superfície textual. (ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 10)

Deduz-se que a grande preocupação relacionada ao uso da linguagem digital são os desafios que ela traz ao ensino e à aprendizagem, visto que pela internet as informações se multiplicaram, os processos tornaram-se mais complexos, as formas de acesso e produção se transformaram. Tem-se pela frente, em consonância com os autores, uma necessidade de formação apropriada para os educadores, pois deverão orientar seus alunos para saber lidar com essa nova demanda de conteúdos e conviver com mais um formato de linguagem, usando apropriadamente cada uma e, quem sabe, refletindo sobre as variedades e trazendo desse convívio com a linguagem digital uma maior consciência sobre a produção de sentidos em sua escrita convencional.

Marcuschi (2008) adverte que os gêneros textuais digitais oferecem a oportunidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade. No ensino da escrita, os professores de língua materna deverão considerar essa recomendação do autor e se apropriar de muitas dessas particularidades da escrita digital, no intuito de melhor compreender a escrita dos alunos, identificando nesta, algumas marcas daquela, o que lhes permitirão fazer intervenções pertinentes,

eminentemente pedagógicas, no sentido de potencializar as oportunidades de aprendizagem.

Emergem dessas reflexões iniciais algumas necessidades: a primeira refere-se à compreensão do espaço cibernético onde essa escrita é exercida com a aproximação e familiarização de gêneros digitais, de forma que se possa também entender as condições de produção e o contexto em que tal escrita é produzida, além de identificar as estratégias imputadas em sua produção, além disso, refletir sobre a possibilidade de uso desses materiais no trabalho pedagógico; a segunda, uma leitura dos textos dos estudantes e a identificação de marcas das estratégias empreendidas nos meios digitais. Essas duas frentes de investigação poderiam acrescentar novos fundamentos para uma proposição de trabalho mais consistente ao abordar a produção escrita em sala de aula.

Os professores de língua materna têm uma responsabilidade diante do exposto. Nesse contexto, o sentimento é de mobilizar a compreender melhor essas questões. Entende-se que, na medida em que se percebe a ineficácia do ensino e, ao mesmo tempo, observa-se o uso real e espontâneo da língua em situações cotidianas, não há outra alternativa senão apropriar-se dessa linguagem e usá-la a favor do ensino, alertando para o que afirma Gomes (2016), quando discorre sobre a escrita nas redes sociais:

Muitas práticas da escrita no meio digital extrapolam as propostas de redação e leitura nas escolas, mesmo quando estas envolvem os dispositivos tecnológicos, por estarem presas a determinados valores e padrões e por não considerarem a formação e a manutenção de redes de relacionamentos como uma das motivadoras das interações via escrita (GOMES, 2016, p. 82).

O autor confirma que a escrita nos meios digitais é descomprometida com padrões, realiza-se de forma livre e permite que os usuários atendam plenamente suas necessidades comunicativas, sem censuras. A escrita escolar, conforme o autor, tem compromisso com padrões pré-estabelecidos e, mesmo quando fazem uso dos recursos tecnológicos, são indiferentes aos motivos que atraem os usuários às redes sociais, ou seja, a formação e manutenção de relacionamentos. Nos espaços digitais, portanto, a escrita se dá de modo parecido às condições de fala, parte da necessidade de fazer contato com o outro e manter essas relações. Essas condições de produção são as já defendidas por Koch e Elias (2012, p. 88) quando

afirmam que “um dos requisitos básicos para a produção de todo e qualquer texto é a contextualização, ou seja, sua ancoragem em dada situação comunicativa”.

Quando se aborda os meios digitais, parece que se fala de algo demasiadamente amplo e de fato o é. Muitas são as redes sociais, aplicativos, páginas interativas, conteúdos multimodais, entre tantos outros serviços disponíveis na internet. Coube, assim, verificar por meio de pesquisa quais os mais usados entre os alunos com quem se trabalha. Alguns se destacam pela preferência, mas nenhum se iguala ao *WhatsApp* neste momento. A maioria dos alunos questionados na enquête inicial dispõe de um *smartphone*, e 100% destes alunos usuários do celular faz uso desse aplicativo, de modo que o *WhatsApp* é o aplicativo preferido entre adolescentes.

O grande diferencial do *WhatsApp*, segundo os seus criadores, foi a inovação do sistema de utilização dos contatos telefônicos no *software*. Quando um usuário faz o download do aplicativo para seu telefone, não é necessário criar uma conta ou adicionar amigos para utilizar a plataforma. O próprio aplicativo localiza os números de celulares salvos no aparelho e automaticamente identifica qual está cadastrado no WhatsApp, adicionando para a lista de contatos do novo usuário. Esse aplicativo é considerado por alguns um substituto das mensagens instantâneas, por ser mais prático e econômico. O que mais agrada é não haver custo adicional para enviar as mensagens, além do plano de dados já utilizado para se conectar à *internet*. Assim, sem maiores gastos, o usuário pode enviar mensagens, vídeos, compartilhar conteúdos, conversar, inclusive realizar conversas com transmissão de imagens.

Entre os usuários das redes sociais, não há como negar a preferência. A todo instante, se está sempre recebendo e enviando mensagens e, à nossa volta, são vistas pessoas usando seus celulares, boa parte delas fazendo uso do *WhatsApp*. Num levantamento inicial, a ancoragem está no trabalho de Mestrado de Caiado (2005) intitulado “*meuqueriblog.com*”: a notação produzida no gênero *weblog* e sua influência na notação escolar para um levantamento inicial de marcas transgressoras das conversas dos adolescentes nos gêneros digitais, muito próximos aos produzidos no *WhatsApp*, a saber: 1) transgressões ortográficas: supressão de vogais como em *msm*, *vc*, *q*; omissão de acentos ou substituição por H como em *la*, *lah* para *lá*; *ta*, *tah* para *tá*; substituição do til pelas letras AUM como em *naum*; uso da letra k em lugar da letra c ou do dígrafo qu como em *boka* e *kis*; alongamentos

como em galeraaaaa; não uso da cedilha, às vezes com troca do ç por x como em coraxaum e acontece para coração e aconteça; colocação do ç em lugar de c como em conhece; hipersegmentação como em façaisso; 2) uso intensivo de onomatopeias com grafia modificada como em Oiee, hummmmmm; 3) uso de recursos semióticos tais como as emojis; 4) redução de enunciados.



Figura 1: Tabela de emojis disponíveis no aplicativo
Fonte: Imagem Google (2017)

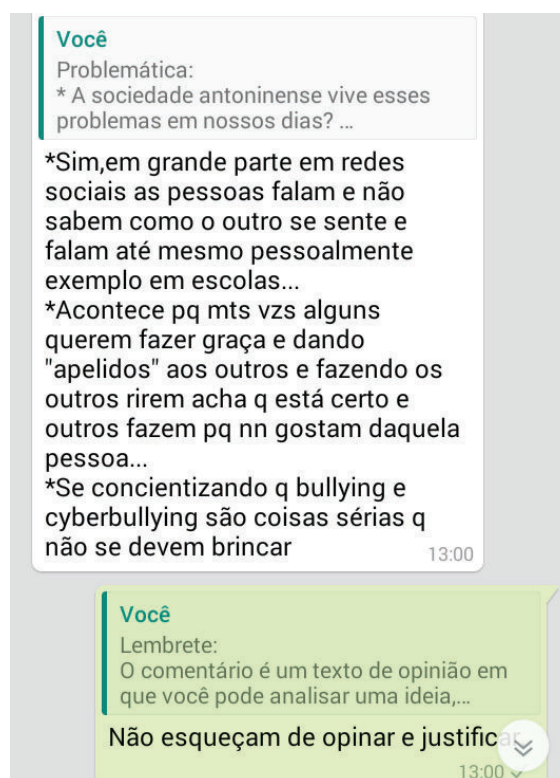
O interesse vai além de detectar essas marcas da escrita dos estudantes nos espaços digitais. Ao estender a observação à linguagem escolar, busca-se comparar os dois modos de escrever no intuito de verificar traços de um registro escrito sobre o outro, atentando, sobretudo, para a organização de enunciados e as relações estabelecidas entre as partes constituintes do texto, sem desconsiderar as formas de registro e em que medida atende às orientações das normas.

5 ANÁLISE DOS DADOS: APRECIANDO A ESCRITA NO *WHATSAPP* E COMPARANDO À ESCRITA ESCOLAR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco [...]

Carlos Drummond de Andrade

Pode-se observar nas mensagens de *WhatsApp* uma despreocupação com alguns recursos que dão formalidade ao texto. Entre outros, pode-se destacar a pontuação, como mostra o fragmento textual (Tw):⁸



Tw 1

No texto acima, pode-se destacar os sinais de pontuação, mas estes não estão em consonância com as regras do português padrão. Outros aspectos observados são a pouca presença de conectores, à exceção da conjunção “e” em quatro ocorrências, entre as quais duas apresentam valor semântico adversativo.

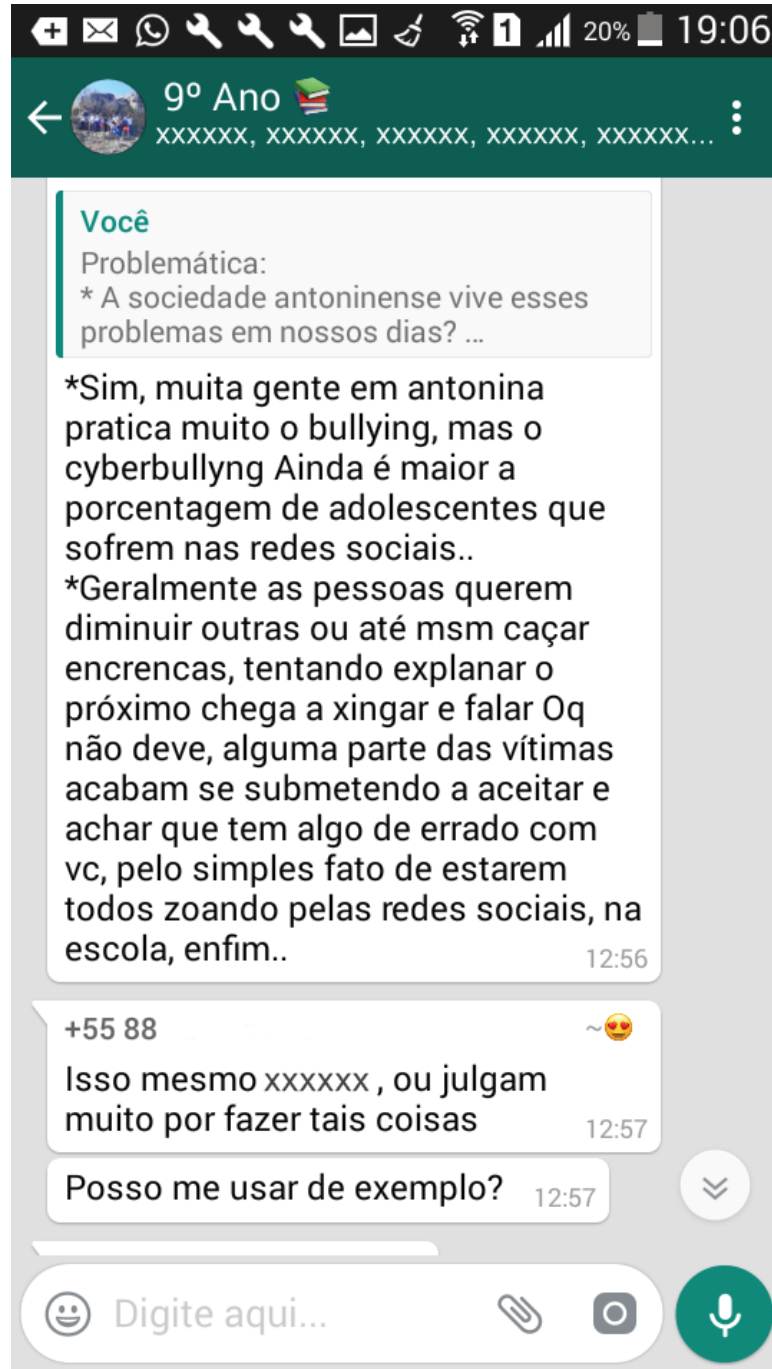
⁸ Para melhor compreensão das análises, utilizaremos Tw fazendo referência aos textos do *WhatsApp* e Te, para referir-se aos textos escolares, seguindo uma sequência numérica.

Por outro lado, o aluno utilizou outras notações gráficas para obter efeito de sentido: reticências em duas ocorrências, ao final de enunciados, denotando a supressão de informações que sugere a confiança do autor na possibilidade de complementação pelo leitor, assim como aspas para destacar um termo (apelidos) o qual sugere que o leitor deve dar uma interpretação diferente para o vocábulo, para além do seu sentido comum. Embora não siga as normas de uso padrão, é possível observar nesse trecho certa maturidade para o uso de notações gráficas.

Um outro aspecto que se pode observar no texto acima é a síntese das informações, uma vez que a construção de sentenças é ancorada nas perguntas feitas pelo professor. Não há a preocupação de organização dos enunciados com sujeito, verbo e complementos. A compreensão do enunciado do aluno passa antes pela leitura da pergunta.

No trecho “Acontece porque mts vzs alguns querem fazer graça e dando ‘apelidos’ aos outros e fazendo os outros rirem...” (Tw 1), só se pode entender o que acontece se remeter às perguntas motivadoras que deveriam servir somente de reflexão para os alunos, mas são tomadas como componentes do texto.

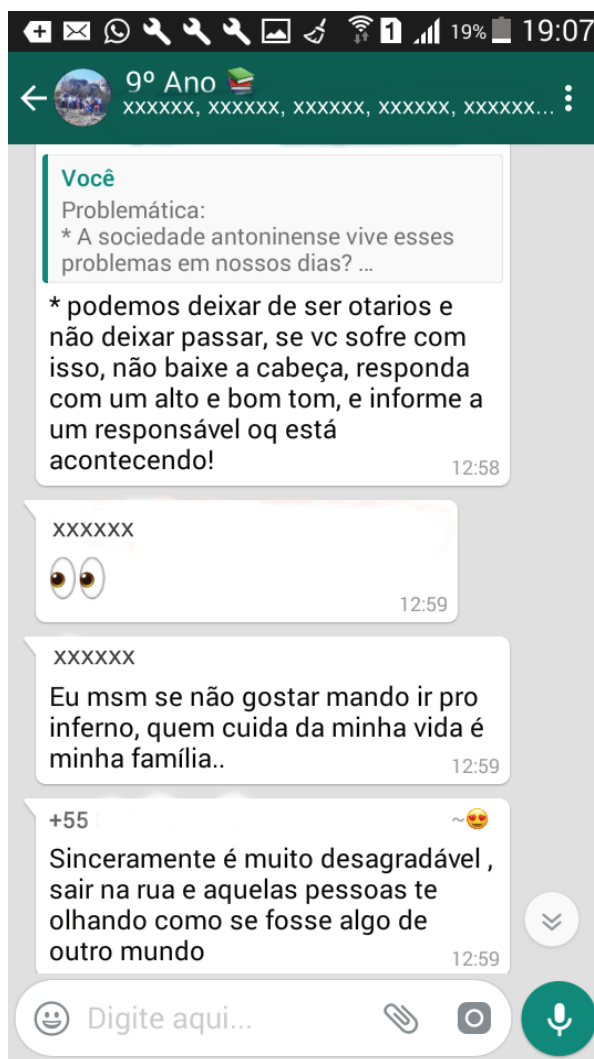
Na situação seguinte, (Tw 2) a estratégia usada é diferente, embora mantenha afirmativa, referindo-se claramente à pergunta motivadora; há, nesse caso, uma elaboração de enunciados mais completos, observando-se, entretanto, a manutenção de uma pontuação que segue a proposição padrão.



Tw 2

No texto acima, já se percebe marcas de conexão mais presentes, seja pelo uso de sinais de pontuação, seja pela habilidade no uso de conjunções. Há uma manutenção do uso de reticências nas mesmas circunstâncias apresentadas em Tw 1, porém em Tw 2, há o registro somente de dois pontos seguidos horizontalmente (...).

Na continuidade de seu discurso, o autor volta ao debate, com uma nova contribuição:

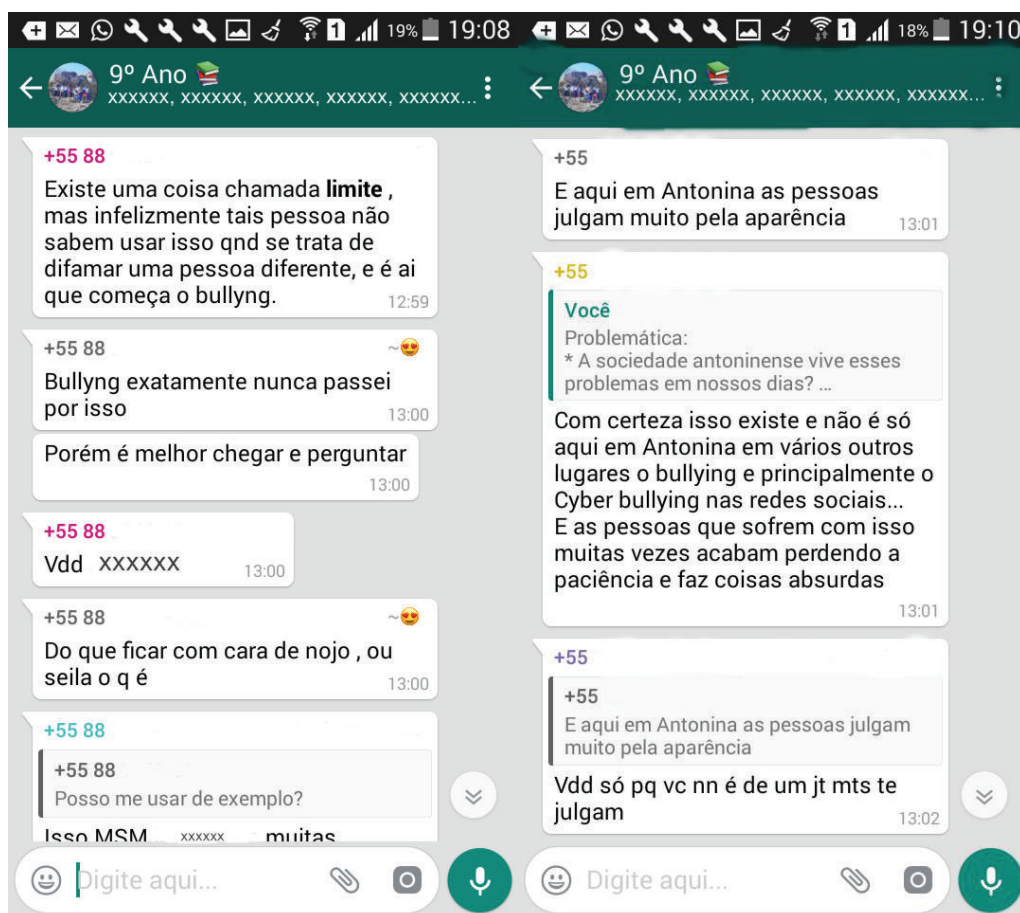


Tw 3

Observa-se em Tw 3 a incursão da primeira pessoa do discurso, revelando uma carga de sentido mais emocional, já que os comentários tomam uma vertente mais subjetiva e os alunos ilustram seu pensamento com depoimentos pessoais. O uso do discurso direto concluído com um ponto de exclamação contribui para a atribuição da subjetividade e emotividade ao texto. Subtende-se que o autor deseja passar um apelo mais emocional para convencer seu interlocutor. No registro escrito, o autor que iniciou o texto com maior grau de formalidade, mantém o uso de vírgulas na organização das sentenças, mas a linguagem vai ganhando um registro cada vez mais informal.

A utilização de ortografia, própria dos espaços digitais está presente na maioria dos textos observados, especialmente aqueles que mais usam o WhatsApp, caso do autor em questão. Assim, é possível observar o não uso de sinais de normas como: omissão da acentuação (otarios), uso de inicial minúscula para

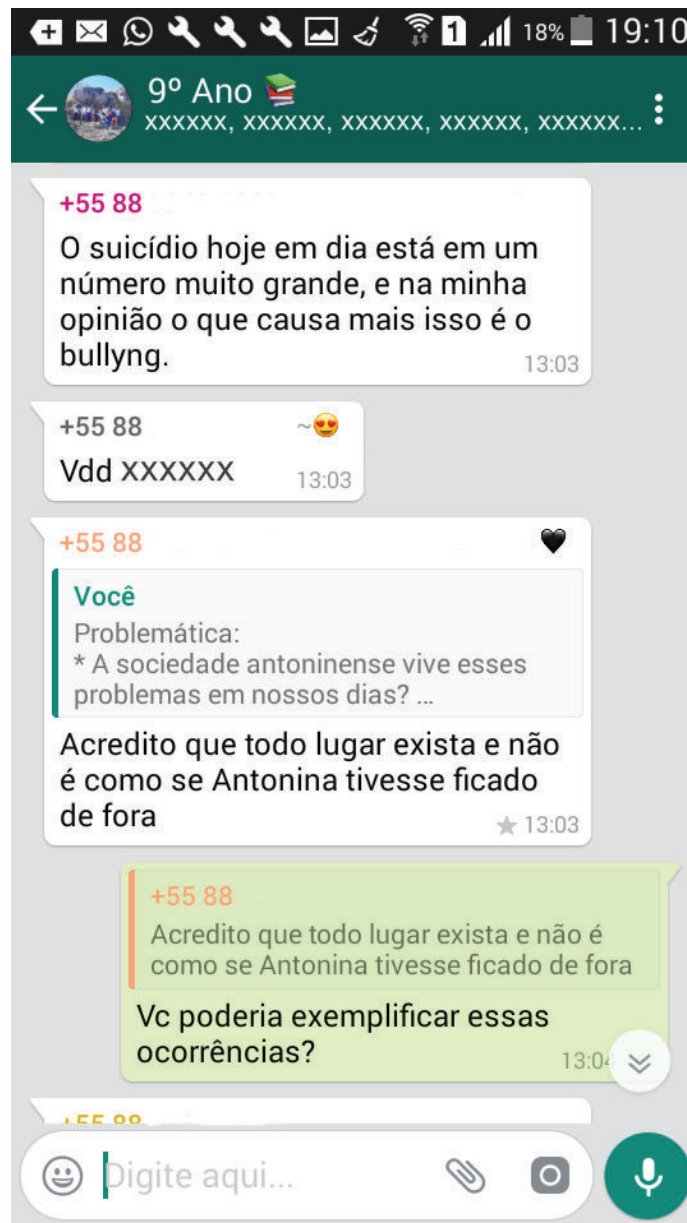
substantivo próprio (antonina), grafia reduzida (vc, oq). Vale mencionar que a utilização de letra maiúscula em nomes de lugar, especialmente do lugar de origem, é de conhecimento para os alunos do nono ano, dificilmente haveria/ seria motivo de erro em sua escrita escolar, o que leva a compreender que essa escolha está de fato associada ao suporte em uso.



Tw 4 e Tw 5

Em Tw 4 e Tw 5, a contribuição se apresenta na interlocução entre autores, há uma discussão e troca de ideias. O primeiro elabora o texto de modo truncado, conforme se pode ver nos quadros acima. Essa prática é uma característica das mensagens de *WhatsApp*. Para amenizar os problemas de interpretação ocorridos pelo truncamento e mesclagens das mensagens de diversos interlocutores foi desenvolvido um mecanismo de retomada do trecho a que se quer referir, intitulado no próprio aplicativo como “resposta”. Para utilizá-lo, o usuário marca o texto que pretende responder e imediatamente abre-se uma janela anexada ao texto onde o mesmo faz seus comentários. O uso desse recurso foi bastante e eficientemente

usado pelos alunos pesquisados, a exemplo da intervenção frequente no discurso do outro; porém este último fez pouco uso desse recurso, contribuindo para um texto marcado por truncamentos, dividido em partes que dificulta ao leitor a articulação de sentidos.



Tw 6

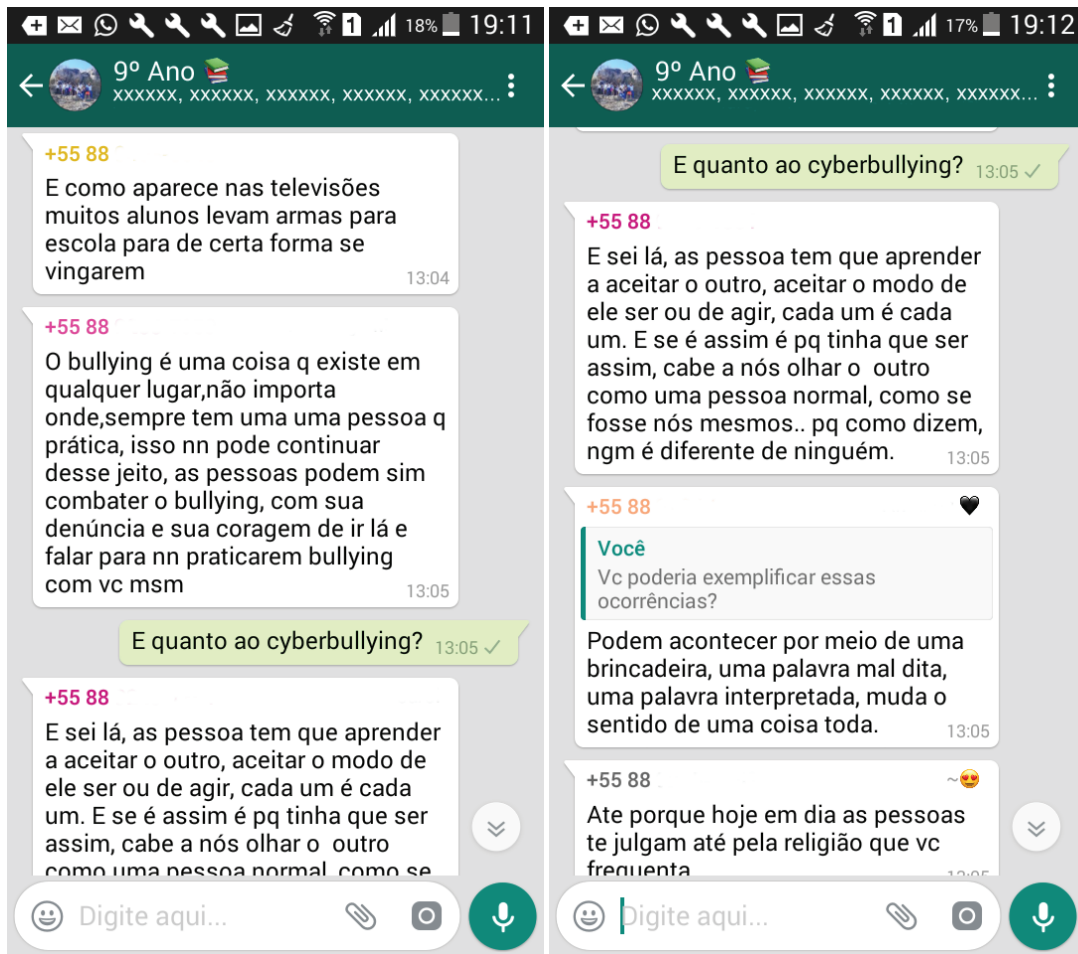
Os textos produzidos no *WhatsApp* são geralmente breves, exceto quando se compartilham mensagens de caráter mais específico, como: mensagens religiosas, políticas e didáticas. Nessa situação de produção, os primeiros comentários apresentaram-se um pouco maiores, mas, ao longo do debate, as mensagens foram

cada vez mais se tornando sucintas. Perguntas para desencadear o aprofundamento das ideias vão sendo feitas ao longo das participações dos alunos, entretanto, as “respostas” são breves.

Faltam aos enunciados explicações, exemplos, comparações e outros recursos que ampliem o debate. Assim, o texto não se expande encerrando-se em períodos curtos, geralmente simples, e, quando mais longos e compostos, é comum uma organização de sentenças justapostas, frequentemente não separadas por pontuação.

Mecanismos de associação pela seleção lexical e de reiteração por repetição e substituição são ainda pouco explorados nessa escrita.

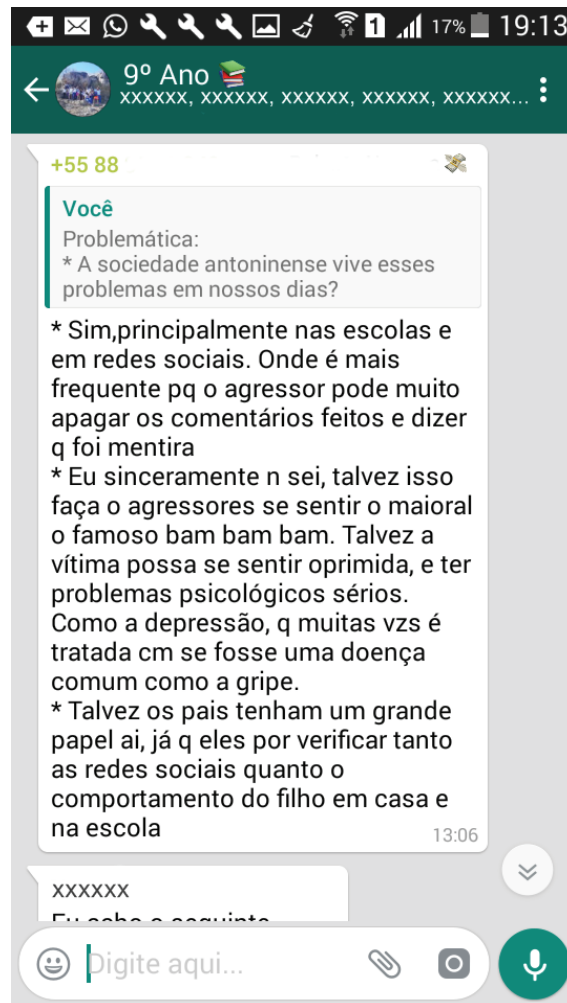
Pode-se observar em Tw 6 a redução do discurso do aluno. O mesmo utiliza-se da expressão “vdd” (verdade) como forma de resumir o seu dizer no dizer do outro. O professor indaga se na sociedade local ocorre o problema e pede exemplos, mas a resposta do aluno não apresenta exemplos ou outra estratégia argumentativa. Isso porque os textos produzidos no *WhatsApp* são geralmente breves, exceto quando se compartilham mensagens de caráter mais específico, como: mensagens religiosas, políticas e didáticas. Nessa situação de produção, os primeiros comentários apresentaram-se um pouco maiores, mas, ao longo do debate, as mensagens foram cada vez mais se tornando sucintas. Perguntas para desencadear o aprofundamento das ideias vão sendo feitas ao longo das participações dos alunos, entretanto, as “respostas” são breves.



Tw 7 e Tw 8

Nos textos acima, observa-se que os autores utilizam alguns recursos de coesão: elemento comparativo expresso em “como aparece nas televisões”; mecanismos de retomada em “isso nn pode continuar”, “não importa onde”, “com sua denúncia”, “aceitar o modo de ele agir”; relação de finalidade “para de certa forma se vingarem”; causal observado em “e se é assim é pq tinha que ser assim”, “até porque hoje em dia as pessoas te julgam até pela religião que vc frequenta”.

Quando poderiam ser mais versáteis na seleção lexical, os alunos não demonstram muitas habilidades. É o que pode ser observado em expressões como: “o bullying é uma coisa que existe em qualquer lugar”; “sempre tem uma pessoa que pratica isso”; “falar para não praticar o bullying”; “muda o sentido de uma coisa toda”. As ideias não se expandem pela falta de domínio ou pela opção por um texto mais sucinto e simples.

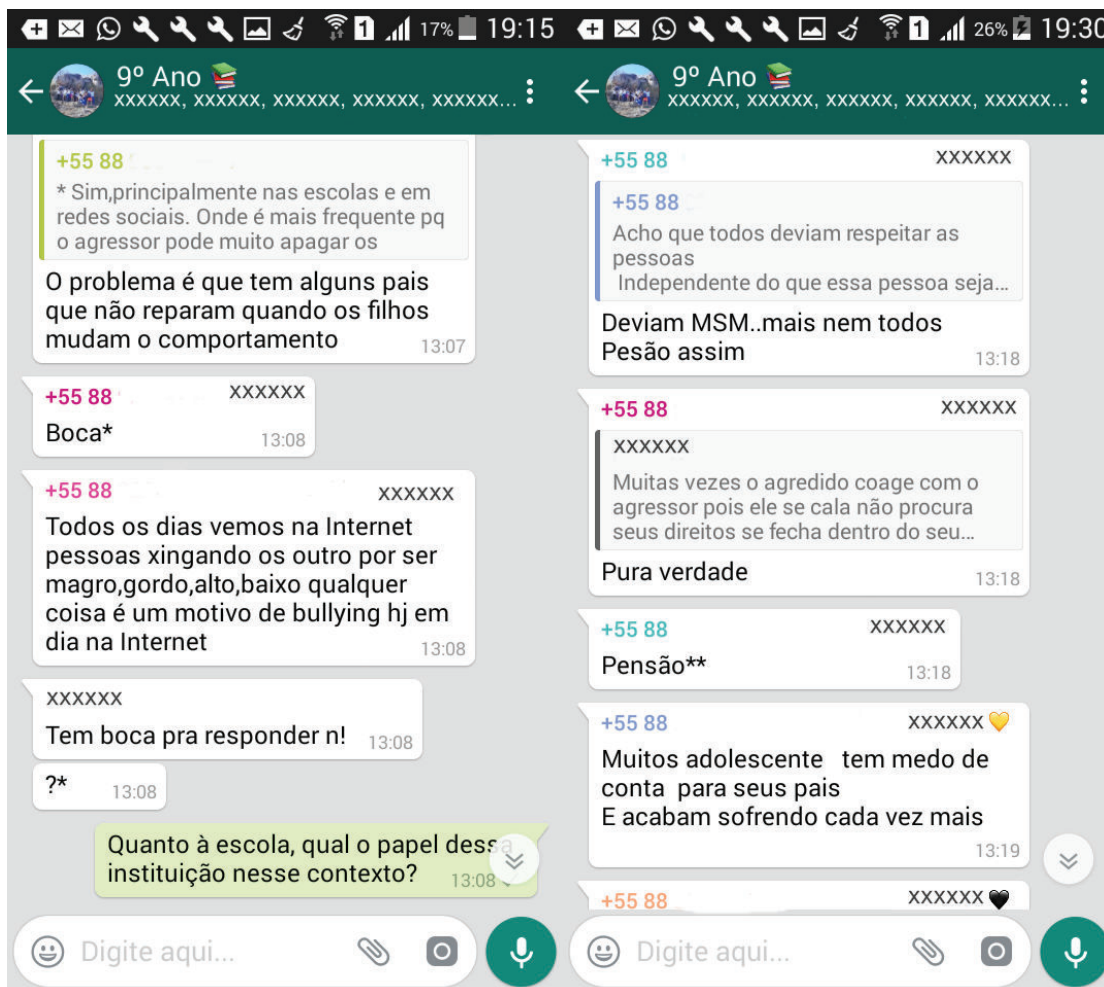


Tw 9

No texto acima, o autor demonstra domínio de alguns recursos coesivos e faz uso desses mecanismos, assim como faz parcialmente o uso de normas de acentuação e pontuação, diferenciando-se em parte das manifestações anteriores, muito embora ainda mantenha traços de linguagem informal (se sentir o maioral o famoso bam bam bam) e da escrita na *internet* (q, n, cm, vzs), além de várias outras infrações à norma da gramática padrão, também observados constantemente nos textos escritos de modo convencional, como a concordância. Além disso, pela seleção lexical expressa, o aluno demonstra dominar um maior repertório vocabular.

Posteriormente, um aluno que já demonstrara certo avanço no uso de mecanismos coesivos, provavelmente motivado pela ampliação do debate apresentado acima, traz nova contribuição, desta vez utilizando uma linguagem mais elaborada, conforme pode ser constatado no fragmento abaixo:

escrita, assemelhando ao gênero textual oral, sem esquecer que os usuários contam com certa permissão para uma escrita mais livre de censura da gramática normativa, resultando assim nessa forma de escrever, muito menos preocupada com erros e mais interessada em produzir uma comunicação rápida e eficiente em seu propósito imediato.



Tw 11 e Tw 12

Asteriscos, pontos de exclamação, ponto de interrogação são recorrentes nos textos Tw 11 e Tw 12. O asterisco é usado nesse aplicativo para marcar correções de mensagens ou trechos que apresentam registro diferente do desejado pelo autor. Nos fragmentos textuais acima há exemplos desse procedimento. É interessante que se perceba o valor semântico atribuído ao sinal de pontuação, visto que o ponto de exclamação foi incorretamente utilizado em lugar do ponto de interrogação e o sinal é marcado isoladamente sem que seja repetida a sentença. Claramente uma

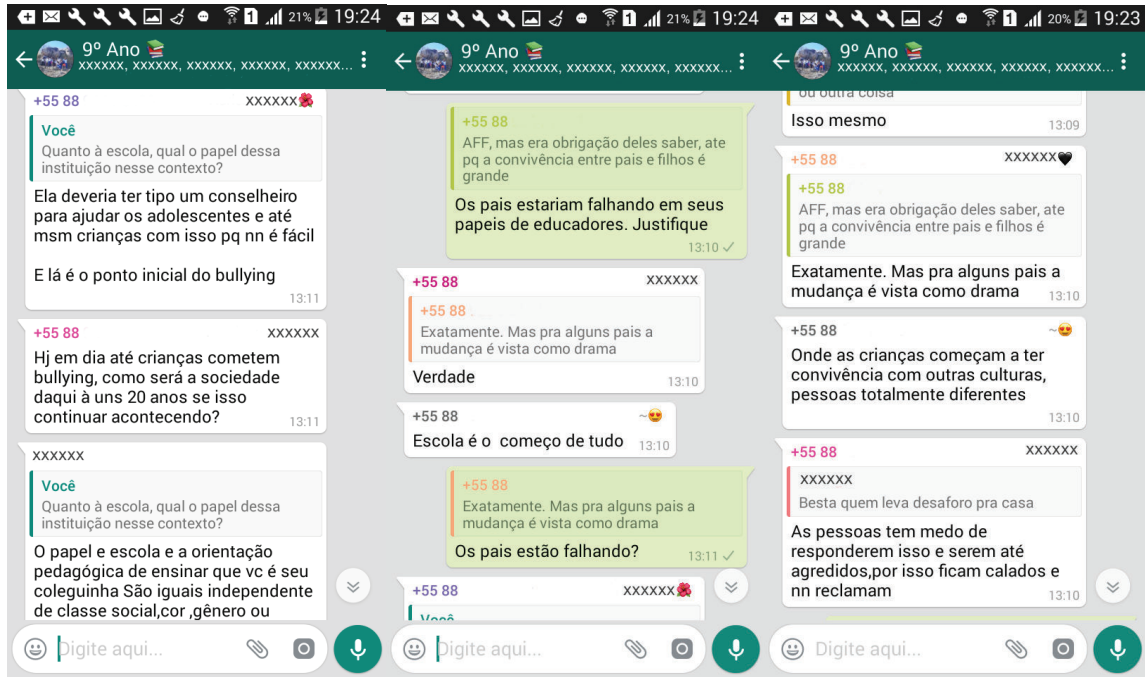
estratégia de simplificação e rapidez na locução dos enunciados. No quadro à direita, a correção se dá na forma verbal, o aluno faz uma intervenção sobre a ortografia, embora mantendo a desinência de futuro inadequada. Essas intervenções permitem constatar que há por parte dos alunos certo cuidado com a linguagem, a despeito do desconhecimento das normas e da liberdade com que se expressam pelo aplicativo.

Ainda em Tw 11, observa-se uma estratégia também utilizada na escrita em outros meios digitais. Trata-se do uso de letras maiúsculas para destacar e enfatizar um termo. Na expressão “deviam MSM” a palavra reduzida ganha efeito enfático e contribui para a argumentação apresentada pelo aluno.

Os alunos utilizam-se da ratificação dos discursos de outros como forma de articular sua argumentação. Essas estratégias estão demonstradas nos trechos: “Deviam MSM..mais nem todos pesão assim” e “Pura verdade”. Noutras passagens, pode-se perceber a mesma estratégia em expressões como: “Pois é”, “isso mesmo”, “verdade”, “concordo com vc”. Essa apropriação da ideia dos colegas permite ao aluno articular seu próprio pensamento, ampliando o texto no que diz respeito ao conteúdo.

Muito embora não tenham domínio de estratégias de escrita mais complexas como articulação de enunciados, paralelismos, paráfrases, substituições, associações, entre outras, quando produzem textos individualmente no *WhatsApp*, os alunos conseguem estabelecer algumas dessas relações. É o que se comprova quando se contempla as mensagens de vários alunos, em sequência, semelhante ao que se costuma obter quando se propõe uma produção escrita convencional em grupo.

Para constatar essa observação, observem-se os textos seguintes:



Tw 13, Tw 14 e Tw 15

Debatendo sobre o papel da escola em relação ao tema discutido, os alunos criam uma série de sentenças diferentes que contribuem para a afirmação da ideia que se quer apresentar e outras que acrescentam informações, propiciando assim uma maior informatividade às ideias transmitidas nas mensagens individuais. A manutenção do tema foi fundamental para o enriquecimento do debate nesse trecho. Além disso, a situação de produção e os interlocutores, que são alunos acostumados ao uso do aplicativo, compreendem as mensagens e participam coerentemente da discussão.

Na seção seguinte, será analisada como essa escrita se mantém ou se modifica em sua versão escolar convencional.

5. 1 Escrita escolar: compromisso com a formalidade?

Os textos escritos foram analisados segundo categorias adotadas a partir de Koch e Elias (2012) e Antunes (2005). Assim como se procede com as mensagens de *WhatsApp*, cuja análise recai sobre a presença de marcas de oralidade, as relações estabelecidas no texto – mecanismos de reiteração, conexões entre as sentenças, períodos e parágrafos; escolhas lexicais – e a obediência aos cânones

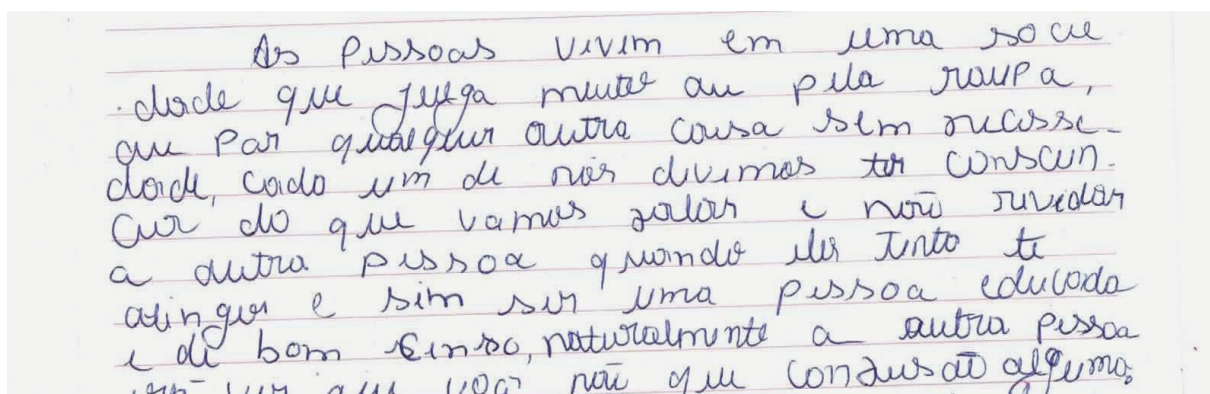
da gramática normativa. A análise procedeu ainda à comparação dos textos escritos convencionalmente escritos em sala de aula (textos escolares de natureza dissertativo-argumentativa) com a escrita produzida no aplicativo *WhatsApp* apresentando as mesmas condições de produção, exceto o suporte.

Após a análise de vinte e quatro textos dos alunos pesquisados, foi possível fazer algumas observações referentes às categorias acima mencionadas. O primeiro aspecto foi a presença de marcas de oralidade.

5.1.1 Marcas de oralidade

Nesse aspecto, observa-se as ocorrências relacionadas a não utilização de referentes, a justaposição de enunciados e a realização de truncamentos. Pode-se constatar que as ocorrências apresentam-se em maior número nos aspectos de organização dos enunciados (justaposição de enunciados), assim como na escolha de elementos referenciais. Embora haja truncamentos nos textos dos alunos, a quantidade de ocorrências não se mostrou tão significativa quanto o esperado. A hipótese era de que essa marca tão presente nas conversas de *WhatsApp* se repetissem em número mais expressivo nos textos escritos. Entretanto, o foco se deu numa perspectiva de análise comparativa entre as ocorrências nos dois suportes observados (mensagens de *WhatsApp* e textos escolares) com o intuito de verificar em que medida há uma similaridade entre as duas manifestações.

No texto abaixo, detectou-se a presença de truncamentos:



Texto escolar 1

Nesse texto, a proposta inicial é discutir sobre a prática do julgamento social entre as pessoas, mas somente apresenta o problema e cita um exemplo superficial, tangenciando o assunto, não estabelecendo relação entre a problemática levantada

e o tema a ser discutido; não dando continuidade à discussão da ideia por ele levantada, ou seja, não há progressão. Contrariamente, apresenta outra polêmica que diz respeito ao comportamento que se deve ter ao ser interpelado por uma terceira pessoa, defendendo que se deve ter uma postura consensual e evitar revides. Não há conexão entre essas partes do texto, que por sua vez encontram-se equivocadamente justapostas. O autor mescla ideias pouco debatidas no texto, sem estabelecer entre elas as relações que pretende. Esse procedimento impede a produção dos sentidos pretendidos e pode favorecer a construção de sentidos equivocados por parte do leitor. Do texto acima, poderiam ser levantadas pelo menos duas indagações: Como se expressam as pessoas que julgam e quais as consequências advindas desse julgamento social? Quando essas atitudes passam a ser crime, ou seja, quando serão consideradas assédio moral, doravante *bullying*?

Consideradas e respondidas essas questões, o autor poderia, então, introduzir sua proposição, a postura do bom senso. Do modo como se encontra, o texto permite conjecturas por parte do leitor que poderiam levar a caminhos contrários ao pretendido. O autor estaria entendendo a expressão como formas de tratamento desrespeitosas às escolhas individuais? Estaria ele propondo que o *bullying* pode ser combatido com uma postura de passividade? São possibilidades de compreensão permitidas pela organização dada ao texto.

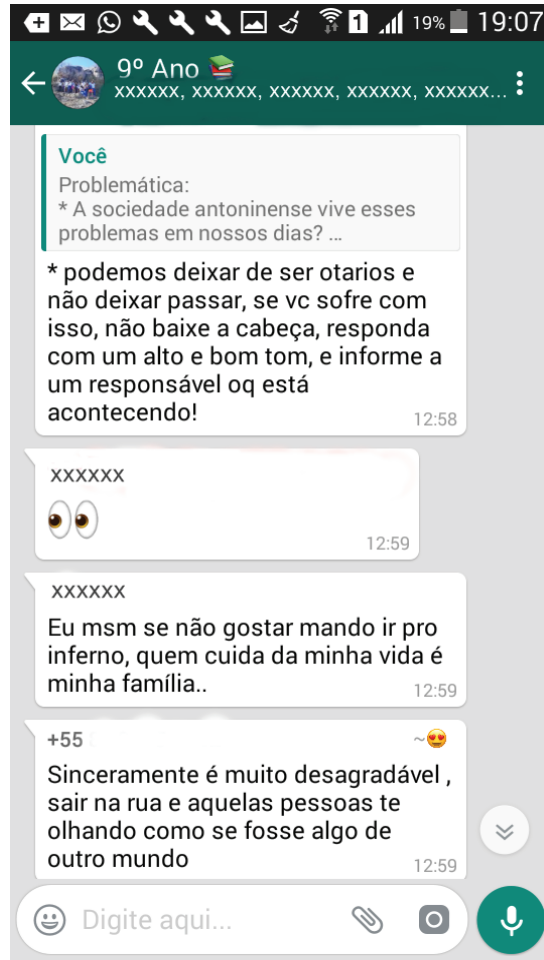
Esse procedimento de truncamentos sintáticos pode ser visto, ao longo desse mesmo texto, conforme pode ser visto nos parágrafos subsequentes. O autor declarara ao final de seu primeiro parágrafo que “ser uma pessoa educada e de bom senso, naturalmente a outra pessoa irá ver que você não que confusão alguma”, mas, no parágrafo seguinte, afirma que “*cada pessoa tem um modo de se relacionar socialmente*” (segundo parágrafo) e, no último parágrafo, propõe “*e de preferência entender o que se passa na cabeça do próximo*” (terceiro parágrafo). São ideias que não se conectam, que não foram devidamente exploradas, além de omitir componentes que as amarrem a fim de que componham o tecido textual coeso e coerente.

A continuidade de um texto, entendida por Koch e Elias (2012) como repetição e progressão requer o acionamento de informações já gravadas na memória do interlocutor e o acréscimo de informações novas, as quais serão posteriormente utilizadas para dar suporte a outras informações, constituindo assim

uma *cadeia coesiva*. Entretanto, a falta de encadeamento e continuidade do texto compromete a produção do sentido pretendido. É ainda relevante observar que a relação entre a informação explícita e a informação a se inferir estabelece-se, conforme Koch e Elias (2012) por sinalização textual. Ao processar um texto, o locutor procura levar o interlocutor a acionar os conhecimentos (textuais, situacionais, culturais e enciclopédicos) que permitirão a sua compreensão. O texto escolar 1 evidencia que o autor não considerou essas questões em sua produção textual, ou seja, o produtor pressupôs a existência de certos conhecimentos por parte do leitor, não sinalizados pelo texto, não considerou a necessidade de explicitar certas informações, comprometendo sua cadeia coesiva. Faltou um “balanceamento” entre o que pode permanecer implícito e que precisa ser dito.

Na escrita produzida no aplicativo *WhatsApp*, há uma constante realização desse procedimento. Essa escrita, no entanto, não apresenta a mesma dificuldade de interpretação observada na escrita escolar, pois conforme observado na seção anterior, os interlocutores contam hoje com o recurso de resposta pelo qual encadeiam seus enunciados aos de outros participantes e conseguem manter a coerência entre os mesmos. Por outro lado, há também cruzamentos nas mensagens veiculadas em conversas de *WhatsApp* que comprometem o encadeamento das ideias, provocando rupturas nos enunciados e estabelecendo novas temáticas à semelhança da oralidade.

No texto Tw 14, o autor ancora-se na pergunta motivadora para manter-se no tema e estabelecer uma cadeia coerente de informações, mas o seu interlocutor traz uma discussão diferente. Isso ocorre também pela quase simultaneidade das mensagens que impede o planejamento e estruturação de enunciados num mesmo bloco temático, como pode ser verificada no horário da postagem: 12h58min /12h59 min.



Tw 16

Enquanto o primeiro interlocutor responde como se deve agir individualmente para combater o *bullying*, o segundo ainda comenta como se sente aquele que sofre *bullying*; há, portanto, uma quebra da sequência e uma descontinuidade do texto. Os interlocutores do *WhatsApp*, no entanto, podem recorrer à leitura dos textos registrados em seu *smartphone* para recuperar a sequência lógica dos enunciados. Por sua vez, ao escrever em sua produção textual escolar, o aluno esquece-se ou desconhece de que não há recursos suficientes no texto convencional para sustentar a produção de sentidos pretendida.

Uma marca de oralidade bastante observada nos textos analisados foi a justaposição de enunciados, ora marcada pela presença de sinais de pontuação, ora apresentada sem essas sinalizações. A recorrência desse procedimento impeliu-nos para um olhar mais atento. Pode-se observar a justaposição de enunciados nos trechos abaixo:

O cyberbullying acontece muito, geralmente aque-
ntam calçados, outras não, algumas brigam
para ver se resolve mais não fica a si-
tuação porque brigam não resolve nadaquã-
cê tem que tomar outra atitude, procurar
meu olheiros.

Texto escolar 2

1º enunciado: Grande ocorrência de *cyberbullying*.

2º enunciado: Modo de reação das vítimas.

3º enunciado: Opinião do autor sobre as reações agressivas.

O autor justapõe três enunciados separando-os por vírgulas. Somente no interior do segundo enunciado, pode-se observar a utilização de relações de oposição e causa. Esse procedimento resultou no encurtamento do texto e simplificação das ideias, que, se por um lado atende o princípio da economia, por outro lado faz com que o autor omita ideias e informações pertinentes e enriquecedoras para a construção do texto. No terceiro enunciado, o autor utiliza-se do discurso direto, outra marca de oralidade frequentemente observada nos textos analisados.

O cyberbullying acontece mais nos escolas, com
apelidos, chingamentos e preconceitos e etc. Se uma
pessoa for gorda ou magra, negra eles colocam
apelidos de todo tipo até apelidos que não
existe, tem varias pessoas que se porque não
tem deites aí já começa praticar o bullying
coloca apelidos de todos modos, se não tem
um filho ou um irmão. Vendo sei uma
filha raposa eles não quer considerar como
seu ou sua filha(o).

Texto escolar 3

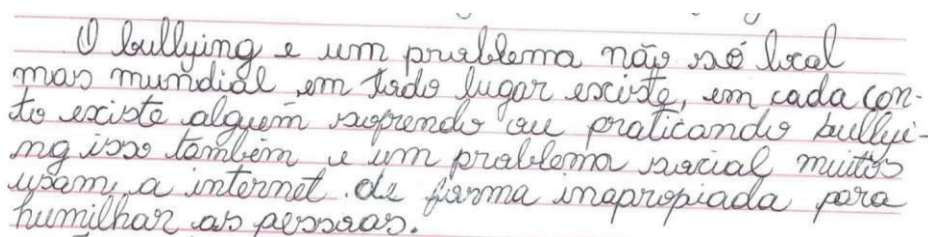
No segmento acima, o autor utiliza alguns conectores (se, até, que) o que dá uma certa coesão, entretanto, os períodos que constituem o parágrafo ficam resumidos, conforme se pode constatar.

1º enunciado: *O cyberbullig acontece mais na escolas, com apelidos, chingamentos e preconceitos e etc.*

2º enunciado: *Se uma pessoa for gorda ou magra, negra eles colocam apelidos de todo tipo até apelidos que não existe, tem varias pessoas que so porque são tem defeitos ai já começa praticar o bulling coloca apelidos de todos modos,*

3º enunciado: *se você tem um filho ou um irmão viado ou uma filha sapatona eles não quer considerar como seu ou sua filha(o).*

Os dois últimos períodos, iniciados pela conjunção condicional se, constituem uma ilustração do modo como o *bullying* pode ocorrer, explicitando a ideia de apelidos, xingamento e preconceito apresentado no primeiro período. Entretanto faltam conectores e marcas coesivas que explicitem a intenção do autor. Além disso, nos dois últimos períodos, o autor não faz uma remissão à marca espacial muito bem definida no primeiro, o que confunde o leitor, pois os exemplos que se seguem não são de ocorrência na escola, onde o autor apresenta a incidência de atitudes discriminatórias, mas são ocorrências na sociedade e na família.



O bullying e um problema não só local mas mundial em todo lugar existe, em cada canto existe alguém sofrendo ou praticando bullying. isso também e um problema social muitos usam a internet de forma inapropriada para humilhar as pessoas.

Texto escolar 4

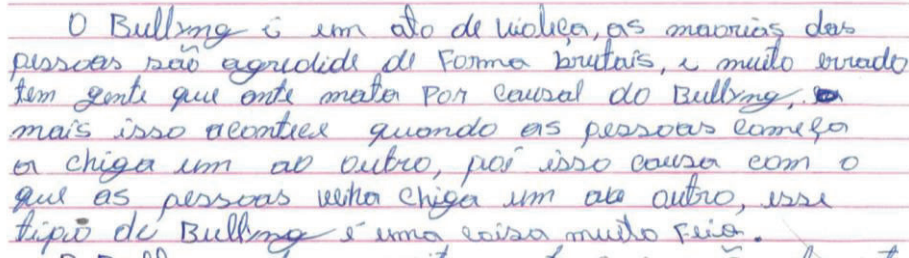
Nesse trecho, o autor usa equivocadamente o referente isso, já que passa a ideia de que é o fato da universalidade e não pela gravidade de suas consequências que o torna o *bullying* um problema social. E, ao final, sem utilizar conector nem sinal de pontuação insere uma nova informação, apresentando a seguinte estrutura:

1º enunciado: Afirmação de que “O *bullying* e um problema não só local mas mundial em todo lugar existe”.

2º enunciado: Reiteração da afirmação com a expressão “em cada canto existe alguém sofrendo ou praticando o *bullying*”.

3º enunciado: Retomada com o referente “*isso também é um problema social*”.

4º enunciado: Justaposição de nova informação “*muitos usam a internet de forma inapropriada para humilhar as pessoas*”.



Texto escolar 5

Esse trecho apresenta algumas imprecisões, além da justaposição de ideias que compromete sua qualidade. Está assim estruturado:

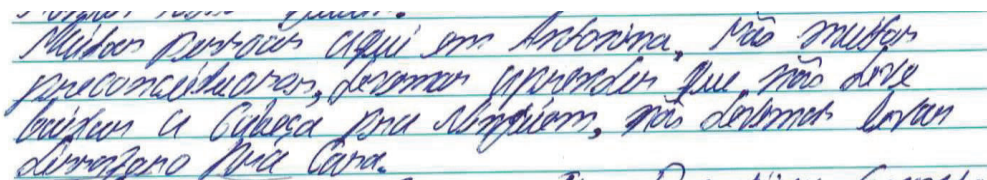
1º enunciado: afirmação seguida de explicitação separada somente por vírgula “*O Bullying é um ato de violência, as maiores das pessoas são agredidas de forma brutais*”.

2º enunciado: opinião separada por vírgula do período anterior e sem marcas de separação do período seguinte “*e muito errado*”.

3º enunciado: nova informação justaposta “*tem gente que ante mata por causa do bullying*”.

4º enunciado: conexão de oposição seguida de referente isso e relações temporal e causal, a última estabelecendo uma incoerência “*mais isso* (tem gente que ante mata por causa do bullying) *acontece quando as pessoas começa a chiga um ao outro, pois isso* (começa a chiga um ao outro) *causa com o que as pessoas veia chiga um ao outro*”.

5º enunciado: nova opinião do autor introduzido após vírgula “*esse tipo de Bullying é uma coisa muito feia*.”



Texto escolar 6

Acima um enunciado em que, de forma imprecisa, o autor expõe uma opinião e, em seguida, sem estabelecer nenhuma relação, apresenta uma outra opinião,

observando-se a mudança da pessoa gramatical com o intuito de apresentar uma sugestão para o leitor.

1º enunciado: *“Muitas pessoas aqui em Antonina, são muito preconceituosas”.*

2º enunciado: *“devemos aprender que, não deve baixar a cabeça pra ninguém, não devemos levar dissabor pra casa.”*

Colocados assim de forma justaposta, o trecho sugere que as vítimas do preconceito devem revidar todas as formas de preconceito que, segundo o autor, é uma constante entre os antoninenses, embora também possa ter havido a supressão de informação que mudaria o sentido pretendido.

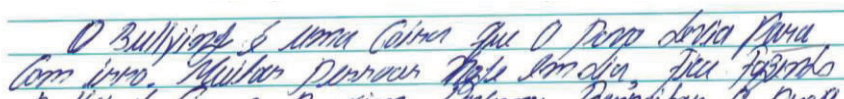
Nos enunciados acima, comprova-se o uso recorrente da justaposição de enunciados, procedimento também bastante utilizado nas conversas de *WhatsApp*. O uso exacerbado dessa estratégia pelos alunos observados no texto escolar permite duas possíveis considerações. Primeira: é extremamente necessária a intervenção didática, uma vez que nessas situações analisadas os alunos não aplicam conhecimentos gramaticais supostamente trabalhados até o nono ano do ensino fundamental, ou o trabalho com a produção de textos ao longo da trajetória desses alunos na escola não atendeu às suas necessidades, como produtores de texto. Segunda: trata-se de um uso intenso nas duas experiências de escrita, escolar e digital.

No *WhatsApp*, os alunos manifestam-se espontaneamente, a exemplo de suas comunicações orais, e os enunciados poucas vezes são complexos, há um uso moderado de conectores, e, dependendo da subjetividade da conversa, esses enunciados tornam-se mais breves, mais marcados por símbolos e sinais gráficos, ficando muitas ideias implícitas e entrecortadas pelas intervenções de outros usuários. No texto escolar, cujas condições de produção permitem um planejamento maior, e que carrega em si uma cobrança pela formalidade, esperava-se menor utilização desse procedimento, fato que não se comprova nessas análises realizadas. Pode-se concluir que uma prática de escrita tem influenciado ou intensificado as estratégias da outra, não sem admitir também que a qualidade do ensino de produção textual no ensino fundamental requer muitos ajustes, de modo a tornar os estudantes mais eficientes como produtores de texto.

5.1.2 Explicitação de referentes

Em relação à explicitação de referentes, já antecipadamente observado na análise acima, ficou evidenciado que, sobretudo nesse aspecto, os alunos trazem marcas da oralidade para sua escrita, assim como ocorre frequentemente nas mensagens de *WhatsApp*. Nos segmentos destacados demarcou-se essa ocorrência para análise.

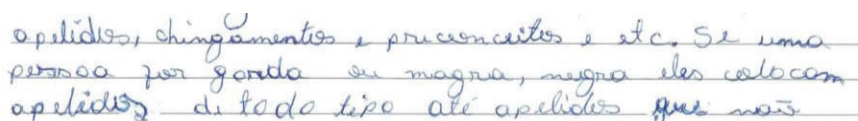
“O bullying é uma **coisa** que o **povo** devia parar com **isso**.”



Texto escolar 7

Utilizando-se de palavras de sentido vago, impreciso, o autor discute o assunto sem atribuir sentido aos termos em destaques. Não há uma indicação do perfil do praticante de *bullying*, uma vez que a palavra povo nada especifica. Por outro lado, o uso do referente *isso* que retoma o termo *bullying* permanece sem explicitação porque o autor o definiu como “coisa”, deixando o leitor impossibilitado de alcançar sua opinião, visto que essa palavra é de sentido amplo.

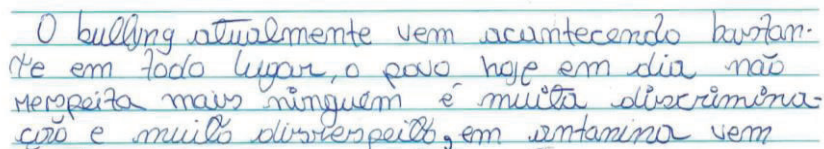
“Se uma pessoa for gorda ou magra, negra **eles** colocam apelidos de todo tipo”.



Texto escolar 8

Nesse caso, o autor utilizou o pronome “eles” em nenhum momento identificado por elemento algum presente no texto. Supõe, provavelmente o autor que o leitor subentenda quem são os praticantes de *bullying*. Aquele está ancorado em experiências vividas, entendidas como de conhecimento deste.

“O bullying atualmente vem acontecendo bastante em todo lugar, o povo hoje em dia não respeita mais ninguém é muita discriminação e muito disrespeito(...)”



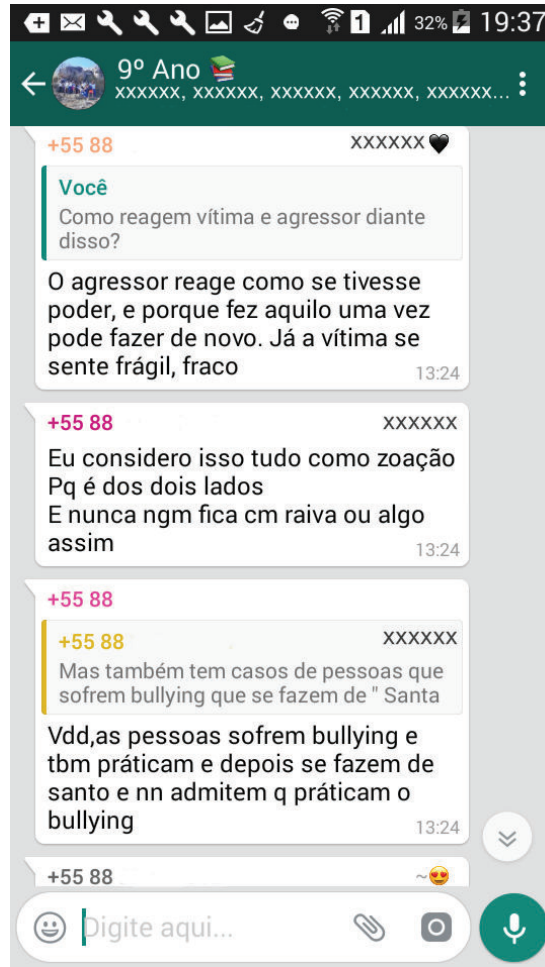
O bullying atualmente vem acontecendo bastante em todo lugar, o povo hoje em dia não respeita mais ninguém é muita discriminação e muito disrespeito, em primeira vem

Texto escolar 9

As referências presentes no plano ideológico e que não são materializadas no texto provocam prejuízo ao sentido. O uso de palavras de sentido genérico (coisa, povo, pessoas) frequentemente presentes nos textos escolares, a utilização de pronomes indefinidos (ninguém, tudo, todos) e a utilização de pronomes pessoais e demonstrativos sem nenhuma referência explícita no texto constituem um problema a ser resolvido no ensino da escrita. Faz-se necessário trabalhar mais intensamente com os alunos na produção textual a noção de referência e sua aplicação prática na redação escolar e em outras atividades que requerem a escrita.

Comparando o uso desse procedimento na redação escolar e nas mensagens de *WhatsApp*, foram verificadas semelhanças e diferenças.

No texto abaixo (Tw 15), pode-se observar situações relacionadas ao uso de referentes. O primeiro usuário produz seu comentário considerando os referentes já utilizados na conversa. A pergunta motivadora comprova isso, uma vez que usa um referente (disso) não explícito nesse trecho da conversa. Esse referente é reiterado na escrita do primeiro usuário com a utilização adequada do pronome aquilo. O segundo usuário mantém a referência utilizando a expressão isso tudo.



Tw 17

Evidencia-se que nas conversas de *WhatsApp* o uso de referentes é auxiliado pelo suporte. Nas duas escritas ocorrem a não explicitação de referentes (conforme os estudos de Kock e Elias), mas é na escrita convencional que há maior prejuízo para o sentido, uma vez que, no *WhatsApp*, as retomadas estão alicerçadas em elementos reconhecidos pelos interlocutores os quais podem acessar trechos anteriores da conversa e estabelecer as relações necessárias para a compreensão. Assim, mesmo a escrita e a leitura ocorrendo em tempos não simultâneos, alguns dos recursos disponíveis para os usuários do aplicativo contribuem para a explicitação dos referentes. No texto escolar convencional, os autores comprometem mais o sentido do texto quando fazem uso dessa estratégia (não explicitação de referentes), pois não há a disponibilidade dos mesmos recursos para o leitor. É importante, pois, que os alunos produtores de texto possam refletir sobre as particularidades de cada suporte e seus efeitos sobre a qualidade do texto.

5.1.3 Estabelecimento de relações entre as partes dos textos

Na categoria das relações textuais estabelecidas no interior dos textos, o olhar se voltou para as seguintes subcategorias: reiteração, associação e conexão, as quais foram apontadas por Antunes (2005) como de natureza semântica e capaz de estabelecer elos entre as partes do texto. Nessa perspectiva, foram destacados aspectos dos textos que denotam algumas habilidades já desenvolvias pelos alunos, assim como algumas dificuldades por parte dos mesmos para estabelecer relações entre as partes do texto.

Os textos dos estudantes observados são estruturados, majoritariamente, em períodos simples, frequentemente justapostos, conforme descrito na seção anterior. Para separar os períodos, os alunos costumam fazer uso de vírgulas ou, não raro, escrever os enunciados sem nenhuma notação que marque essa separação. Além disso, os alunos mantêm, pelo menos parcialmente, a dinâmica de sua fala para a estruturação de seus textos. É possível encontrarmos textos com a presença de pouquíssimas ou nenhuma ocorrência para o uso de conectores. Quando se utilizam de conjunções, os estudantes fazem uso principalmente da aditiva “e”, em contextos de uso que não estabelecem ideia de soma, o uso da explicativa “pois” também é perceptível, nesse caso é possível verificar ainda a repetição excessiva desse conector, assim como se utilizam da adversativa “mas”, que muito frequentemente é grafada equivocadamente como o advérbio “mais”.

Por outro lado, ao fazer uso dos procedimentos de retomada e remissão, os alunos cometem falhas. No estabelecimento da coesão por reiteração observou-se certa inexperiência por parte dos mesmos ao utilizar os procedimentos de repetição e substituição. Isso ocorre porque, muitas vezes a repetição dos termos ocorre exacerbadamente, evidenciando a necessidade de se lançar mão de outro procedimento coesivo. Ao efetuar substituição, falta muitas vezes repertório para diversificar nas escolhas dos referentes.

No texto seguinte, foi analisada a utilização do procedimento de reiteração por repetição, considerando os seguintes recursos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita.

Todas as coisas alguém é vítima de bullying na escola, no trabalho, na rua... Nas redes sociais também, cyberbullying que geralmente acontece pelo celular e que gera mais conflito pois as pessoas costumam acreditar quando acontece em áreas que todos as pessoas vêem e isso acaba fazendo com que mais pessoas se envolvam e gere um problema bem maior.

Texto escolar 10

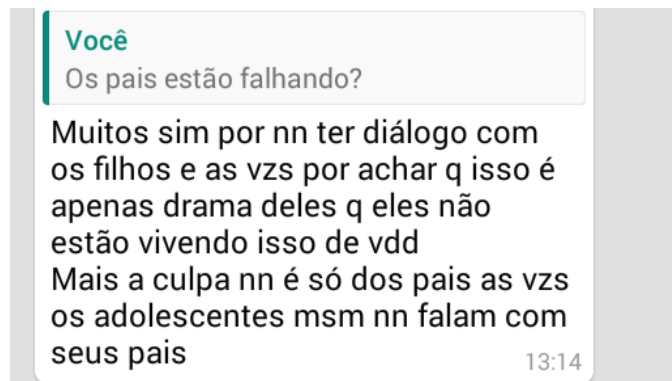
A repetição do vocábulo foi o recurso utilizado pelo autor, entretanto ele poderia ter optado pela substituição lexical, evitando assim esse eco produzido pela repetição do substantivo pessoas. O resultado da escrita demonstra não ter havido uma escolha consciente, mas um procedimento espontâneo muito provavelmente produzido por indisponibilidade de repertório vocabular ou insegurança para a utilização de referentes adequados. Parece ainda ser resultado de um processo de produção acelerado para o qual faltou uma reflexão e uma posterior alteração que desse ao texto maior coesão e leveza.

As pessoas hoje em dia vivem numa sociedade em que o bullying já é comum, várias pessoas de hoje se atende mais por aplicativos. Várias pessoas não aguentam tanto bullying que elas fazem coisas como o próprio suicídio. Outras as pessoas não aguentam o bullying então algumas pessoas brigam outras denunciam entre outras coisas.

Texto escolar 11

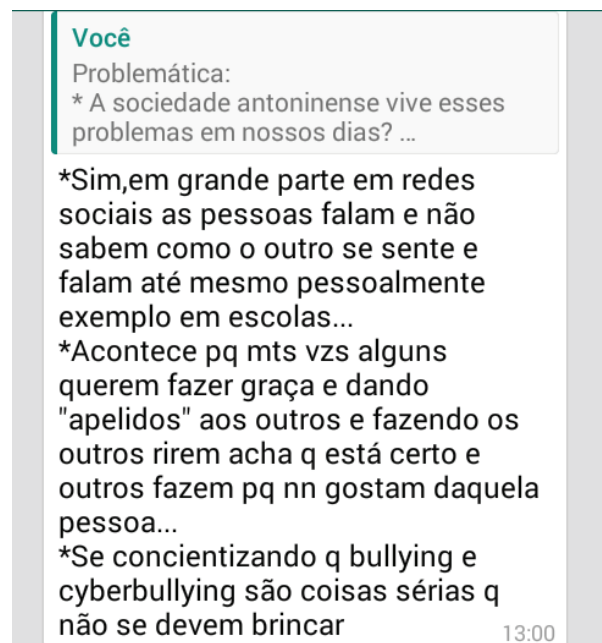
No texto escolar 11, o autor utiliza-se do substantivo “pessoas”, tomado num sentido genérico, para fazer a reiteração da ideia. Falta-lhe maior conhecimento para fazer essa retomada utilizando-se de pronomes adjetivos indefinidos apropriados, tais como “algumas” pessoas, “outras” pessoas ou por substituição em que o pronome assume a função de substantivo - “alguns não aguentam, outros não agüentam”. Esse recurso foi utilizado adequadamente pelo autor ao final desse segmento textual em “algumas pessoas brigam outras denunciam”.

Esse uso não planejado, espontâneo, utilizado pelos autores dos textos acima é também identificado nos textos do *WhatsApp*, tal como pode ser constatado abaixo:



Tw 18

O pronome “eles” foi repetido, assim como a palavra “pais” ao final da mensagem, desta feita com mais eficiência pela presença do determinante.



Tw 19

No texto acima, o autor da mensagem estabeleceu o mesmo elemento gramatical para designar diferentes referentes, quando diz “querem fazer graça e dando ‘apelidos’ aos **outros** e fazendo os **outros** rirem acha que está certo e **outros**

fazem pq nn gostam daquela pessoa” produzindo um problema para a compreensão do texto e revelando a espontaneidade de sua produção. Essa repetição não é satisfatória, pois não se trata de uma escolha consciente que toma por base o princípio da reiteração. (Grifos nossos).

O recurso de paráfrase não foi utilizado pelos autores dos textos analisados, embora tanto os textos convencionais quanto os produzidos no *Whats* façam uso de conceituação e explicações sobre questões relacionadas ao *bullying*. O uso da paráfrase estaria, pois, justificado e contribuiria para a coesão e coerência do texto.

Quanto ao recurso do paralelismo, há registros em ambas as produções textuais, especialmente quando fazem uso de orações coordenadas assindéticas e sindéticas aditivas. Os segmentos seguintes retirados de ambas as produções permitem observar estruturas simétricas em que se usou bem o recurso do paralelismo, assim como estruturas em que houve rupturas de paralelismo.

1. “(...) também muitos ficam falando da cor da pele, peso, por usar óculos, entre outros” (quebra de paralelismo)
2. “O jeito de acabar com o bullying é você falar pra seus pais, delegados, o fórum ou alguma outra autoridade”. (quebra de paralelismo)
3. O bullying acontece diariamente, em todo tipo de lugar, em casa, na escola, na rua, no bairro. E ocorre de todos os tipos: xingamentos, calúnia, apelidos (...) (manutenção do paralelismo sintático)

Essas estratégias de escrita requerem mais experiência do autor e um uso mais consciente das estruturas gramaticais. Assim, são pouco exploradas conscientemente pelos estudantes. Caberia ao ensino da escrita um trabalho mais voltado para a gramática na produção textual, tendo em vista que os estudantes, após nove anos de experiência escolar, não conseguem aplicar em seus textos aquilo que supostamente aprenderam, nas aulas de gramática.

5.1.4 Obediência à norma

No que se refere à categoria obediência às normas gramaticais foi observada a incidência de desvios no uso das normas de ortografia vigentes, incluindo a não utilização das regras de acentuação gráfica, o uso dos sinais de pontuação e de outras notações gráficas. Os alunos apresentaram muitos desvios nos três aspectos apreciados. A seguir uma relação das observações feitas.

I - Desvio no uso de normas de ortografia

A escrita no *WhatsApp*, como já foi tratado anteriormente é marcada por uma ortografia própria, não uma outra língua, mas com a permissão para muitos desvios do padrão, aceitos pelos usuários como positivos e tidos como eficazes ao processo comunicativo pela economia de tempo que possibilita. Ao escrever para a escola no *WhatsApp*, os alunos utilizaram-se dessa ortografia, mas não com a mesma intensidade. A discussão empreendida sobre o tema *Bullying* deu uma medida das estratégias dos estudantes. De início as mensagens atendendo ao gênero comentário eram mais extensas e havia um maior cuidado na elaboração do texto escrito com base na norma padrão da língua. Contudo, no decorrer da discussão, a maioria das participações foi ficando cada vez mais breve, os alunos “esqueceram” tratar-se de uma atividade escolar e cada vez mais se utilizaram de redução de palavras, omissão de acentuação, excesso de sinais de pontuação entre outras marcas próprias do aplicativo.

No quadro abaixo estão elencados alguns desvios recorrentes ora num dos registros, ora nos dois registros escritos (texto escolar e mensagens do *WhatsApp*).

QUADRO 1: Comparação de registros das escritas digital e convencional

Vocábulo	Registros no texto do <i>WhatsApp</i>	Registros nos textos escolares	Observações
Há	a, ah	a, à, ah, àh	Não há reconhecimento dos diferentes sentidos e normas, escrevem de acordo com a pronúncia e memória visual.
Quando	Qnd	Quando	A escrita formal desse vocábulo foi devidamente internalizada, assim conclui-se que a variante digital é realizada de modo consciente no <i>WhatsApp</i>
Porque	pq, porque, por que	porque, por que	O autor não domina a norma do emprego dos porquês, mas a variante digital não é transferida para o texto escrito.

Não	n; nn; nam	Não	No <i>WhatsApp</i> observou-se três tipos de registro: nos dois primeiros casos (n; nn) são reduções próprias da escrita no meio digital e no segundo caso (nam) foi incorporado um uso da variante oral local. Na redação escolar percebe-se que a norma já é dominada pelo autor.
Mesmo	Msm	Mesmo	Uso consciente nos dois registros.
o que	oq; o q	o que	Uso consciente, variação corrente no <i>WhatsApp</i> não transferida para a redação escolar.
Muitas	Mts	muitas; muintas	A escrita desse vocábulo no <i>WhastApp</i> não foi transferida para a redação escolar. Percebe-se registro diferente relacionado à não internalização da escrita padrão.
Vezes	Vzs	Vezes	Sem transferência para a redação escolar.
Verdade	Vdd	verdade; vedade	Problema ortográfico da redação escolar não relacionado ao uso do <i>WhatsApp</i> .
Ave!	Aff; arra; arre	Nenhuma ocorrência	Essas formas de escrita somente observadas na escrita do <i>WhastApp</i> provém da oralidade.
Para	Pra	para; pra	Os registros da forma reduzida (pra), oriundo na oralidade revela traços de informalidade. Essa marca da linguagem escrita digital está muito presente em boa parte das redações escolares.
Depois	dp; depois	Depois	No <i>WhatsApp</i> , há o uso da norma e da forma reduzida. A redução não foi percebida na redação escolar.
Hoje	hj; hoje	Hoje	No <i>WhatsApp</i> , há o uso da norma e da forma reduzida. A

			redução não foi percebida na redação escolar.
Mas	mais, mas	mais; mas	Esse vocábulo aparece com equívocos nos dois suportes, revelando ser um problema de desconhecimento da norma padrão.
Também	tbm; também	também; tambien	No WhatsApp, há o uso da norma e da forma reduzida. Embora se perceba registros diferentes da norma, a forma reduzida não foi percebida na redação escolar.
Está	ta; tá; está	está; tá; ta	O registro desse vocábulo na forma reduzida está relacionado à oralidade, mas a frequência de uso da forma reduzida no <i>WhatsApp</i> parece estar sendo transferida para redação escolar.

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Vários autores, a exemplo de Crystal (2004), Araújo e Biasi Rodrigues (2005) e Marcuschi (2010) já advertiram que os usuários dessa linguagem característica no ambiente digital não transferem esses registros para a escrita convencional. Tal afirmação pôde ser comprovada nessa breve análise, pois são muitas as situações em que os alunos escrevem palavras reduzidas como hj, dps, tbm, vzs, mas registram hoje, depois, também, vezes quando escrevem seus textos escolares.

No entanto, pôde-se também comprovar a tendência clara dos alunos usuários do *WhatsApp* para a brevidade, usando sobretudo uma das estratégias da oralidade que é a redução de vocábulos. Assim, o uso de vocábulos para (preposição) e está (terceira pessoa do singular do verbo estar) registrados como pra e tá são muito presentes na redação escolar e bastante utilizados pelos usuários nas conversas de *WhatsApp* são exemplos dessa tendência à brevidade que se observa nas redações observadas. A forma tá muitas vezes é escrita sem o sinal gráfico (ta).

Nota-se um certo esforço do estudante por escrever conforme a norma se observar-se, por exemplo, a forma verbal há. Embora sem o domínio que os façam

distinguir a interjeição da forma verbal os alunos registram formas aproximadas conforme retêm na memória (ah, áh). No *WhatsApp* essa permuta de registros escritos é constante e sempre aceita pelos usuários. Quando essa prática está associada à falta de leituras e estudos específicos resulta nessa dificuldade para registrar adequadamente certos vocábulos e concorre para que os estudantes passem a utilizá-los na redação escolar de forma espontânea.

Embora defendendo a ideia de que os estudantes observados demonstrem a tendência à simplificação e redução da escrita, vale ressaltar que são muitos os problemas observados, no que diz respeito à ortografia, em nada relacionados à prática da escrita no *WhatsApp*. São exemplos dessa constatação os seguintes registros retirados das redações observadas: supressão do s ao final da sílaba em sofre (sofrer), para (parar), que (quer), defende (defender), virtual (virtual); supressão do n ao final da sílaba em enfretar (enfrentar), bricadeira (brincadeira), denuncie (denuncie), violeça (violência), jogado (jogando); uso de s, c, sc, ss como em cituações (situações), cabesa (cabeça), adolescentes (adolescentes), impossível (impossível); uso do n em vez de m como em comversa (conversa), consegue (consegue); inapropriação da desinência verbal como em suicidão (suicidam); nasalização inadequada em até (até), muinta (muita); troca do r por l e vice-versa em encontros consonantais de estrutura ccv⁷ poblema (problema), probrema (problema); transcrição da fala em resolver (resolver) e si (se).

Esses exemplos mostram claramente que o fato de os estudantes apresentarem tantos problemas de ortografia estão muito mais ligados a problemas no processo de aquisição da escrita, pouco exercício de leitura que a sua experiência como usuário do *WhatsApp*.

II - Aplicação das normas de acentuação gráfica

Foi dada especial atenção a esse aspecto da escrita, visto tratar-se de uma preocupação constante dos professores de Língua Portuguesa, além de ser uma presença significativa nos textos das mensagens de *WhatsApp*. Desse olhar mais atento, observou-se que diversas normas de acentuação foram desconsideradas pelos alunos, porém, não raro, há também a indicação de que depõem o sinal gráfico de modo automático, pela força da memória leitora que atua em alguns momentos e falha em outros de tal modo que a mesma palavra aparece ora com sinal gráfico ora sem o sinal, revelando a colocação do sinal gráfico por memória e

não por domínio da norma. A não utilização dos sinais de acento tônico (´, ^) dá-se em número muito expressivo. Em todos os textos apreciados há omissão ou uso equivocado desses sinais, observando-se que há textos nos quais há um total descompromisso com as normas de acentuação gráfica. Pode-se confirmar nas situações seguintes.

No meu conhecimento, bullying é uma ação de violência verbal e física e que muitas vezes gera consequências graves, como a depressão. As pessoas devem ser vítimas e não conseguem reagir, muitas vezes acham um jeito não muito legal, tenta reagir praticando o bullying, também e isso é, errado.*

Texto escolar 12

O aluno utiliza a regra de acentuação das palavras oxítonas, colocando o sinal gráfico sobre a forma verbal “é” e na palavra “também”, demonstrando uma internalização dessa norma, mesmo que essa internalização tenha se dado informalmente. Por outro lado, demonstra o desconhecimento da obrigatoriedade do uso do sinal nas palavras paroxítonas violência e “consequências”, assim como nas proparoxítonas, caso das palavras “física” e “vítimas”.

No *WhatsApp*, os alunos estão acostumados a dispensar esses sinais gráficos completamente sem que haja cobrança ou complicação na ordem do sentido, em razão disso. É provável que essa prática contribua para a não retenção da norma pelos alunos e a consequente omissão dos sinais de acentuação ao escrever textos escolares. Mas não se pode afirmar que isso seja uma constante. A maioria dos desvios ortográficos, conforme já foi dito anteriormente, decorre da falta de exercícios de escrita, da falta de leitura e do desconhecimento da norma vigente. Entretanto, há que se considerar a liberdade que os alunos têm para sua escrita no *WhatsApp*. Por vezes o aluno que domina a norma e a usa em contextos mais formais sente-se desimpedido para omiti-los quando o utilizam. Em situações menos comuns em que o aluno faz uso adequado e constante de uma mesma regra, demonstrando não só o seu domínio como o hábito de uso das mesmas no aplicativo. As mensagens a seguir foram escritas pelo mesmo autor e mantêm regularidade no uso dos sinais gráficos.

Com certeza isso existe e não é só aqui em Antonina em vários outros lugares o bullying e principalmente o Cyber bullying nas redes sociais... E as pessoas que sofrem com isso muitas vezes acabam perdendo a paciência e faz coisas absurdas

13:01

O suicídio hoje em dia está em um número muito grande, e na minha opinião o que causa mais isso é o bullying.

13:03

Tw 20 e Tw 21

Nos textos acima no *WhatsApp*, a regra de acentuação foi respeitada nas palavras “suicídio”, “vários” e paciência” indicando o conhecimento e o efetivo uso da norma nas conversas de *WhatsApp*. Por se tratar de uma escrita encaminhada pela escola, há possibilidade de o aluno ter sido, propositadamente, mais cauteloso.

O inverso é, no entanto, a situação mais corriqueira. O aluno escreve em sua redação a palavra devidamente acentuada e, ao escrever no *whatsapp*, dispensa a colocação do sinal. Observe a mensagem e fragmento de texto abaixo.

* podemos deixar de ser otarios e não deixar passar, se vc sofre com isso, não baixe a cabeça, responda com um alto e bom tom, e informe a um responsável oq está acontecendo!

12:58

Tw 22

Bullying é ato de violência, seja verbal ou física, mas Brasil praticar o bullying é crime, porém, não muitas pessoas denunciam, muitos têm vergonha de assumir que sofrem e serem considerados maus na sociedade. Geralmente o cyberbullying é mais frequente, pois as pessoas não tem medo de falar o que pensam, gostam de diminuir e explamar a vida e segredos dos outros querendo ficar por cima e não ser humilhado, e como não ser humilhado? Humilhando o próximo, esse tipo de gente não tem noção do mundo, precisam de um e imaturidade.

Texto escolar 13

O mesmo aluno é autor da mensagem e do fragmento de texto acima. Na mensagem do *WhatsApp* o autor não colocou o sinal na palavra “otários”, e mais adiante acentuou corretamente a palavra “responsável”. Pode-se observar no

fragmento de texto que o mesmo internalizou boa parte das normas de acentuação gráfica (violência, é, porém, têm, próximo, ridículo). Assim, somos levados a pensar que a omissão do acento, quando escreve no *WhatsApp*, não se trata sempre de desconhecimento da norma, mas parece ser fruto do descompromisso formal ao utilizar o aplicativo. Outras marcas da escrita no *WhatsApp* sustentam essa conclusão, visto que há palavras reduzidas “oq” (o que) e sinal de pontuação enfático ao final da mensagem (“!”), indicando que o autor escreve espontaneamente, sem preocupação em atender à norma ortográfica.

Não se pode generalizar ao dizer que os alunos se despreocupam da regra de acentuação. Até pelas inadequações na colocação do sinal gráfico, é possível identificar a preocupação do aluno em atender à norma vigente. Na escrita escolar, embora não façam uso adequado da norma, têm consciência de que serão cobrados por tal uso. Por isso é comum a colocação do sinal gráfico dissociado da sílaba tônica, numa clara tentativa de acerto. É o que ocorre em situações como as seguintes.

convivência entre os grupos é bastante grande. Não há muitas dificuldades, pois a maioria das vezes a vítima muda de comportamento e os pais nem sempre percebem.

Texto escolar 14

O jeito de acabar com o bullying é você falar pra seus pais, delegados, o fórum ou alguma outra autoridade. Não revide fale com alguém sobre isso.

Texto escolar 15

Fica evidente nos textos acima a tentativa do autor em colocar o sinal de acentuação, mesmo não tendo consciência da norma. Ao colocar o sinal na penúltima sílaba em “vitíma” e na última sílaba em “forúm”, os autores demonstraram preocupação em acentuar as palavras e buscaram por memória fazê-lo, embora sem sucesso. É um equívoco, portanto, dizer que não há empenho dos alunos em seguir a norma padrão da língua. Evidencia-se nessa análise que os autores sabem de sua existência e, boa parte das vezes, esforçam-se por segui-la, muito embora esteja

clara a dissonância entre a escrita desses usuários e a norma padrão. Mais adequado seria afirmar que o ensino não tem proporcionado estratégias adequadas para esse fim, e que, em contraponto, há variantes dessa norma acessíveis aos estudantes, as quais estão sendo usadas cotidianamente, atendendo perfeitamente aos seus propósitos comunicativos. Trazer essas variedades linguísticas para a sala de aula, e aqui se pode citar principalmente a escrita digital, e utilizá-las como material de análise e comparação com o padrão poderiam ser bem mais produtivos que rejeitá-las como escrita “errada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras realizadas ao longo dessa pesquisa embasaram a escrita dessa dissertação e foram de grande importância, tanto para esclarecimentos teóricos quanto para nossa prática na condição de docente de língua portuguesa, mas, sobretudo de aprendiz e usuária dessa língua. Se antes da pesquisa se tinha muitas angústias e dúvidas, hoje se tem ainda muitas dúvidas e angústias, mas abrimos uma janela de possibilidades para a realização de um trabalho que supomos profícuo com o ensino dessa disciplina.

Nosso objetivo geral, o de comparar as marcas linguísticas nos textos dos alunos àquelas produzidas por sua escrita digital, pelo aplicativo *WhatsApp*, está na verdade revestido de comprometimento com um propósito mais abrangente que é a busca por um ensino da escrita mais eficiente. Desse modo, a pesquisa só trouxe contribuições, visto que foi possível pensar em novas estratégias para esse ensino.

Motivados que fomos pela vontade de contribuir para mudar um quadro indesejável de insucesso do ensino da escrita, talvez tenha sido apenas uma gota num oceano de necessidades, mas o desejo maior foi o de se fazer sujeito no processo educativo. E, nesse tornar-se sujeito do pensar a educação, é possível constatar que também se tornaram sujeitos os educandos no processo de aprendizagem, o que autorizou o uso da escrita digital que representa parte do ser sujeito para os nossos adolescentes. Essa escrita é uma rica experiência de uso da língua e influencia a escrita formal, mas traz mais benefícios que obstáculos ao ensino da escrita escolar, dependendo de como é vista do uso que se faz das produções digitais.

Os estudantes pesquisados, adolescentes que estão concluindo o ensino fundamental, apresentam muitos problemas em sua escrita, mas pode-se concluir que, ao escrever suas redações escolares, esforçam-se para dar formalidade aos textos, visto que compreendem que isso é esperado deles. Não são muito receptivos às propostas de escrita apresentadas pela escola, mas são muito solícitos para as conversas de *WhatsApp*. Fica, pois, evidente que essa escrita tem significado para os alunos, atende a suas necessidades pessoais, diverte, mantém o contato com o grupo de amigos e, principalmente, é descomprometida com a formalidade, é mais inventiva, não há censura e, portanto, dá maior liberdade aos usuários.

Ao escrever textos escolares, os alunos sentem-se inseguros, não confiam em sua capacidade de dizer, dadas as dificuldades quanto aos domínios de convenções quanto à utilização de um vocabulário mais diversificado, utilização de mecanismos de coesão textual, problemas às vezes muito significativos. Eles sabem que se espera deles uma escrita mais elaborada e acreditam que não serão capazes de atender ao esperado. Entretanto, escrevem, mesmo que por obrigação, pois na escola, de modo geral, ainda falta um ensino de produção textual em que trabalhe como propõe KOCH e ELIAS (2012) com “um projeto de dizer” apresentando estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais para a concretização desse projeto. Se no passado houve lugar para um ensino da escrita mais ritualizado com bons resultados, a dinâmica atual da vida e das comunicações já não favorece essas práticas que se tornam cada vez menos eficazes. Isso é mais desafiador para os professores de língua portuguesa, porém resulta num conhecimento mais consciente e os textos produzidos, acredita-se, alcançarão pouco a pouco a autoria que se almeja.

Cabe, pois, ao professor de língua portuguesa a responsabilidade de propor atividades que aproximem o leitor de sua experiência de escrita, pois é preciso dar a segurança e os conhecimentos de que o aluno necessita; isso vem de um trabalho com muitas etapas, partilhando com o aluno-autor a avaliação, a refacção do texto e a produção de muitas versões até que o texto atinja a qualidade que se espera. Fazer com a escrita na escola tenha para os alunos o grau de motivação que encontram ao escrever suas mensagens em conversas de *WhatsApp* é desafiador, mas fundamental nessa empreitada. Concluímos que uma das formas para que o professor consiga essa motivação é uso das comunicações digitais.

Ratifica-se as afirmações de pesquisadores como Crystal (2004), Araújo e Biasi Rodrigues(2005),), Marcuschi (2008), Xavier (2011), Caiado (2017), entre outros, os quais já afirmaram que a língua não está em risco em razão das variedades provenientes dos ambientes digitais, mas se pode afirmar pelo estudo feito a riqueza de sentidos que se apresentam nas mensagens de *WhatsApp*. A criatividade, a inventividade, o estilo, a versatilidade estão presentes nessa escrita que, não se pode esquecer; utilizar-se muitos símbolos para além do código escrito. Nesse contexto, muitas convenções, normas de uso da variante padrão da língua

são desconsiderados, seja por desconhecimento ou por escolhas linguísticas adaptadas ao uso do suporte.

Quanto à interferência na escrita formal, cuja aquisição é objetivo do ensino de língua portuguesa, pode-se afirmar que, pelas observações feitas nessa pesquisa, existem duas possibilidades: a primeira, que causou inquietação e levantou a questão norteadora dessa pesquisa, é a de que os alunos praticam muito mais a escrita digital, e pelo intenso uso, estão cada vez mais sucintos e breves em seus discursos, utilizando estratégias que garantam essa brevidade, práticas que não contribuem para o desenvolvimento de suas escrituras escolares; a segunda, que não pretende ser a salvadora do ensino, mas tão somente uma alternativa possível para a sua melhoria, é a de que se pode trabalhar com a escrita produzida no *WhatsApp*, entendendo-a como escrita pertinente, que cumpre sua função comunicativa e, a partir dessa constatação, despertar a consciência sobre as variedades da língua e as suas diversas possibilidades de uso. Nesse contexto, dar à escrita formal um sentido em contextos específicos e, por conseguinte, fazê-los compreender a necessidade de dominá-la.

Trabalhar com as mensagens de *WhatsApp* implica, na perspectiva que se apresenta, evitar que ela seja um obstáculo para o ensino e passe a integrar as suas estratégias. O aluno poderá atuar como sujeito porque essa escrita teve origem em situações de produção reais e significativas. O professor atuará mesmo como mediador, pois os alunos têm nessa situação o conhecimento de autor, podendo compartilhar seus conhecimentos com segurança. E, por aceitar a escrita do aluno como autêntica, o professor abrirá espaço para propor novas formas de escrever, não melhores, mas necessárias para a formação cidadã dos estudantes.

Pode-se afirmar que as mensagens de *WhatsApp* são significativas porque percebe-se a expressão segura, livre e autêntica dos adolescentes, pois, mesmo possuindo certo grau de conhecimento das regularidades e irregularidades das regras ortográficas da Língua Portuguesa, escrevem numa ortografia nova, propositadamente, criam novas formas de expressão, criam conteúdos repletos de sentido, atribuem sentido ao que lêem. Assim sendo, eles se entendem, interagem, comunicam-se, trocam experiências reais por meio da escrita digital no ambiente virtual, não há como negar a autenticidade e a eficácia dessa escrita.

Mediante as observações fica clara a constatação de que os jovens estudantes envolvidos nessa pesquisa e usuários da internet, sobretudo no aplicativo *WhatsApp*, sabem discernir a diferença da escrita formal e da escrita digital, bem como, sabem usá-las no lugar e no tempo adequado, mas pela força da repetição e do uso adquirem e/ou intensificam o uso de estratégias da informalidade. Essas constatações levam a concluir que a escrita digital e a tecnologia não irão prejudicar a norma ortográfica da Língua Portuguesa, desde que a escrita formal seja bem ensinada e utilizada no ambiente escolar. Por isso, é preponderante evidenciar que o papel de cada instituição escolar é essencial para a boa formação do escritor autor.

Cabe ainda reafirmarmos que a escrita digital é uma evolução na linguagem e na comunicação humana, evolução que se desenrola dos primeiros sons produzidos pelo homem primitivo e dos primeiros rabiscos traçados nas paredes das cavernas até os nossos dias, na linguagem digital, e deverá ter continuidade, assim como terá continuidade a evolução da vida e dos costumes humanos por toda a história da humanidade. Educar é compreender essa evolução e, respeitando os conhecimentos socialmente construídos, acolher os novos conhecimentos e oportunidades para dar aos educandos os instrumentos para agir no mundo e ter sucesso em sua ação.

Aqui foram apresentadas algumas reflexões, mas não o fechamento de questões nem tampouco o esgotamento das mesmas. A pequena contribuição poderá suscitar muitos outros questionamentos importantes para o desenvolvimento do ensino da língua portuguesa, o que parece ser mais importante. Escreve-se tão somente um breve capítulo que ora se encerra, mas certamente outros lhe darão continuidade, quem sabe trazendo novas perspectiva para as questões postas neste trabalho. Entretanto, a satisfação é premente pelo tempo investido, pois se pode constatar que, por parte dos estudantes, houve plena aceitação da proposta de trabalho com as mensagens digitais, o que fortalece para uma discussão com os educadores no sentido de utilização dos materiais digitais, assim como dos recursos digitais na produção do conhecimento na escola.

Chegando ao final desse breve estudo, pode-se crer que sua pertinência fará com que muitas discussões e pesquisas na temática sejam ainda realizadas com benefícios significativos para o ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gersica Agripino et all. WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, IV, 2015, Petrolina – PE. Anais eletrônicos do Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CIBIE 2015). Petrolina: IFSertão-PE, 2015. p. 787-795. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/6117/4285>>. Acesso em 03 fev. 2017.

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider” nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. Artigo apresentado no XVII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Compós. São Paulo: UNIP, 2008.

AMARAL, Emília et. al. **Novas Palavras**. 3.ed São Paulo: FTD. 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lutar com palavras**. Disponível em: <<https://lusografias.wordpress.com/2007/12/15/lutar-com-palavras/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

ANTUNES, Irandé Costa. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO, Júlio. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAIADO, Roberta Virgínia Ramos. “**meuqueriblog.com**”: a notação produzida no gênero weblog e sua influência na notação escrita escolar. Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pernambuco. Recife: 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7994>> Acesso em: 16 jan. 2017.

CAMÕES, Luiz Vaz de Camões. **Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/mudamse-os-tempos-mudamse-as-vontades-luis-vaz-de-camoes>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

CAMPS, Anna. et al. **Propostas didáticas para aprender a escrever**. Tradução Valérios Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CEARÁ. Portal do Sistema Permanente de Avaliação Básica do Ceará (SPAECE). Disponível em: <<http://resultados.caedufjf.net/resultados/publicacao/publico/escola.jsf>> Acesso em 13/02/2017.

CHATIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Eduardo C. C. de Moraes. São Paulo. Editora UNESP, 1999.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambrigde: Cambridge University Press, 2001.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 81-128.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GALLI, Fernanda Coreia Silveira. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier: Antonio Carlos. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. (org.) São Paulo: Anglo, 2012. 136p.

GOMES, Luís Fernando. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

KOCH, I. G. V. Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. In: KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. p.13-20.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOZINETS, R. 2007. "Netnography 2.0". In: R. BELK, (ed.), Handbook of qualitative research methods in marketing. Northampton, Edward Elgar Publishing, 302 p.

LEFFA, Vilson. Redes sociais: ensinando língua como antigamente. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANOVICH, L. The Language of New Media. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p.15-43.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; HOFFNAGEL, Judith. A escrita nos contextos dos usos linguísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva (Org.) **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier: Antonio Carlos. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Arcir Mário; GAYDECZA, Beatriz; BRITO, KarimSiebeneicher (Org.) **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Beth. **Redação Escolar: características de um objeto de ensino**. Revista da FAGED. Universidade Federal da Bahia. Nº 09. 2005. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/2689/1899>> Acesso em: 06 fev. 2018.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. Revista E-compós, 2005, v. 4, Brasília. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/55>. Acesso em 21/08/2017.

PORTAL MEC. Ministro apresenta resultados gerais do Enem 2016 e celebra êxito na realização do exame. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=44111>. Acesso em 20/01/2017.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

ROJO, Roxane. (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ, Campinas: Mercado das Letras, 2000. 252 p.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras. 2004.

SQUARISI, Dad. **Como escrever na internet**. 128 p. São Paulo: Contexto, 2014.

SNYDER, Ilana. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In. ARAÚJO, Júlio César, DIEB, M. (Org.). **Letramentos na Web**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 23-45.

XAVIER, Antonio Carlos. Retórica digital nas redes sociais. In: XAVIER, Antonio Carlos et al. **Hipertexto & Cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.

XAVIER. Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier: Antonio Carlos. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

ANEXOS

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 1 - ALUNO 1

Bullying Cyberbullying

As pessoas vivem em uma sociedade que julga muito ou pela roupa, que por qualquer outra coisa sem sucesso. Cada um de nós devemos ter consciência do que vamos falar e não rir de uma pessoa quando ela tenta te atingir e sim ser uma pessoa educada e de bom senso, naturalmente a outra pessoa vai ver que você não quer causar algum problema.

Cada pessoa tem um modo de se relacionar socialmente seja na escola ou no trabalho, problemas familiares, mas independente de qual seja o ambiente, tem que existir o respeito, geralmente o bullying acontece nas escolas e esse trauma pra toda a vida.

É de praxe não entender o que se passa na cabeça da próxima, e de nenhuma forma magoar seja qual for a pessoa.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 2 – ALUNO 2

data 13 / 11 / 17

S T Q Q S S D

Bullying e cyberbullying

O bullying atualmente vem acontecendo bastante em todo lugar, o povo hoje em dia não respeita mais ninguém e muita discriminação e muito desrespeito, em antena vem acontecendo vários bullings, alguns vem acontecendo por as pessoas ser magras gordas e até por ser gay, ninguém respeita ninguém.

O cyberbullying acontece muito, pessoas aguentam caladas, outras não, algumas brigam para ver se resolve mais não põe a situação porque brigas não resolve nada, você tem que tomar outra atitude, procurar seus olheiros.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 3 – ALUNO 3

data 13/11/17

☒ T ☐ Q ☐ Q ☐ S ☐ S ☐ D

1) Cyberbullying

O cyberbullying acontece mais nas escolas, com apelidos, chingamentos e preconceitos e etc. Se uma pessoa for gorda ou magra, negra eles colocam apelidos de todo tipo até apelidos que não existe, tem varias pessoas que se porque não tem defeitos aí já começa praticar o bullying coloca apelidos de todos meios, se não tem um filho ou um irmão. Vendo ou uma filha rapariga eles não quer considerar como seu ou sua filha(o).

O bullying é um tipo de preconceito que varias pessoas praticam com seus colegas, ou até mesmo com um irmão, se passar uma pessoa sem defeito aí já começa a praticar o bullying.

Mas nós temos que combater o bullying e nós não temos que ter medo de combater porque se nós temos medo de agir sempre nós vamos conviver com isso na nossa vida pra sempre porque sempre eles vão ficar praticando, e se nós combater aí o bullying acaba em fim.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 4 - ALUNO 4



13.01.17

Bullying e Cyberbullying

O bullying é um problema não só local mas mundial, em todo lugar existe, em cada contexto existe alguém sofrendo ou praticando bullying. Isso também é um problema social, muitos usam a internet de forma inadequada para humilhar as pessoas.

Isso atinge muito quem sofre causa medo, traumatismo, falta de confiança e insegurança e por essas coisas que muitos se cortam ou até se suicidam e as pessoas que estão ao seu redor sofrem também.

Para mim as pessoas que praticam são aqueles que mais precisam de ajuda.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 5 – ALUNO 5



Bullying

O Bullying é um ato de violência, as mágoas das pessoas são agredidas de forma bruta, e muito errado tem gente que até mata por causal do Bullying, mas isso acontece quando as pessoas começam a chingar um ao outro, por isso começa com o que as pessoas veem chingar um ao outro, esse tipo de Bullying é uma coisa muito feia.

O Bullying tem muita gente que não aguenta tá sendo chingar, eu acho isso muito feio tem que tá chingando as pessoas, jogando piada para os outros isso tem que parar, por que isso é um ato de violência, que cada um tem o direito de se defender do Bullying, por ninguém está obrigado a aguentar piada de ninguém.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 6 – ALUNO 6

data 13/11/14
S T Q Q S S D

Bullying e Cyber Bullying

O Bullying é uma coisa que o povo gosta para com erro. Muitas pessoas não sabem, fica fazendo bullying com o próximo. Sempre lembrar o próximo não fazer bullying com ninguém.

O Bullying já tá em todo lugar do mundo. Principalmente aqui em Aracaju, aqui em Aracaju o povo tem muito preconceito.

Toda vez quando passa com essas pessoas sempre chegar o racismo de tudo e aprender que sempre todo mundo.

Muitas pessoas aqui em Aracaju, não muito preconceituosas, sempre aprender que não deve deixar a cabeça para ninguém, não deixar levar ninguém para casa.

Muitas vezes as pessoas ficam depressivas com o suicídio com o bullying tem muitas pessoas que não sabem que se automatem.

O bullying leva você a Depressão.

Cyber bullying fazemos muitas pessoas critica não por celular.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 7 - ALUNO 7

Bullying e Cyberbullying

Costos ~~para~~ acontecem muitas vezes de forma-
do de brincar de brincar, as pessoas esquecem dos
seus direitos e acabam deixando passar e isso
se repete por várias vezes, mas não sabem que
asas brincadeiras não tem nada de inocentes.

Todos os dias alguém é vítima de preconceito
na escola, no trabalho, na rua... Mas todos os dias
também, cyberbullying que geralmente acontece pelo
celular e que gera mais conflito, pois as pessoas
conseguem acessar quando acontece em áreas que
todas as pessoas veem e isso acaba fazendo com
que mais pessoas se envolvam e gere um proble-
ma bem maior.

O Bullying acontece a partir do momento que você
está muito magro, ou você engorda demais, você é gay,
ou você é negro. As pessoas que cometem este ato
se sentem por cima ou acima de tudo, ou os outros
precisam colocar as pessoas para baixo para se
sentir melhor e mal sabem elas que isso não vai
melhor nada e vão deixar uma má impressão so-
bre ele.

Sabem acabar com isso, não deixe que alguém
te falte respeito apenas pelo fato de ser uma personali-
dade diferente de seus seus diferentes é que te
fazem melhor.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 8 - ALUNO 8

data 13/11/19

S T Q Q S S D

Bullying e Ciberbullying

As pessoas hoje em dia vivem numa sociedade em que o Bullying já é comum, várias pessoas de hoje se atende mais por aplicativo.

Várias pessoas não aguenta tanto bullying que elas ficam tentando fazer o próprio suicídio. Outras pessoas não aguenta o bullying calado algumas pessoas brigam outras denunciam entre outras coisas.

umas pessoas que tem medo de chegar na pessoas que está com raiva e dizer tudo, mais não ficam mandando mensagem, indireta e tal.

As pessoas deveriam se importar mais com sua vida do que a dos outros. As pessoas deveriam ter caráter e parar de bullying pois isso pode acontecer com seus filhos.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 9 – ALUNO 9

D S T Q Q S S

13 / 11 / 17

Bullying e Cyberbullying

O bullying e o cyberbullying são problemas que acontecem a muito tempo, mais à uns anos eles vieram mais atona pelo fato de acontecer suicídios e automutilações. E ficou mais reconhecido ainda com a série "Os 13 porquês" que tratava do bullying e outros assuntos. O cyberbullying está muito atona também muitos ficam falando da cor de pele, peso, por usar óculos, entre outros.

Um jeito de resolver o bullying é falar com os pais, mas muitos adolescentes não falam com seus pais por medo de que possa acontecer, muitas vezes também alguns se matam antes de falar com eles e outros problemas.

O jeito de acabar com o bullying é você falar pra seus pais, delegados, o fórum ou alguma outra autoridade. Não revide fale com alguém sobre isso.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 10 – ALUNO 10

6 Bullying e cyberbullying

O bullying acontece diariamente, em todo tipo de lugar, em casa, na escola, na rua, no bairro. É o nome de todos os tipos: xingamentos, calúnia, apelidos, coisas sem falta de noção. É sobre o que é pior? É a nem ~~em~~ vezes de quem menos imaginamos. Já o cyberbullying como diz o nome é bullying cibernético. Costuma acontecer por meio de redes sociais, SMS, e etc.

É um assunto que está à tona em todos os lugares, apps de todas as coisas, por exemplo: em blogs, redes sociais, apps como o Wattpad, amins; onde o assunto é comentado, debatido, ou no caso do Wattpad dentro de livros.

Os motivos para a prática? Quem é que sabe. A ~~razão~~ ~~motivo~~ é o fato das pessoas se incomodarem com tudo já era irritante o suficiente, ~~se~~ elas ainda xingam, ofendem, coisas que não são necessárias. Elas se incomodam com aparência sexual, cores de cabelo, tipos de roupa, se usa óculos. Em pleno século XXI e as pessoas ainda se preocupam com isso, humilhar as outras. O problema é o que causam nas outras, os sentimentos que ficam, e causam várias coisas na vida delas. As séries de TV estão aí pra mostrar um pouquinho do que acontece na realidade.

Concluindo, meu único desejo é que o bullying e cyberbullying acabem, que o preconceito acabe, que as séries e os livros ajudem a diminuir eles.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 11 - ALUNO 11

Bullying

13.11.17

No meu conhecimento; bullying é uma ação de violência verbal e física e que muitas vezes gera consequências graves, como a depressão. As pessoas deixam ser vítimas e não conseguem reagir, muitas vezes acham um jeito não muito legal, tentar reagir praticando o bullying também e isso é errado.*

O bullying aumenta cada vez mais porque o agressor se sente no comando, pois a vítima não reage e de se acha forte para continuar com as ações.

Para combater isso é preciso falar para a diretoria se for no caso da escola mas se for na cidade precisa se dirigir ao conselho tutelar, pois podemos tirar coisas ruins dessas situações. Muitas pais não fazem nada quando sabem que seus filhos estão passando por isso e isso é totalmente errado falar temas difíceis e seria uma sociedade mais tranquila se procurássemos eles.

O bullying precisa acabar, muitos causados por covardia e vergonha não podemos deixar que isso seja rotina.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 12 - ALUNO 12

O bullying é o ato de ofender o próximo, seja por, altura, peso, orientação sexual, algo que o faça "diferente". É muito comum encontrarmos o bullying no ambiente escolar, um local de copuldado vive um grupo de copulados desgraciados, o que faz com que os alunos abram um ciclo de conversas com os colegas, o que no início não tem trazendo grande mal, pois os colegas debatem veem o erro porém logo depois continuam com a prática do bullying.

Muitas vezes os alunos que sofrem bullying, também procuram como se defender, mas a maioria não consegue, pois eles se veem em duas opções ou se calar e se fechar pro os mesmos ou se rebelar e perder todos os seus direitos. Muitos alunos sem opção se suicidam ou praticam mutilações no seu próprio corpo.

Já com o surgimento da Internet foi criado o Cyberbullying ou seja o bullying virtual, muita pessoas que não tem a coragem de falar no "cara" que sentem no em rede sociais e fingem o outro pessoa, e muita pessoas acabam sendo vítimas ofensas, o que traz muita vergonha os envolvidos.

É o caso que devemos pensar antes de ofender alguém, pensar se ele se sente bem, pois que não sabemos por quanto tempo ele usará do a parte que quando for tarde demais aquilo desculpa não vale nada.

Bullying e Cyber Bullying

13.11.27

Em Antonina para ser uma cidade muito pequena há bastante casas de Bullying para mim eu acho isso uma pena, infelizmente pessoas com preconceito com as outras, inclusive aqui em Antonina o simples fato de você falar para um time já é caso de Bullying, se a pessoa é inteligente chamam de Nerds, se não é inteligente é burro, isso é uma pena para nossa humanidade.

Em geral é um dos locais que mais ocorrem o Bullying, alunos chantageando os outros, muitas vezes ocorrendo por causa do Bullying pessoas cometem suicídio por causa do Bullying, outros se matam tirando a suas próprias vidas, colocando um futuro para trás, fazendo uma família sofrer com a sua perda, infelizmente tudo isso é uma grande pena.

Na internet também ocorre bastante Bullying, se postamos uma foto já dá começo com preconceito, infelizmente muitas pessoas não sabem usar a internet, as deixam mais outros, acho que a pessoa devia lidar com essas coisas, o fato que mais ocorre Bullying é por conta de insírcias, gay, lésbico e o caso que é mais ocorrido em suas e internet.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 14 – ALUNO 14

data 13/11/17
S T Q Q S S D

Bullying e Cyberbullying

Nas escolas acontece muito o caso do bullying, não só nas escolas. A maioria das vezes em todo lugar. As vezes ridiculam outros não, não sabem o que fazer.

Mais o bullying não é acontecido quando você diz, quando você diz que você quer se cringar e você não fala nada se você tem algum problema no corpo e alçado, gay e o que mais sobre eu acho.

Clingem muito chega até bater do bullying pra violência se você não conta e tem as outras dos seus direitos você acaba apertando, do a pessoa que sofre com isto sabe a dor.

Os pais tem vez que tem sabe, as vezes sabem e não quer correr atrás dos direitos dos filhos, você não pode ridicular pois ficará bravo na história.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 15 – ALUNO 15

O BULLYNG E O CYBERBULLYNG SÃO UM DOS ASSUN-
TOS MAIS POLÊMICOS E FALADOS NOS DIAS DE HOJE.
PRATICAMENTE, TODAS AS CIDADES DO MUNDO SOFREM COM
ISSO E AQUI EM ANTONINA, NÃO É DIFERENTE, TANTO
NAS REDES SOCIAIS OU PESSOALMENTE, O BULLYNG ESTÁ EM
TODO LUGAR.

O BULLYNG QUE GERA O CYBERBULLYNG É CAUSADO
POIS OUM FAZ ISSO, GOSTA DE SE SENTIR SUPERIOR AO
OUTRO OU ELE JÁ SOFREU ISSO ANTES E DE CERTA
FORMA ESTÁ SE "VINGANDO". OU POR CAUSA DO PRECONCEITO.

PARA COMBATE-LO, AS VÍTIMAS DEVEM FAZER ESSE
PROBLEMA, PARA AS PESSOAS QUE MAIS COFIAM, E LAS
PODERIAM AVISAR A ALGUEM QUE AJUDAR BASTANTE E
ACABARIA COM ISSO. MUITAS VEZES AS VÍTIMAS AVISAM
A SEUS PAIS E ELAS COM OUTROS PROBLEMAS
NÃO DÃO MUITA ATENÇÃO E O PROBLEMA CONTINUA,
AVISAM AOS PAIS REALMENTE É A SOLUÇÃO.

AS VÍTIMAS EM VÁRIOS CASOS TOMAM ESCOLHAS FATAIS,
LEVAM ARMAS PARA MATAR O AGRESSOR E, CULMINAM
EM MORTES. TANTO DO AGRESSOR OU DA VÍTIMA.

COMBATER O BULLYNG NÃO É TAREFA FÁCIL MAS
NÃO IMPOSSÍVEL. O CYBERBULLYNG TAMBÉM DEVE SER
COMBATIDO, NAS REDES SOCIAIS PORÉ SEJA TÃO TERRÍVEL
QUANTO O BULLYNG PESSOALMENTE, AQUI EM ANTONINA
AMEAÇAS JÁ FORAM FEITAS POR CAUSA DE UM CAMPEO-
NATO E TAMBÉM DE BRIGAS PESSOALMENTES QUE
FOMAM PARA AS REDES SOCIAIS, ISSO ACONTECE NO
MUNDO TODO E DEVE SER COMBATIDO EM PESO, O
PRECONCEITO É ALGO SÉRIO, MENOS MORTES. O AGRESSOR
SEMPRE CONTINUARÁ COM ISSO SE NADA FOR FEITO.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 16 – ALUNO 16

(D) (S) (T) (Q) (Q) (S) (S)

13 / 11 / 2017

Bullying e cyber bullying

O bullying é uma coisa muito difícil de ser parada por que já está em todo lugar do mundo e todos o dia o bullying é praticado milhões de vezes, isso é uma coisa que devia parar.

Agora em internet é praticado muito bullying e as pessoas não tem consciência que isso é muito prejudicial para todos nós.

Hoje em dia muitas pessoas se matam e ficam até deprimidas porque sofrem bullying.

As pessoas podem sem perceber alguma coisa para acabar com o bullying de alguma forma, e se elas tentarem, conseguem.

Os pais das pessoas que sofrem bullying devem chegar no filho, conversar com ele e perguntar sobre ele ter e se ele quer denunciar a pessoa.

E os pais tem que fugir de tudo para ajudar o filho nesse momento que é muito difícil para o filho.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 17 - ALUNO 17

13/11/17

CIBER BULLYING

Atualmente na cidade de Antonina ocorre o famoso Bullying, muitas pessoas acham que isso não é um crime e praticam bastante, acontece mais com pessoas timidas, inteligentes que tiram nota boa.

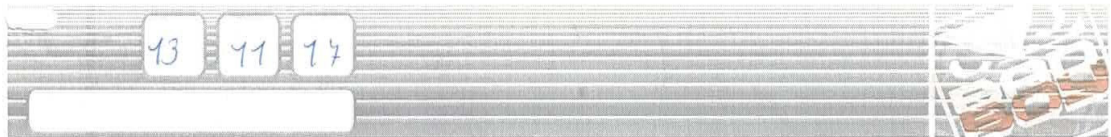
Talvez não aja explicação para quem pratica o bullying, pois isto é uma maldade e muitas vezes a vítima aguenta calado e não tem a capacidade de se defender.

Em outros casos a vítima também atinge o agressor de alguma forma estendendo-se a tal Briga por mais tempo e cada um se prejudicando mais.

Praticar Bullying é uma coisa "mesquinha" prejudicial, talvez se cada um se portasse no seu lugar e aceitasse as pessoas como elas são não haveria tanta violência e até mesmo suicídios. Bem Bullying é crime e não é uma coisa certa a se fazer.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 18 – ALUNO 18



Bullying e cyberbullying

A cidade em que convivemos existe algumas pessoas que sofrem Bullying e Cyberbullying nas escolas/ nas ruas, até em suas próprias casas com seus familiares.

O Bullying ocorre mais nas escolas, os próprios amigos ficam com Bullying com o próximo, mais por eles não apenas brincadeira mais a pessoa que está sofrendo Bullying leva a sério, e com isso eles ficam com raiva das pessoas e querem descontar a raiva nelas, leva arma pra escola, fura ou até comete suicídio.

Os pais das pessoas que sofrem Bullying não acompanha seus filhos nas escolas, não perguntam como foi seu dia na escola, seus pais só se preocupam quando acontece algo na escola.

As pessoas às vezes sofrem Bullying porque não sabem jogar bola, ficam xingando as pessoas, não é as pessoas que não sabe jogar por seu time, quando a pessoa entra pra jogar ficam com piadinhas, e a pessoa não fica com vontade de jogar.

Acho que as pessoas deveriam parar de fazer Bullying, a escola deve acompanhar mais esses alunos, pedir os pais que acompanhe eles, perguntem como foi o dia dela na escola, o que ela fez, deveriam chamar eles para jogar e não ficar com Bullying com eles.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 19 – ALUNO 19

Bullying

O bullying e o cyberbullying é o problema social pra todos e principalmente para os adolescentes o bullying acontece pessoalmente e virtual. isso é um problema muito grande, as pessoas sofrem o bullying e ficam calado não desobedece pra ninguém e capaz de fazer suicídio ou matar o outro.

Uma maneira de acabar com o bullying e denunciar a desobediência que você ficaria melhor e ela não ficava sozinha, o bullying e o cyberbullying é crime, não precisa pra que o bullying e se sofrer denuncie.

em todo lugar tem bullying, onde mora o bullying não é muito recato mais quando acontece o povo lá na na briga mais por dentro tá com muita raiva e não quer denunciar e nem falar. com aflição o bullying onde mais acontece e na escola apertado bestas.

O bullying é feito por que são diferente, apem diferente e as pessoas pensam que todos são iguais.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 20 – ALUNO 20

BULLYING E CYBERBULLYING

O Bullying é um problema sério. É que está presen-
te em todos os lugares, talvez você não perceba, mas sim, existe.
Tem consequências terríveis que só quem enfrenta esse problema
sabe como é, e o quanto é profundo. A maioria das pessoas trata
isso como se fosse "marra" da ~~vida~~ vítima, e deixa cair no
esquecimento.

Especificamente as consequências do Bullying tem graus
diferentes, mas não é por isso que os menores devem ser esquecidos.
Além do Bullying em ambientes públicos como escola e outros
lugares, há o cyberbullying. É o meio que o agressor usa para fazer
esses atos não ser reconhecidos, ficando assim imune aos puni-
ções a serem tomadas.

Não escola, ~~mas~~ a dever dos professores e diretores e tomar
as devidas providências quando isso acontece, e comunicar os
pais, pois eles ~~tem~~ têm poder resolver o problema, já que a
convivência entre os menores é bastante grande. Nas redes
sociais e internet, fica mais difícil, pois a maioria das vezes
a vítima muda de comportamento e os pais nem sempre perce-
bem isso. Ou porque tem problemas de mais para resolver ou
porque os pais não conseguem perceber e o filho não se
abre para eles.

Problemas psicológicos, mutilação ou até o suicídio são
umas das principais consequências do Bullying. Talvez uma das
formas de acabar com isso é conscientizando as pessoas,
mostrando a elas que todo mundo ~~deve~~ ~~deve~~ ~~deve~~ deve
se abrir ao próximo. Somos todos iguais, um tanto co-
mum compartilhado!

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 21 - ALUNO 21

data

S T Q Q S S D

Ciber Bullying

O Bullying é um grande problema social e escolar. A muitas vezes por causa do tal do Bullying nas escolas é onde é mais praticado com mais frequência na rua e praticado às vezes por causa dele a muitas de Alunos matando outros por causa do Bullying se podem o Bullying não era praticado em ~~em~~ nenhuma escola já isso é impossível de resolver mas si podemos evitar praticar Bullying podemos mudar um pouco disso. Aqui em Antonina o Bullying com frequência mas tem como resolver mas vamos evitar fazer Bullying.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 22 – ALUNO 22

Bullying e cyber bullying

O bullying é praticado de várias formas ele pode ser tão intenso que a pessoa pode cometer suicídio por não aguentar mais sofrer. Outra forma de bullying é o cyber bullying que pode ser praticado sem se descobrir e é muito cruel por que as pessoas que sofrem com isso estão sujeitas a humilhação e trauma psicológico. Mas a pessoa que está sendo sujeita a isso tem que tomar providências como denunciar, não ficar calado. Geralmente são pessoas gordas, muito magras, negros, gays e lésbicas.

METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO WHATSAPP PARA
A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REDAÇÃO 23 - ALUNO 23

BRIGHT

Bullying e Cyberbullying

Bullying é ato de violência, seja verbal ou física, mas Brasil praticar o bullying é crime, porém, não muitas pessoas denunciam, muitos têm vergonha de assumir que sofrem e serem considerados maus na sociedade.

Geralmente cyberbullying é mais frequente, pois as pessoas não tem medo de falar o que pensa, gostam de diminuir e explamar a vida e segredos dos outros querendo ficar por cima e não ser humilhado, e como não ser humilhado? Humilhando o próximo, esse tipo de gente não tem noção do ridículo, precisam ter senso e maturidade suficiente para entender que isso machuca e prejudica o ser humano.

Uma pessoa sendo abusada, sendo criticada assim resulta em coisa ruim as vezes, acabam se submetendo as agressões e deixando sua mente baixa, sem reação e deixando passar.

Aniso aqui que é crime e você pode denunciar!

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO *WHATSAPP* PARA A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Mota, localizada em Antonina do Norte-CE, coordenado pela professora Antônia Alexandre Barbosa, mestranda da Universidade Federal de Campina Grande, Mestrado Profissional em Letras, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo comparar as marcas linguísticas nos textos produzidos em sala de aula do nono ano do ensino fundamental com aquelas identificadas em sua escrita digital, mais especificamente nas conversas do *WhatsApp* e se faz necessário empreender esta pesquisa para que possamos utilizar as informações em favor do ensino da escrita escolar.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: cessão de mensagens e conversas trocadas livremente no grupo de *WhatsApp* da turma e de cinco textos selecionadas entre as produções escolares de rotina no ano 2017, cujas escritas serão comparadas para análise. Os riscos envolvidos com sua participação são: **cessão dos textos para o trabalho de análise.** Para que não haja desconforto ou falta de vontade, você pode optar por não participar do proposto sem que lhe cause prejuízos. Os benefícios da pesquisa serão: o aumento de conhecimentos, pois a pesquisa proporcionará sugestões aos seus professores que promoverão a melhoria da escrita realizada de modo significativo.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada à professora Antônia Alexandre Barbosa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Prof. Antônia Alexandre Barbosa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - MPL

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueirêdo, s/n - Casas Populares, Cajazeiras - PB

Telefone: (88) 992.54-2930

E-mail: silvanybarbosa@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como da forma como esta

será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

_____, ____ de _____ 2017.

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Antônia Alexandre Barbosa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE
LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor de 18 anos ou legalmente incapaz.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO *WHATSAPP* PARA A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos analisar comparativamente as escritas produzidas no *WhatsApp* com a dos textos escolares.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 14 a 16 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Mota localizada em Antonina do Norte-CE. Para isso, suas mensagens e conversas trocadas livremente no grupo de *WhatsApp* da turma serão capturadas para análise. Além disso, de suas produções escolares serão selecionados cinco textos para análise comparativa entre as duas escritas. Você não precisará responder perguntas ou outro instrumento. Também não precisará produzir novos textos para a pesquisa, tão somente assentir a utilização de produções realizadas na rotina escolar no ano 2017, as quais serão retidas para essa finalidade. Em contrapartida, a pesquisa poderá proporcionar sugestões aos seus professores que favorecerão a melhoria da sua escrita e de outros estudantes, através de um ensino significativo. Caso necessite esclarecimento ou algo relacionado à pesquisa proceda errado, você pode nos procurar pelos telefones (88) 992542930 ou (88) 3525.1800 da pesquisadora Antônia Alexandre Barbosa.

Se você morar longe da Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Mota, nós

daremos a seus pais dinheiro suficiente para transporte, para também acompanhar a pesquisa ou receber quaisquer esclarecimento.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa, vamos apresentar os resultados na escola de vocês e nos eventos de outros lugares para conhecerem o trabalho que fizemos.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS - INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E ESTRATÉGIAS DO *WHATSAPP* PARA A ESCRITA DE ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim”, participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Antonina do Norte – CE, _____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS-PB**

ANTÔNIA ALEXANDRE BARBOSA

**CARTILHA PEDAGÓGICA
WHATSAPP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: MENSAGENS
DIGITAIS COMO MATERIAIS DE LEITURA E ESCRITA**

**CAJAZEIRAS
2018**

ANTÔNIA ALEXANDRE BARBOSA

WHATSAPP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: MENSAGENS DIGITAIS
COMO MATERIAIS DE LEITURA E ESCRITA

Cartilha Pedagógica contendo uma proposta de trabalho com mensagens de WhatsApp, resultado das discussões apresentadas na Dissertação que teve como tema METAMORFOSEANDO A ESCRITA: TRANSPOSIÇÃO DE MARCAS E E ESTRATÉGIAS DO *WHATSAPP* PARA A ESCRITA DOS ESTUDANTES DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, sob a orientação da Professora Dra. Maria da Luz Olegário, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

CAJAZEIRAS

2018

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	04
2 WHATSAAP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	06
3 PROPOSTA DIDÁTICA: APRESENTAÇÃO.....	10
3. 1. Esquema da proposta didática.....	15
3.2. Desenvolvendo a proposta: etapas.....	17
3.2.1 Apresentação da situação.....	17
3.2.2 Produção Inicial.....	18
3.2.3 Módulo 1 - Apropriação das características sociodiscursivas do artigo de opinião.....	19
3.2.4 Módulo 2 – Retextualização das mensagens de <i>WhatsApp</i> para a linguagem do artigo de opinião.....	31
3.2.5 Módulo 3 - Produção escrita do gênero artigo de opinião, observando seus aspectos temáticos, estruturais e estilísticos.....	34
3.2.6. Módulo especial - Divulgação das produções escritas ao público.....	34
4 INDICAÇÕES DE MATERIAIS PARA DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

APRESENTAÇÃO

“Quando uma língua se espalha, ela muda (...) significa que os falantes têm inúmeras oportunidades de adaptar a língua, para satisfazer suas necessidades de comunicação e adquirir novas identidades” (CRYSTAL, 2004, p.36). Nessa perspectiva a língua no aplicativo *WhatsApp* Messenger (um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smarthphones*) adquiriu identidade própria para atender às necessidades dos usuários. Como na linguagem dos chats, a rapidez da comunicação fez com que adaptações fossem feitas de modo a permitir maior brevidade à comunicação. Em linguagem essas adaptações são naturais.

Entretanto, essas adptações linguísticas têm se tornado preocupantes para o ensino de língua portuguesa, visto que a apropriação da língua escrita em sua variante padrão está sendo dificultada. Na prática, os alunos sabem que são duas escritas distintas, embora trate-se de uma mesma língua, mas a a escrita convencional dos alunos usuários do *WhatsApp* parece estar, a exemplo do uso no aplicativo, marcada por brevidade e apresentando muito desvios do padrão.

Assim, decidimos realizar uma pesquisa para nossa dissertação de mestrado buscando observar em que medida o uso constante do aplicativo tem trazido marcas para a escrita convencional dos estudantes. A pesquisa nos levou a refletir que o uso da escrita, nomidada digital, faz parte da vida em sociedade, visto que o uso das redes sociais e principalmente do aplicativo WhtsApp está sendo usado em todos os setores, inclusive na escola. Os grupos de sala já são comuns em grande parte das escolas brasileiras. Servem de comunicação e troca de conhecimento entre docentes e discentes, mas o uso da escrita não tem sido considerada como material pedagógico.

Entendemos como necessário mudar essa realidade, por isso nos propusemos a contribuir com o ensino de língua portuguesa apresentando sugestões para trabalhar com essa escrita e organizar uma proposta didática que propõe um processo inverso, qual seja, a retextualização de mensagens do *WhatsApp* que passarão a constituir enunciados formais na composição do gênero Artigo de Opinião.

Dedicada aos professores de Língua Portuguesa, as páginas seguintes trazem o passo a passo da proposta e fazem as indicações e referências que ajudarão o(a) professor(a) a aplicá-la sem dificuldades.

Antônia Alexandre Barbosa

2 WHATSAAP COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Um recado especial aos professores de Língua Portuguesa.

Você tem se preocupado com o tempo que seus alunos dedicam ao celular, sobretudo em conversas de WhatsApp? É costume encontrar seus alunos interagindo em redes sociais, lendo e escrevendo em tais redes, inclusive utilizando o horário escolar para essa atividade?

E como anda a escrita de seus alunos? Você percebe que, embora utilizando a escrita constantemente para a interação em redes sociais, seus alunos continuam produzindo uma escrita escolar pouco satisfatória, se não com menos qualidade? Como tem sido sua reação a essa realidade? Você é contra o uso do celular como ferramenta no ensino?

Proibir o uso do celular, avaliar negativamente a escrita dos jovens e associar esse insucesso ao uso intenso de redes sociais pode não ser a melhor alternativa para encarar essa realidade. Primeiro porque são diversas as causas para os problemas da escrita e essas existem muito antes das redes sociais. Segundo, porque não se pode desvincular a escola e os alunos do mundo real e nele a comunicação online está cada vez mais intensa, especialmente o uso do aplicativo WhatsApp.



Assim sendo, o melhor que se pode fazer é utilizar essa ferramenta como recurso para a aprendizagem da escrita. A seguir apresentaremos algumas sugestões de como fazer das mensagens de *WhatsApp* material didático para o aprimoramento da escrita dos estudantes. Conheça-as e faça do WhasApp um aliado no ensino da escrita.

Fonte: Imagens Google (2017)

Fique atento à escrita no *WhatsApp*!

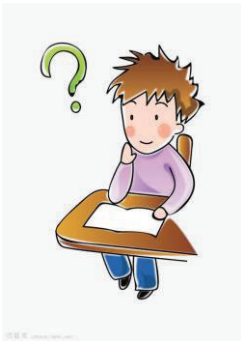
No *WhatsApp* os jovens escrevem, embora seja uma escrita com características bem próprias, é talvez hoje um dos espaços em que mais se expressam por escrito. E o grande diferencial que esses materiais podem apresentar é a motivação dos alunos para produzi-lo, pois os estudantes, em sua maioria, não têm dificuldade para uso do aplicativo e o fazem continuamente. Na internet há uma profusão de textos disponíveis para se trabalhar com a apreciação da linguagem digital, mas nossa proposta é a utilização dos textos dos próprios alunos, coletados em grupo fechado da sala e explorados pelo professor em aulas sobre convenções ortográficas, pontuação, sintaxe, morfologia e produção textual. Pode ser explorado também para ilustração e apreciação de neologismos e linguagem não verbal. Trata-se de material pedagógico que faz sentido para os estudantes e, portanto, justifica-se o seu uso como recurso pedagógico.

Para os alunos que não possuem um *smartphone*, sugerimos que o trabalho seja feito em duplas ou reproduzido em projetores para a turma em estudos coletivos. No quadro abaixo, relacionamos algumas sugestões de atividades com o uso do aplicativo.

QUADRO 1: Sugestões de atividades com a escrita das mensagens de *WhatsApp*

Nome da atividade	Conhecimento trabalhado	Descrição da atividade	Outras possibilidades
Encontre o ponto	Normas de pontuação	A atividade constitui-se em localizar sinais de pontuação nas mensagens de <i>WhatsApp</i> e identificar efeitos de sentido e propósito comunicativo do autor. Em seguida comparar	Criar um livro sobre as normas de uso dos sinais de pontuação conforme as ocorrências no

		o que diz a norma de uso do sinal analisado e estabelecer conclusões.	aplicativo, mostrando as variações entre esses usos e a norma padrão.
Arquitetura textual Começo Meio Fim	Sintaxe – coesão e coerência textuais	A atividade propõe que os alunos reúnam mensagens de uma mesma conversa, descartem aquelas mensagens que fogem ao tema selecionado, e montem um texto, ligando as mensagens por conectores ou sinais de pontuação. E, por fim, organizem as partes adequadamente em começo, meio e fim (introdução, desenvolvimento e conclusão).	Organizar mais de um texto, selecionando as mensagens que se cruzam na mesma conversa, de acordo com os temas abordados.
Sem conexão	Sintaxe – coesão e coerência textuais	A atividade propõe em encontrar nas conversas de <i>WhatsApp</i> as mensagens que não se conectam com as demais dentro de uma conversa, assim como as perguntas e comentários que não foram respondidos, ou seja, os truncamentos e rupturas que o texto possa apresentar.	Os alunos podem realizar uma atividade complementar: preencher as lacunas deixadas no texto e proceder à escrita dando unidade e coerência ao produto textual.
Como é que se escreve?	Convenções ortográficas	Os alunos deverão relacionar as palavras reduzidas conforme uso digital e	Produzir um quadro com as diversas variações da cada

 Fonte: Imagem Google		escrever em paralelo a versão convencional do dicionário. Além disso, identificar outras formas de escrita não-padrão da mesma palavra. Ao final, uma reflexão: em quais situações comunicativas pode-se utilizar as variantes e como evitar a escrita não padrão em textos mais formais.	vocabulo estudado, destacando entre elas a variante padrão.
Decifra-me  Fonte: Imagem Google	Linguagem verbal e não verbal	A atividade consiste em localizar mensagens que apresentam componentes verbal e não verbal e proceder à reescrita utilizando-se somente da linguagem verbal, atendendo às convenções ortográficas e normas da variante padrão.	
Tradução de mensagens	Modalidades de linguagem: língua oral e língua escrita	A atividade consiste em “ler” oralmente os textos das mensagens de <i>WhatsApp</i> “traduzindo” as suas convenções específicas em linguagem oral de uso.	Os alunos poderão reescrever os textos de acordo com as convenções da variante padrão.
Continue a história	Produção de narrativas	Atividade de escrita dirigida em que o professor pode nortear a produção com as dicas para que os alunos completem o texto ou explicitem uma informação. Após combinados em sala, a	Utilizando essa mesma estratégia podem ser desenvolvidas discussões, interpretações, análise linguística.

■ ■ ■		atividade pode ser continuada no contra turno escolar, de acordo com o tempo de cada estudante. O professor inicia a produção e os alunos dão continuidade. A cada necessidade, o professor intervém com perguntas e solicitação de intervenção do próprio aluno sobre o que foi escrito. Em sala, o texto poderá ser avaliado e reescrito.	Para tanto, é preciso que os alunos e professor tenham disponível o aparelho com o aplicativo e firmem acordos sobre os procedimentos a serem adotados.
-------	--	---	---

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Além dessas sugestões, cada professor, de acordo com o perfil de sua turma e conteúdo que necessita trabalhar, poderá criar novas estratégias ou adaptar as sugeridas para aplicação. Conforme nosso objetivo, apresentaremos a seguir uma proposta detalhada sobre a utilização do aplicativo *WhatsApp* a ser desenvolvida em aulas de Língua Portuguesa do nono ano do Ensino Fundamental ou, a critério do professor, adaptada para outra série.

3 PROPOSTA DIDÁTICA: APRESENTAÇÃO

A proposta didática tem como base a retextualização como estratégia para o ensino da produção textual: das mensagens espontâneas do *WhatsApp* à formalidade do Artigo de Opinião.

RETEXTUALIZAR é ...

Retextualizar é uma operação que envolve diversas outras operações complexas. São nove operações, segundo Marcuschi (2000) e, de acordo com o autor, podem ser reagrupadas em dois subgrupos ou conjuntos. Primeiro conjunto: operações que se fundem nas estratégias de eliminação e inserção; segundo

conjunto: operações que agrupam estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. Enquanto o primeiro conjunto de operações intervém superficialmente no texto, o segundo é responsável por mudanças mais acentuadas. É possível que alguns textos não apresentem, durante o processo de retextualização, todas essas operações. Para dar maior clareza sobre o que representa cada uma dessas operações, vejamos uma explicitação, conforme a obra de Marcuschi (2000), para o primeiro conjunto de operações:

QUADRO 2: Operações de retextualização

GRUPO	OPERAÇÃO	Descrição
Primeiro grupo: Operações de retextualização centradas na eliminação e inserção	Eliminação que toma por base a idealização linguística.	Nessa eliminação são retiradas as marcas estritamente interacionais, como os marcadores conversacionais, os truncamentos, as sobreposições de vozes e os comentários do transcritor.
	Inserção de pontuação.	
	Eliminação para uma condensação linguística.	Retira-se as repetições, redundâncias, paráfrases, assim como os pronomes pessoais (principalmente os egóticos: “eu” e “nós”) são excluídos e permanecem marcados apenas pelas desinências verbais.
	Estratégia de inserção.	São inseridos os parágrafos e reformula-se

		a pontuação, porém não é modificada a ordem do tópico discursivo.
Segundo grupo: Regras de transformação e mudança do texto base	Reformulação – explicitação de ideias e informações.	
	Estratégia de reconstrução em função da norma escrita.	Consiste em reordenação sintática, reconstrução de estruturas truncadas, adaptação de concordâncias e encadeamento do texto.
	Estratégia de substituição visando uma maior formalidade.	Modificar a sintaxe para se adequar aos aspectos da modalidade escrita formal, sem alterar o sentido do texto de origem ou introduzir novos sentidos ao mesmo. Ocorre um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas.
	Estruturação argumentativa.	Reordenar o tópico discursivo para haver melhor estruturação no aspecto argumentativo.
	Condensação	Agrupar os argumentos e as ideias expressas no texto oral (em nossa

		proposta adaptamos para o texto escrito digital), porém não ocorre a elaboração de um resumo, pois não se faz uma seleção, mas somente uma reordenação e uma apresentação mais coesa do conteúdo.
--	--	---

Fonte: Marcuschi (2000)

Segundo Marcuschi (2000), a partir das nove operações acima descritas, é possível transformarmos o texto oral para a modalidade escrita, passando de uma ordem para outra ordem, pois tanto o texto oral quanto o escrito apresentam ordem em sua formulação, o que permite a compreensão de ambos. Pretendemos utilizar essas estratégias para retextualizar os textos escritos digitais em escrita convencional formal.

Um outro aspecto importante, que não deve ser esquecido, são as imposições do gênero para o qual estamos retextualizando aquele enunciado, ou seja, as imposições do gênero e suas condições de produção (questões sócio, histórico e cultural) também entram em jogo no processo de edição de textos. Na proposta que ora apresentamos, o propósito é a produção de um artigo de opinião a partir de mensagens registradas em conversas de *WhastApp*, o que implica em adaptações importantes, visto que o gênero Artigo de Opinião pressupõe diferentes condições de produção.

Propomos, pois, a retextualização de mensagens - na verdade textos nos formatos de comentários opinativos, desabafos, e outras expressões das conversas de WhatsApp - para o gênero Artigo de Opinião, em atividades inseridas numa sequência didática para o ensino da escrita. Conforme propõe Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o ensino dos gêneros deve estar inscrito em uma situação comunicativa na qual os sujeitos envolvidos são participantes na construção do sentido. Nossa proposta toma por base a perspectiva desses autores acrescentando aos módulos algumas das estratégias de retextualização proposta por Marcuschi

(2004), tendo como objetivo proporcionar aos alunos a competência para a escrita de artigos de opinião.

No desenvolvimento de uma sequência didática são levados em conta quem diz, o que diz, para que diz, a quem diz, em que se situa o discurso do enunciado, criando as condições para a elaboração da representação do gênero por parte do aprendiz, tido como sujeito nesse processo, e para as escolhas linguísticas que esse aprendiz deverá realizar em sua produção textual. Por isso, ao trabalhar com a sequência didática, o professor assume alguns compromissos, quais sejam: identificar as necessidades da turma e, em sintonia com as proposições curriculares para aquele nível de escolaridade, selecionar os gêneros textuais pertinentes e produtores para o avanço linguístico da turma.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), essa escolha deve partir de uma motivação que pode vir do interesse ou de uma necessidade. Nossa escolha dá-se no contexto do interesse assim como da necessidade, pois, se por um lado no nono ano do ensino fundamental é momento em que se trabalha com textos de opinião, por outro lado é momento em que os estudantes fazem uso constante da argumentação espontânea, na modalidade oral ou na escrita informal no *WhatsApp*, sentem-se, por outro lado, despreparados ao traduzir esses argumentos para uma versão escrita mais formal. Assim é que o uso das mensagens de *WhatsApp* nessa proposta atende ao interesse dos estudantes e, para atender à necessidade, fez-se a escolha do gênero artigo de opinião.

3. 1 Esquema da proposta didática

A retextualização como estratégia para o ensino da produção textual: das mensagens espontâneas do *WhatsApp* à formalidade do Artigo de Opinião.

QUADRO 4: Esquema da Proposta didática

ÁREA DO CONHECIMENTO	Língua Portuguesa
NÍVEL DE ENSINO	Ensino Fundamental Final (9º Ano)
CONTEÚDOS	Leitura e compreensão de texto

	Pontuação Notações gráficas e sentidos no texto Articuladores nos textos argumentativos Produção de Texto
GÊNEROS A SEREM TRABALHADOS	Comentário Bate-papo Conversas no <i>WhatsApp</i> Reportagem Notícia Artigo de Opinião
SUPORTES	<i>Internet: Youtube, Google. WhatsApp</i>
DURAÇÃO	21h/a de trabalho em sala de aula. Atividades desenvolvidas no contraturno escolar.
OBJETIVO GERAL	• Desenvolver a competência escritora dos estudantes, buscando o domínio da variante padrão da língua portuguesa.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	• Motivar a produção escrita por meio do gênero comentário e debate no WhatsApp; • Refletir sobre os usos sociais da escrita e suas diferentes variedades, de acordo com a situação comunicativa, os sujeitos envolvidos, o gênero, o suporte e o propósito comunicativo; • Identificar possíveis interferências da escrita digital sobre a escrita convencional dos alunos, discutindo com os mesmos sobre usos e adequação dos níveis de registro; • Utilizar adequadamente elementos articuladores para garantir a coesão textual. • Conhecer características sociodiscursivas e recursos linguísticos explorados na produção do Artigo de Opinião.

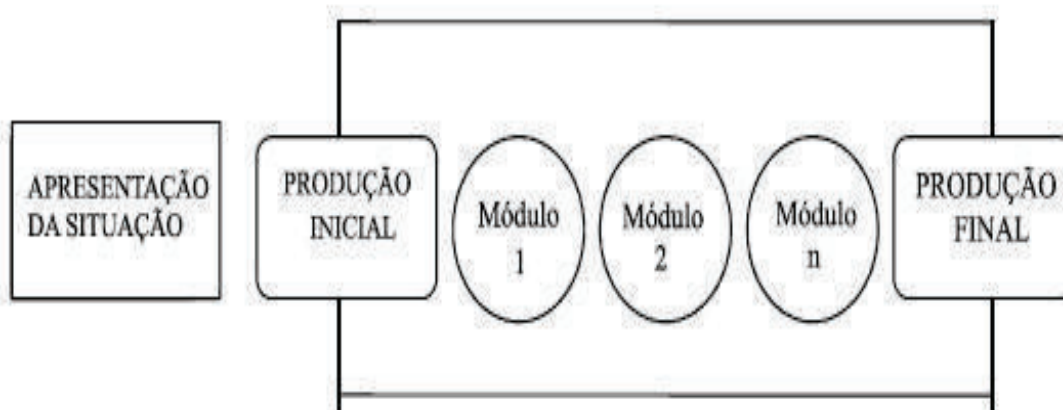
	• Produzir um Artigo de Opinião a partir da escrita no WhastApp.
HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS	• Usar as tecnologias digitais como ferramenta pedagógica para a ampliação do próprio conhecimento; • Atuar como sujeito do conhecimento por meio da pesquisa e interação com os demais sujeitos do processo; • Usar adequadamente a <i>internet</i>, respeitando as regras de convivência (netiquetas) • Desenvolver a argumentação.
METODOLOGIA	Instrução direta. Interação no aplicativo WhatsApp. Atividades em grupos. Escrita e rescrita de textos.
RECURSOS	<i>Data show</i> , caixa de som, smartphones, cópias de textos para análise, <i>internet</i> .
PRODUTO	Os artigos deverão formar uma Coletânea que será compartilhada pelos colegas da sala e outros alunos da escola. Para socialização das aprendizagens, os alunos organização um documentário gravado em vídeo em <i>smartphone</i> trazendo as vozes e informações sobre o tema trabalhado.
AVALIAÇÃO	Serão avaliados os usos da língua na modalidade escrita convencional (artigos de opinião) assim como o domínio da linguagem digital, através da observação participativa no grupo.

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

3.2 Desenvolvendo a proposta: etapas

O esquema a seguir ilustra a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), na qual está embasada a presente proposta didática:

Figura 1: Esquema da sequência didática



Esquema da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

3.2.1 Apresentação da situação

➤ **Objetivos:**

- Motivar os alunos para a formulação de opinião acerca do uso da internet em *smartphone* na produção de texto escolar.
- Apresentar a proposta didática aos alunos e discutir com eles sua viabilidade, destacando a importância da participação de todos durante toda a sequência de atividades para a consecução dos objetivos.

➤ **Tempo previsto:** 2h/a de 50 min.

➤ **Atividades:**

- Atividade 1: Motivação para a participação.
Promover uma discussão a partir da audição de música e da leitura de textos sobre o tema "A língua na era da informação": O que tem mudado com a internet? Como os estudantes têm se expressado mais na escrita: do modo convencional ou na versão digital? Por quê? É mais fácil digitar ou escrever? Encerrar a discussão com o seguinte questionamento: O celular atrapalha o ensino ou pode ser uma ferramenta pedagógica?
- Atividade 2: Apresentação da proposta.
A partir dessa polêmica, o professor deve apresentar aos alunos a proposta de discutir sobre essa e outras polêmicas e utilizar o aplicativo *WhatsApp* como recurso pedagógico para o desenvolvimento da escrita.

- Atividade 3: Enquete sobre o uso do aplicativo *WhatsApp* e disponibilidade para uso de celular.

OBSERVAÇÃO: Um dos alunos ficará responsável por criar (se ainda não existir) e adicionar todos os colegas que dispõem de smartphone no grupo da turma.

Recursos: Textos da canção para todos os alunos, projetor, caixa acústica, vídeo da música “Pela *internet*”, Gilberto Gil. Quanta. Warner Music, 1997.

3.2.2 Produção Inicial

Objetivo:

- Levantar os conhecimentos já dominados pela turma, assim como as necessidades de intervenção a serem feitas durante os módulos.

Tempo previsto: 1h/a de 50min

Atividade: Propor a escrita de um artigo de opinião abordando a questão polêmica levantada na aula anterior: Celular - um vilão ou uma ferramenta pedagógica?

Recursos: Folha pautada, lápis e borracha.

OBSERVAÇÃO:

Os textos dos alunos serão aportes necessários para o ajuste das atividades da sequência, de modo a atender às reais necessidades da turma.

2.2.3 Módulo 1 - Apropriação das características sociodiscursivas do artigo de opinião.

- Atividade 1 – O poder da argumentação.

Tempo previsto: 2h/a

Procedimentos: Leitura de títulos de reportagens projetados para sala; impressões dos alunos e comentários gerais do professor sobre as informações e opiniões expressas nos textos; contribuição dos alunos sobre informações e fatos de que tiveram notícia; posicionamento com defesa sobre a questão: **As vantagens que a *internet* oferece compensam os males que ela proporciona?**

Título 1 - Cuidado: uso excessivo de *internet* e celular pode viciar

Danos ao cérebro seriam similares aos de drogas como a cocaína.

Título 2 - As crianças e a *internet*: como educadores e pais devem lidar com a geração Y

Observamos com surpresa o total domínio que crianças pequenas demonstram no manuseio de *tablets* e celulares.

Título 3: Polêmicas rondam a *internet* para todos

Quase três bilhões de internautas. Mais de 40% da população mundial já acessa a *internet* de alguma forma. Mas e os outros quase 60%, como ficam?

Título 4: Nem tudo na *Internet* tem o mesmo valor.

Deveríamos começar a chamar as coisas pelo nome. E, neste caso, ‘regulação’ é mais adequado que ‘neutralidade na rede’.

Título 5: “A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças”, diz Edgar Morin. Crítica ao modelo ocidental de ensino e diz que o professor tem uma missão social, por isso, segundo ele, “é preciso educar os educadores”.

Título 6: Linguagem de *internet* preocupa educadores.

Escolas buscam estratégias para atrair a atenção dos alunos para escrita e literatura.

Recursos: Projetor, *slides* de imagens contendo os títulos de reportagem.

- Atividade 2 – Reconhecendo o gênero Artigo de Opinião

Tempo previsto: 1h/a

(Algum tempo disponível anteriormente para a preparação do ambiente)

Procedimentos:

Arranjo da sala de aula: Para essa etapa, prepare um mural com artigos de opinião que poderão ser também trazidos pelos alunos de forma voluntária, disponha de um varal com jornais (completos) para serem apreciados em sua estrutura e, caso disponha de acesso à internet, conecte-se com um site de um jornal mais conhecido. Nesse caso, tenha também disponíveis endereços de *blogs* e *sites* de articulistas famosos, de modo que possam ser mostrados aos alunos.



Fonte: Imagnes Google.

1º momento: Apresentação do gênero em seus portadores mais frequentes

- Os alunos serão convidados a folhear os jornais buscando entre os diversos gêneros os artigos, assim como poderão contemplar os títulos e trechos dos artigos de opinião dispostos no mural.
- Serão apresentados aos alunos os *sites* de articulistas. Sugestão: Além dos articulistas de jornais conhecidos, é possível localizar bons artigos em: <https://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/>

2º momento: Explicitação da situação de comunicação dos artigos de opinião.

- O professor deve explicar aos alunos que toda situação comunicativa envolve alguém que diz algo para alguém, com uma finalidade, adotando uma determinada forma de abordagem.

- Discussão sobre o espaço de circulação, a natureza dos artigos, sua finalidade, os suportes em que veiculam, a linguagem dos artigos, os possíveis leitores, e quem são os produtores desses textos.

Em suma, os alunos passarão, a saber, sobre os artigos de opinião:

1. Quem escreve? O AUTOR

Os autores de textos desse gênero, os articulistas, em geral, são especialistas em algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, Internet ou televisão. O articulista, no caso particular do artigo de opinião, é convidado por uma empresa jornalística para escrever porque é reconhecido tanto por ela como pelos futuros leitores, como autoridade no tema tratado. É fácil identificar quem escreve o artigo porque são assinados e também porque, geralmente, há informações sobre o autor em notas de rodapé.

2. Para quem escreve? O INTERLOCUTOR

Para leitores daquele jornal, site ou blog específico (cada jornal tem seu público de acordo com o interesse), interessados em saber a opinião do articulista sobre o assunto em questão.

3. O que escreve? O TEXTO

Escreve um artigo em que discute uma questão polêmica de relevância social, a partir de um ponto de vista que assumiu.

Atenção!

Questão polêmica é a discussão que se faz sobre algum acontecimento que provoque controvérsias, isto é, opiniões diversas sobre um fato, a partir de diferentes pontos de vista. Geram debates e, portanto, são oportunidades para a produção de um artigo de opinião.

4. Com que finalidade? **O** **PROPÓSITO COMUNICATIVO**

Para convencer o leitor de que seu ponto de vista sobre ela é o mais correto. Para isso, usam argumentos de diferentes tipos.

Sugestão: Apresentar aos alunos uma lista de argumentos:

5. Onde o texto costuma ser publicado? **O SUPORTE**

Jornais e revistas impressos ou jornais e revistas digitais, além de sites ou blogs.

Destaque para os alunos:

Ao escrever artigo de opinião, atentar para todos esses elementos que compõem a situação comunicativa e deve colocar-se no lugar do articulista para escrever. Assim,

escrever um artigo é assumir uma posição sobre a polêmica e fundamentá-la com argumentos que buscam convencer o leitor de que sua posição é a mais acertada.

Recursos: Jornais de diferentes épocas, computador conectado à internet, projetor.

- Atividade 3 – As questões polêmicas: conteúdo dos artigos de opinião.

Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos:

Nessa etapa, peça aos alunos que enumerem temas que eles julgam ser polêmicos e sobre os quais têm uma opinião formada; em sala, enumere todas as questões trazidas pelos alunos em papel *Kraft* (provavelmente muitas serão repetidas) e realize uma breve discussão a cerca do que fazem essas questões serem polêmicas, quais as controvérsias sobre cada uma, quem defende cada ponto de vista. Por fim, os alunos definem a questão que mais interessa ao grupo para debater. A discussão dessa questão polêmica deverá se estender no grupo criado no *WhatsApp* em que cada aluno deverá ter participação, podendo fazer quantas postagens forem necessárias para defender sua opinião. Nesse primeiro momento, os alunos não devem pesquisar, somente fazer uso daquilo que já sabem sobre o assunto e devem manter a netiqueta, própria dos espaços digitais (se necessário, produzir uma lista de regras para a convivência nos meios digitais e discuti-la com o grupo). Nessa atividade, o papel do professor será de mediador, ajudando os alunos a tomar posição a favor ou contra a questão polêmica e buscar justificá-las com argumentos (“sou a favor porque...”, “sou contra porque...”), evitando direcionar posições.

OBSERVAÇÃO: Definimos com os alunos pesquisados a questão trabalhada que gerou essa pesquisa de mestrado: ***Bullying na escola - isso é somente brincadeira.***

Recursos: Papel *Kraft*; canetas hidrográficas; *smartphones* com aplicativo *WhatsApp*.

- Atividade 4 – Produção inicial de um artigo de opinião

Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos:

Debatida a questão no *WhatsApp*, proponha que seus alunos se coloquem no lugar do articulista e que escrevam um artigo de opinião a partir dela. Explique que esta é uma escrita inicial, ou seja, eles não receberão maiores orientações e irão escrever a partir do que sabem sobre o tema. Explicita ainda que esse texto inicial servirá para que você faça um diagnóstico da escrita de cada um deles e que, analisando-as, saberá em quais aspectos da escrita deverá intervir. Outra finalidade dessa primeira escrita é que os alunos possam compará-la, ao término da sequência didática, com sua produção final e perceber seus avanços na escrita. Nesse momento, o professor não trata ainda das atividades que serão feitas a partir do cruzamento de linguagens (escrita digital e escrita convencional).

Ao final dessa atividade, em momento fora da sala, o professor fará a leitura dos textos e avaliará, a partir dessas questões:

- O texto traz ou não uma questão polêmica?
- O texto localiza ou não o leitor em relação à questão?
- O texto deixa clara ou não a posição assumida?
- O texto apresenta ou não o pensamento de opositores sobre o assunto?
- O texto traz ou não argumentos convincentes?
- No texto, há desvios de ortografia ou gramática e outras dificuldades para um texto formal?

Recursos: Material do aluno, ambiente silencioso e aconchegante.

NESSA ETAPA É IMPORTANTE: Encaminhar pesquisas que deem ao aluno condições para formar opinião sobre o tema trabalhado. Deve-se sugerir leituras de artigos, reportagens, entrevistas, documentários, vídeos, assim como pode realizado uma sessão de cinema e outras atividades que enriqueçam os conhecimentos dos alunos. As aprendizagens podem ser compartilhadas e as dúvidas sanadas em conversas no grupo do *WhatsApp* da turma. Essas atividades ocorrem ao lado das próximas etapas, preparando os alunos para a escrita final.

- Atividade 5 – As várias vozes que circulam no artigo de opinião.

Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos:

1º momento: Iniciar com alguns esclarecimentos aos alunos.

As nossas leituras são o resultado de muitas outras leituras. Assim, é possível fazermos o diálogo entre os diversos textos lidos anteriormente e fazendo pontes ao que estamos lendo no presente. Uma leitura é na verdade a soma de muitas leituras, pois a comunicação humana é marcada pelo dialogismo. Esse conhecimento prévio nos prepara para concordar ou discordar, totalmente ou em parte das ideias do autor, permite-nos perceber aspectos que não foram abordados pelo autor e faz-nos pensar sobre as possíveis razões das escolhas do autor. Isso é que muitos autores denominam leitura crítica, defendida também por Freire (1995). Essa leitura dá-nos autonomia para aceitarmos ou refutarmos as ideias veiculadas, exercendo nossa liberdade de opinião.

Por isso, ao ler um texto, pode-se também identificar que ele traz outras “vozes” que não as do autor, mas que “falam” pelo autor. O autor de um texto “conversa” com outras pessoas que pensam de formas diferentes da sua, através de outras leituras que ele faz. Quem lê um texto deve estar atento a essas “conversas” que muitas vezes nos remetem a outros textos.

2º momento: Os alunos devem ler o artigo *Bullying digital: quando a ameaça vem através da Internet* de Marcelo Azambuja.

Bullying digital: quando a ameaça vem através da Internet

Deboche, assédio, intimidação. Essas são algumas das atitudes relacionadas com o bullying. Esse tipo de atitude de um indivíduo, direcionada a uma vítima, infelizmente existe desde os primórdios da humanidade. Para que o bullying aconteça, é necessário que os agressores tenham contato com suas vítimas, e com as atuais facilidades de comunicação e interações virtuais, essas agressões têm alcançado números alarmantes. É o cyberbullying (ou bullying online), que abre as

portas para assédio 24 horas por dia, por meio de computadores, celulares, ou outros meios que usam a Internet.

O bullying é um problema mundial, onde a agressão física ou moral repetitiva deixam marcas para o resto das vidas. No mundo real, o bullying pode ser verbal e também com agressões físicas. No cyberbullying, as agressões são baseadas em ameaças, deboches e invasões de privacidade. Há casos onde o agressor consegue obter senhas da vítima, acessa seus e-mails, redes sociais, e a partir disso rouba fotos (muitas vezes íntimas, podendo causar problemas gigantescos) e espalha essas informações ou comete atos ilegais usando os dados da vítima. Por exemplo, mandando um e-mail para a direção da escola, ou professores, com xingamentos e desaforos, a partir do endereço de e-mail da vítima, somente para causar danos a sua imagem.

Apesar de boa parte dos adultos e pais não tomarem conhecimento desses fatos (apenas 1 em cada 10 adolescentes contam aos pais quando são vítimas de *cyberbullying*), esses casos são assustadoramente comuns. Pesquisas indicam que mais da metade dos adolescentes são vítimas de *bullying* online. É necessário que os pais acompanhem de perto o que acontece na vida virtual dos seus filhos, e uma dica dada por muitos especialistas é que os computadores utilizados por crianças e adolescentes precisam estar em locais centrais nas residências. Os pais precisam acompanhar o tipo de comunicação que os filhos estão tendo, e passar segurança para que, em casos de ameaças, os filhos não fiquem sem acesso ao computador, mas que relatem o fato para que possam ser auxiliados. Também é fundamental recomendar que não compartilhem senhas e fotos íntimas mesmo com pessoas que julguem da maior confiança.

Um dos tipos de *cyberbullying* mais comuns é ridicularizar alguém sobre o seu modo de vestir, ou etnia, religião etc. Um caso espantoso desse tipo que teve muita repercussão neste ano foi o causado por, vejam só, uma professora universitária no RJ. Ela postou no seu perfil do *Facebook* uma foto debochando da aparência de um passageiro no saguão do Aeroporto Santos Dumont. Esta foto foi sendo compartilhada e acabou chegando à própria vítima fotografada, um advogado em viagem de férias. A professora foi afastada do seu cargo na universidade onde trabalha e a vítima anunciou que a processaria judicialmente. A repercussão do caso talvez tenha servido de exemplo para outras pessoas que acham que podem

debochar de alguém impunemente, principalmente se este deboche for através de redes sociais, onde os comentários dificilmente ficam privativos.

Para evitar o *bullying*, uma dica dos especialistas é apresentar o mínimo de reação. Os agressores sentem satisfação ao fazer os outros se sentirem ameaçados e magoados. Se a vítima não demonstrar mágoa ou medo, o agressor se desmotivará. Discutir com alguém irracional não leva a lugar algum, então, não perca seu tempo. Apenas diga que têm coisas melhores para fazer e abandone a discussão, ignore as futuras mensagens e bloqueio-o nas suas redes sociais.

Pais, mães e professores: o fundamental é lembrar que os jovens precisam de um grande suporte social para não serem vítimas de *bullying*. Pessoas isoladas e retraídas costumam ser presas fáceis. Já as pessoas que possuem grupos saudáveis de convivência, praticam esportes e têm o acompanhamento dos pais em atividades do mundo real e virtual, dificilmente serão alvo dessas agressões, pois o grupo fortalece o indivíduo.

.Fonte: Jornal Panorama. Bullying digital: quando a ameaça vem através da Internet de Marcelo Azambuja. Disponível em: <http://www.jornalpanorama.com.br/site/coluna.php?idcoluna=107>

* Reflita e responda individualmente aos seguintes questionamentos. Em seguida, compartilhe suas reflexões com os colegas e professor.

1. Com quem o autor estabelece um “diálogo” no texto?
2. Na comunicação estabelecida pelo autor, através do texto, há uma perspectiva de concordância ou discordância?
3. Qual é a “conversa” que o texto fez (e ainda faz) com você? Como você se posiciona perante essa “conversa” estabelecida pelo texto?

Após alguns minutos, os alunos compartilham as respostas, e o professor faz os esclarecimentos sobre as vozes do texto e indaga: No texto que escreveu, você trouxe outras “vozes” à discussão, você “conversou” no texto com outros textos? Se sim, você trouxe essas vozes para discordar delas ou reafirmá-las?

Recursos: Cópia do artigo para todos os alunos.

- Atividade 6 Organizadores textuais e aspectos linguísticos

Tempo previsto: 2h/a

Procedimentos:

Iniciar as aulas com alguns esclarecimentos:

- Ao escrevermos um texto, devemos organizar nossas ideias de maneira que se tenha uma sequência, uma conexão entre as partes, formando um sentido geral no texto. Por isso, algumas palavras são fundamentais, não só para conectar as partes, mas também para estabelecer sentidos pretendidos. As conjunções, que também são conhecidas como conectivos, fazem esse papel de conectar, as partes de um texto. Os conectivos servem para introduzir um argumento, acrescentar argumentos novos, indicar oposição a uma afirmação anterior, concluir, estabelecer causa e consequência, indicar finalidade, além de muitas outras funções.
- Cada articulista procura manter um estilo próprio ao escrever seus textos. Ao observar diferentes artigos de diferentes autores, podemos notar que existem características comuns, mas há outras bem particulares em cada texto.
- Além dos recursos coesivos (conectivos, referentes), a construção do discurso, quase sempre em terceira pessoa, o uso de alguns tempos verbais e advérbios, os questionamentos, as hipérboles, a ironia são alguns exemplos das marcas linguísticas do autor presentes no texto. Tais marcas indicam a intencionalidade do autor.

Em seguida, deverá ser apresentado aos alunos um quadro dos articuladores e suas respectivas justificativas de uso, preferencialmente impresso para que possam consultá-lo sempre que necessário. (Sugestão: Um bom material é o que compõem o Caderno do Professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, Oficina 7, o qual pode ser adaptado e utilizado nesse momento da sequência).

Por fim, previamente organizado, o professor deverá ter coletado, através de “prints” e impressões, trechos das postagens dos alunos durante o debate no *WhatsApp* e ao longo das conversas, para análise em grupo. Os alunos deverão analisar os trechos e fazer as devidas alterações, de modo que o sentido seja garantido e as partes fiquem conectadas.

Ao final, o professor expõe o trecho em data show e cada grupo deve compartilhar com os colegas as alterações que fizeram, justificando-as.

Recursos: *Prints* do *WhatsApp* impressos para cada grupo; data show.

- Atividade 7 – A estrutura do artigo de opinião

Tempo previsto: 2h/a

Procedimentos:

Apresentar aos alunos algumas informações importantes:

Para estruturar um artigo de opinião, não é preciso seguir uma sequência rígida, porém todos possuem alguns elementos constituintes. Podem aparecer todos ou alguns em cada artigo, dependerá das escolhas do articulista. São principalmente os seguintes:

1. Contextualização e/ou apresentação da questão que está sendo discutida;
2. Explicitação do posicionamento assumido;
3. Uso de argumentos para sustentar a posição assumida;
4. Consideração de posição contrária utilização de argumentos que a refutem;
5. Conclusão (ênfase ou retomada da tese ou posicionamento defendido).

Propor aos alunos que leiam o artigo **A tecnologia na Educação**, dividindo-o em partes e identificando as partes pela numeração correspondente aos elementos listados anteriormente.

A tecnologia na Educação

Recentemente a Unesco divulgou um estudo que mostra que 67% dos estudantes de países em desenvolvimento e emergentes, que utilizam o celular para ler, consideram o aparelho adequado para a leitura, justamente por estar o tempo todo com o usuário. A mobilidade, a rede WiFi e redes móveis nas Escolas permitem aos Alunos o acesso a conteúdos de qualidade.

A utilização da tecnologia como ferramenta de interação entre Alunos e Professores tira os estudantes da condição de meros espectadores. Nesse sentido, os dispositivos móveis tornam-se parte do processo de aprendizado e são imprescindíveis, principalmente na aplicação do processo de aprendizagem por pares. Um dos aspectos positivos da aprendizagem que utiliza a tecnologia como aliada é que o Professor também não é um mero expositor.

Outra vantagem é que as aulas tornam-se mais interessantes, dinâmicas e lúdicas. Os estudantes, já familiarizados com os dispositivos móveis, acabam por se interessar mais pelo conteúdo ministrado e podem acessar o que foi ministrado em sala de aula a qualquer momento, de qualquer lugar. A metodologia exige mais dos Alunos, tornando-os mais responsáveis. A tecnologia permite que as instituições de Ensino organizem o conteúdo para disponibilizá-los no formato de videoaulas, podcasts (formas de transmissão de arquivos multimídia na internet criadas pelos próprios usuários), textos, games, etc.

Tais ferramentas prendem a atenção dos Alunos, facilitam o processo de aprendizagem e respeitam o ritmo individual de cada estudante. Em outras palavras, a aula acontece fora da sala de aula, e a lição de casa, na instituição de Ensino, o que é denominado de “sala de aula invertida” ou *flipped classroom*.

Entre as propostas da utilização da tecnologia, estão: aprofundar os temas ensinados; incentivar a produção, a criatividade e a criticidade; criar desafios aos estudantes; gerar produções; explorar o uso de recursos, tanto na web quanto fora dela; proporcionar integração e colaboração; e trabalhar diferentes opiniões e diversas fontes, entre outros objetivos. Em instituições que utilizam o método tradicional de Ensino, a tecnologia é vista como fim, e não como meio para alcançar determinado objetivo, ou até mesmo soa como uma ameaça ao bom andamento da aula.

Nesse caso, o Professor é uma figura que transmite todo o seu conhecimento em via de mão única, pois os estudantes são meros ouvintes, agentes passivos da aprendizagem, que vão esclarecendo suas dúvidas conforme a necessidade. E se o conteúdo ministrado não for interessante, é óbvio que as redes sociais distrairão os Alunos facilmente.

A verdade é que as instituições de Ensino não podem andar na contramão da tecnologia, pois a maioria dos estudantes do Ensino superior é formada por nativos digitais, que estão sempre conectados e não conseguem ficar distantes dos seus dispositivos móveis. Dessa forma, torna-se imprescindível a adaptação dos Professores a tal realidade, pois a tecnologia veio para ser um facilitador ao engajamento dos Alunos, desde que sustentado por metodologia pedagógica adequada.

Fonte: Estado de Minas. **A tecnologia na Educação**. Disponível em:
<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/35118/opinioao-a-tecnologia-na-educacao/>

Recursos: Cópia dos artigos e lista contendo elementos estruturais do artigo de opinião.

3.2.4 Módulo 2 – Retextualização das mensagens de *WhatsApp* para a linguagem do artigo de opinião

Atividade 1: Operações que se fundem nas estratégias de eliminação e inserção.

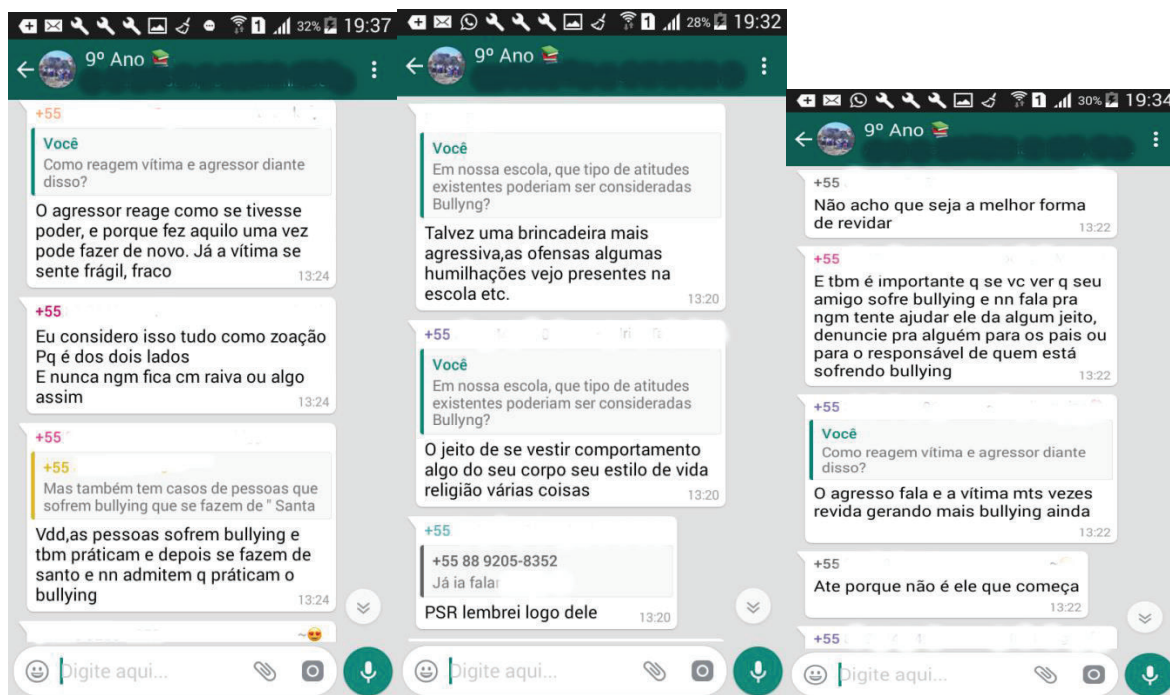
Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos:

Em duplas ou trios, o professor deverá encaminhar a seguinte atividade:

Leiam as mensagens seguintes, reflitam sobre os sentidos que elas expressam e reescrevam-nas, realizando de eliminação e/ou inserção de elementos às mensagens de *WhatsApp*, buscando a coesão e coerência textuais e estabelecendo uma situação de produção mais formal. Devem utilizar conectivos adequados e/ou retirar elementos desnecessários.

Texto do *WhatsApp* 1



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

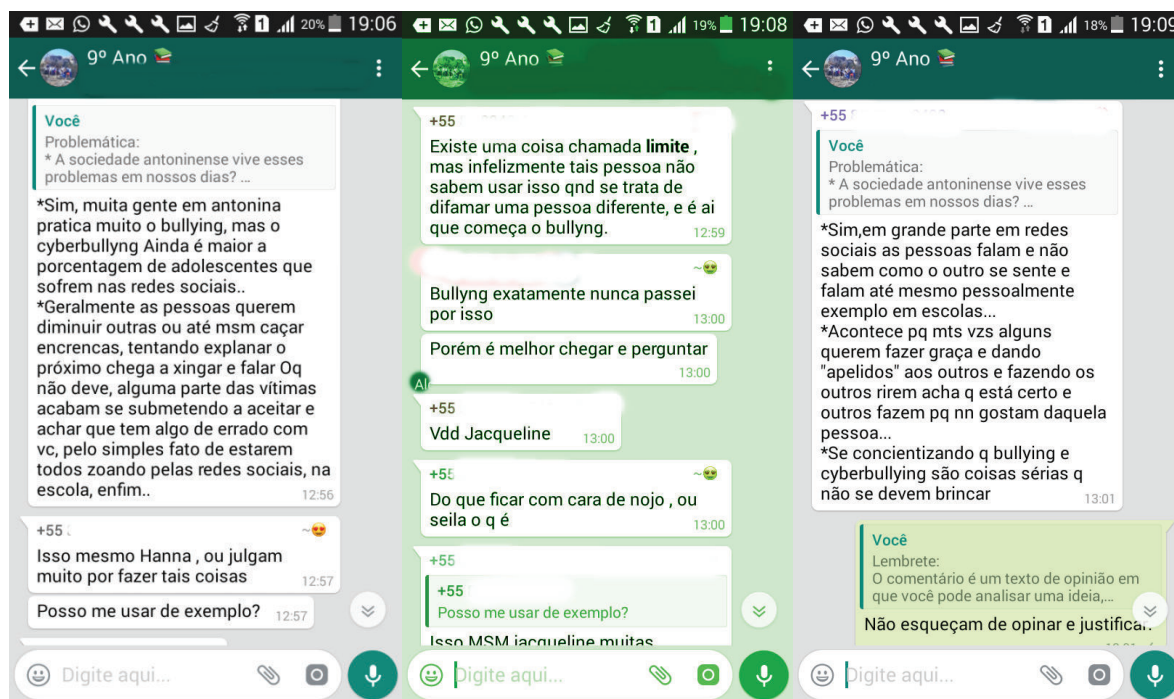
Atividade 2: Operações estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação.

Tempo previsto: 1h/a

Em duplas ou trios, o professor deverá encaminhar a seguinte atividade.

Leiam as mensagens seguintes, reflitam sobre os sentidos que elas expressam e reescrevam-nas, realizando substituições, acréscimos, reordenação e condensação de expressões, alterando as mensagens de *WhatsApp* para uma linguagem mais formal, próprias das utilizadas num Artigo de Opinião.

Texto *WhatsApp* 2



Dados da pesquisa (2018)

3.2.5 Módulo 3 - Produção escrita do gênero artigo de opinião, observando seus aspectos temáticos, estruturais e estilísticos.

Atividade 1 – Produzindo um artigo de opinião

Tempo previsto: 3h/a

Procedimentos: Reescrita coletiva de um artigo produzido na fase inicial; escrita individual do artigo; Correção e devolução com intervenções do professor sobre a escrita do aluno.

Atividade 2 – Produção Final.

Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos: Preenchimento de ficha auto avaliativa da produção; reescrita do texto.

3.2.6. Módulo especial - Divulgação das produções escritas ao público

Atividade 1 - Digitação e impressão dos textos dos alunos e organização da coletânea de artigos da turma.

Tempo previsto: Para essa atividade que será realizada em domicílio e entregue em mídia digital.

Procedimentos: Os alunos digitarão os textos em domicílio e deverão devolvê-los digitados. Pode-se solicitar a participação de um aluno para a edição ou buscar apoio do Laboratório de Informática da Escola.

Atividade 2 – Produção em grupo de um documentário

Tempo previsto: Definir um tempo com os alunos.

Procedimentos: O documentário será gravado em vídeo utilizando-se de *smartphone*, trazendo as vozes e informações sobre o tema trabalhado. Para isso, os alunos poderão se dividir em grupos: roteiristas; repórter; elenco formado por pessoas envolvidas no problema; trabalho técnico, etc.

Atividade 3 – Apresentação do documentário para toda a escola e inserção do vídeo na página oficial da escola em rede social.

Tempo previsto: 1h/a

Procedimentos: Preparar um ambiente para receber os alunos e professores, convidar outras pessoas interessadas na questão polêmica e divulgar a projeção do documentário. Entregar oficialmente à escola a coletânea de textos impressos a fim de que fique disponível ao acesso na Biblioteca Escolar.

Recursos: Projetor e caixa acústica.

4 INDICAÇÕES DE MATERIAIS PARA DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Títulos de reportagem:

Título 1 - **Cuidado: uso excessivo de internet e celular pode viciar**

Danos ao cérebro seriam similares aos de drogas como a cocaína. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/cuidado-uso-excessivo-de-internet-celular-pode-viciar-8636717>

Título 2 - **As crianças e a internet: como educadores e pais devem lidar com a geração Y**

Observamos com surpresa o total domínio que crianças pequenas demonstram no manuseio de *tablets* e celulares.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/canaltech/as-criancas-e-a-internet-como-educadores-e-pais-devem-lidar-com-a-geracao-y,f7266ce703f7904d4f87b1e45fda9b4da1tvvpf8.html>

Título 3: **Polêmicas rondam a internet para todos**

Quase três bilhões de internautas. Mais de 40% da população mundial já acessa a internet de alguma forma. Mas e os outros quase 60%, como ficam? Disponível em: <https://olhardigital.com.br/video/-polemicas-rondam-a-internet-para-todos/51488>

Título 4: **Nem tudo na *Internet* tem o mesmo valor**

Deveríamos começar a chamar as coisas pelo nome. E, neste caso, ‘regulação’ é mais adequado que ‘neutralidade na rede’. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/15/opinion/1513340309_493792.html

Título 5: **‘A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças’, diz Edgar Morin**

Crítica ao modelo ocidental de ensino e diz que o professor tem uma missão social, por isso, segundo ele, “é preciso educar os educadores”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>

Artigos de Opinião:

Bullying digital: quando a ameaça vem através da Internet de Marcelo Azambuja.

Disponível em: <http://www.jornalpanorama.com.br/site/coluna.php?idcoluna=107>

A tecnologia na Educação. Disponível em:

<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/35118/opinioa-a-tecnologia-na-educacao/>

UMA PALAVRA AO PROFESSOR

Escrever não é uma atividade simples, sobretudo quando essa atividade é realizada sob o ponto de vista pedagógico. Ensinar a escrever requer por parte do professor um planejamento de etapas a serem desenvolvidas de modo que os alunos consigam avançar e apresentar uma versão final de seu texto com muito mais qualidade do que a apresentada na versão inicial. Isso porque escrever não é resultado de inspiração, mas é uma produção. A sequência didática é uma proposta metodológica que atende muito bem a esse critério.

Trabalhar com os gêneros textuais numa perspectiva processual é uma forma de proporcionar aos alunos um avanço contínuo em sua aprendizagem. As vantagens para o aluno é que ele, à medida que adquire novos conhecimentos, melhora a qualidade do texto e, assim, sente maior segurança ao escrever.

A aplicação dessa sequência pode contribuir para a valorização do dizer do aluno, visto que traz para o ensino sua escrita real, escrita que faz sentido. Entretanto, o aluno terá a oportunidade de aprender novos jeitos de comunicar. E, mediante a intervenção didática do professor, o estudante apropria-se do gênero mais formal e adquire a segurança para traduzir o seu dizer a novas situações comunicativas, atuando como sujeito no processo de aprendizagem. Os conhecimentos linguísticos passam a ter sentido, pois os alunos têm um projeto textual e, auxiliados pelo professor, fazem conscientemente escolhas lexicais e gramaticais que assegurem adequação ao seu texto.

Esperamos que seja significativa para o trabalho pedagógico e que, nessa mesma perspectiva, sejam criadas outras propostas que valorizem a escrita dos alunos e os ajudem a alcançar autonomia na produção.

A autora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAMPS, Anna. et al. **Propostas didáticas para aprender a escrever**. Tradução Valérios Campos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec. Ponto de Vista. **Caderno do professor**: orientação para a produção de textos. Caderno da Olimpíada. 4. ed. São Paulo: Agwnm editora e produções editoriais, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 81-128.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p.15-43